

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

GIOVANNA MARTELETE DO AMARAL

**DOCTRINA REMANESCENTE: A ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA INTEGRALISTA NOS ANOS  
1990**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GIOVANNA MARTELETE DO AMARAL

**Doutrina remanescente: a atualização da memória integralista nos anos 1990**

Porto Alegre  
2019

GIOVANNA MARTELETE DO AMARAL

**Doutrina remanescente: a atualização da memória integralista nos anos 1990**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Luciana Murari

Porto Alegre  
2019

## Ficha Catalográfica

A485d Amaral, Giovanna Marteleto do

Doutrina remanescente : a atualização da memória integralista nos anos 1990 / Giovanna Marteleto do Amaral . – 2019.

124 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Murari.

1. Integralismo. 2. Memória. 3. Imprensa. I. Murari, Luciana. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

A Lílian, Lucas e Cauã.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à CAPES pela bolsa de pesquisa que possibilitou a realização dessa pesquisa. Ao PROUNI e aos que lutam por um Ensino Superior amplo e acessível a todos.

Aos professores da graduação e pós-graduação da PUCRS pelos anos de formação e aprendizado.

Ao professor Leandro Gonçalves pelo incentivo em entrar no mestrado e pelo primeiro ano de orientação.

Agradeço em especial à professora Luciana Murari, pela tranquilidade e inspiração das reuniões, por ter aceito me orientar no meio do caminho e pelas estradas futuras.

Aos meus amigos Maria Clara Hallal e Márcio Silveira pelas longas conversas antes e depois, mas principalmente pelo apoio durante a seleção.

Agradeço a minha amiga Taiane Fabiele Bringhenti da Silva, ao meu lado desde o início da graduação, que enfrentou comigo todas as provações e desafios. Seguir este caminho contigo e te ver avançando me traz conforto e esperança.

Ao meu companheiro Nykollas Gabryel Oroczo Nunes, pelo apoio e auxílio durante essa pesquisa, comemorando os sucessos e me ajudando a resolver os problemas, especialmente na etapa final.

Agradeço principalmente a minha filha, Lílian Marteleite do Amaral de Oliveira. Sou grata pela sua paciência e incentivo durante a pesquisa e os anos de estudo, por tornar o caminho mais leve e mais necessário.

## RESUMO

O integralismo surgido em 1932 teve uma trajetória de revés a partir seu fechamento em 1937. Entretanto, seus militantes permanecem buscando a ascensão do movimento ainda hoje. Essa pesquisa busca investigar a relação que os militantes mantêm com a história do movimento, a memória e a sua atualização nos anos 1990. A análise se dá através dos jornais *Renovação Nacional* (Rio de Janeiro/RJ) e *A Voz do Oeste* (Lins/SP), além do boletim *Alerta*, do Centro Cultural Plínio Salgado (São Gonçalo/RJ). Concentra-se no discurso efetuado pelos militantes sobre a identidade do movimento, estreitamente relacionada a sua história, sua relação com a nação, a religiosidade e o combate a um contínuo estado de crise diagnosticado na sociedade. A história do movimento é rememorada pelos militantes como resposta a problemas atuais, revisitando momentos críticos com um realce positivo. Em contrapartida, percebe-se o ressentimento dos militantes frente ao estado do movimento e a características da sociedade moderna, bem como as disputas que travam entre si e contra entidades de fora do integralismo. Por fim, analisa-se o papel do patriotismo e do civismo percebido pelos militantes nos anos 1990, e a permanência e atualização de rituais e símbolos do movimento, que são parcialmente utilizados e condicionados pelo contexto histórico.

Palavras-chave: Integralismo. Memória. Imprensa.

## ABSTRACT

Brazilian integralism risen in 1932 had a trajectory of setbacks following its shutdown in 1937, however, its militance has continued working towards the movement's ascension to this day. This research aims to investigate the relation the militance kept with the movement's history, memory and its update in the decade of 1990. The analysis is made through the newspapers *Renovação Nacional* (Rio de Janeiro/RJ) and *A Voz do Oeste* (Lins/SP), besides the newsletter *Alerta*, from the Centro Cultural Plínio Salgado (São Gonçalo/RJ). It focuses on the discourse presented by the militance about the movement's identity, strictly related to its history, its relation with the nation, its religiosity and the combat against a continuous state of crisis in society. The movement's history is recalled by the militance as an answer to current issues, revisiting critical moments with a silver lining. By counterpart, one can notice the resentment from the militance towards the state of the movement and modern society's characteristics, as well as the disputes they wage among themselves and with entities from outside of Brazilian integralism. Finally, here are analysed the roles of patriotism and civism as perceived by the 1990's militance, and the continuity and update of the movement's rituals and symbols, which are partially used and conditioned by the historical context.

Key-words: Brazilian integralism. Memory. Press.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>INTEGRALISMO NO SÉCULO XX: DOS ANOS 1930 AOS JORNAIS E REDES DE COLABORAÇÃO NOS ANOS 90</b> .....	<b>16</b>
2.1	DO MANIFESTO DE OUTUBRO AO 1º CONGRESSO INTEGRALISTA PARA O SÉCULO XXI.....	16
2.1.1	O período de auge: A.I.B.....	18
2.1.2	A via democrática: PRP.....	26
2.1.3	Os amigos militares: ARENA.....	30
2.1.4	Requentando e criando siglas sem o Chefe: a nova AIB.....	31
2.2	INTEGRALISTAS DE FIM DE SÉCULO.....	34
2.2.1	Os jornais e boletins.....	34
2.2.2	Os centros, instituições e reuniões.....	38
2.2.3	Colaboradores, anunciantes e propagandistas.....	41
<b>3</b>	<b>IDENTIDADE, CRISE E RELIGIÃO</b> .....	<b>44</b>
3.1	IDENTIDADE: “O INTEGRALISMO NA VIDA BRASILEIRA”.....	44
3.2	CRISE: A IMAGEM GERAL.....	51
3.2.1	A imoralidade: “contra a família brasileira”.....	57
3.3	CRISTO, EVANGELHO E SEITAS: RELIGIOSIDADE INTEGRALISTA.....	64
<b>4</b>	<b>HISTÓRIA E RESSENTIMENTO</b> .....	<b>73</b>
4.1	O MOVIMENTO QUE NÃO DEU CERTO.....	73
4.2	SOFRENDO PELO MOVIMENTO: O RESSENTIMENTO DA HISTÓRIA.....	79
4.2.1	Sofrendo pela sociedade: o ressentimento do mundo moderno.....	84
4.3	EMBATES SOBRE A MEMÓRIA INTEGRALISTA.....	87
<b>5</b>	<b>ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA E PATRIOTISMO</b> .....	<b>93</b>
5.1	ENTRE VELHOS E NOVOS: MITOS, RITUAIS E SÍMBOLOS.....	93
5.2	PELO BEM DA NAÇÃO: PATRIOTISMO E CIVISMO.....	101
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>110</b>

<b>FONTES</b> .....	115
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1990 é o período que concentra as minhas recordações de infância, como o antigo computador com Windows 95 e a internet discada que ocupava a linha do telefone, o filme do *Rei Leão* e todos os produtos de *merchandising* que o acompanharam. Os anos 1990 viram a popularização da internet e dos computadores no Brasil, o surgimento das salas de chat, que ainda não despertavam tão disseminado interesse em conhecer pessoas pela rede mundial de computadores como as ferramentas de hoje. Certamente a relação entre as pessoas mudou muito com o advento da internet, e o mesmo se deu com os militantes do integralismo<sup>1</sup>, que no fim do século XX já começavam a utilizá-la para arregimentar novos integrantes.

A década de 1990 pode ter começado esperançosa, vendo a posse do primeiro presidente eleito por voto direto depois do longo período em que esse direito foi negado à população. Mas a animação durou pouco: ao confisco das poupanças realizado pelo governo Fernando Collor de Mello se seguiu o escândalo de corrupção envolvendo o presidente e seu tesoureiro P.C. Farias, culminando no impeachment de Collor. Mas minhas primeiras recordações que podem ser relacionadas à economia e ao cenário político nacional são de anos mais tarde, quando o plano Real já havia sido instituído.

Lembro de ter aprendido cedo a diferença entre as moedas, quando uma tia me ofereceu de presente um valor que eu devia escolher receber em Dólar ou Real. Meus pais pularam para me orientar a escolher o Dólar, que na época valia “apenas” o dobro. Os 50 dólares que ganhei foram gastos nas lojas de R\$ 1,99 e camelôs que pipocavam de produtos “Made in China”, com tamagochis e bonecos de desenhos japoneses.

Mas havia uma parcela da população que não via com bons olhos a globalização cultural que esses produtos exemplificavam. Os integralistas, nesse mesmo período, criticavam os efeitos nocivos dos “estrangeirismos” e clamavam por mais educação cívica, especialmente

---

<sup>1</sup> O termo neointegralismo é empregado por diversos pesquisadores (ainda que sem uma unanimidade sobre seu início) para se referir ao integralismo na sua forma contemporânea, visto que ele incorpora “o integralismo dos anos 1930, a atualização integralista na atualidade e a visão de mundo e estratégias típicas do neofascismo em escala internacional”. (CALDEIRA NETO, Odilon. Integralismo contemporâneo ou Neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. *In.*: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga (eds.). *Las derechas en el cono sur, siglo XIX*. Actas del quinto taller de discusión, Los Polvorines, 2014, pp. 82-112.) Opto por não usar o termo neointegralismo neste trabalho, não por rejeitar a validade do uso, mas por não me posicionar a favor de um ou outro marco inicial legítimo para o uso do termo. As mudanças no movimento que o incluem entre os neofascismo me parecem ter acontecido de forma mais fluida que a delimitação de uma data específica pode indicar. Desta forma, me parece por enquanto mais apropriado pensar que o movimento adquiriu essas características ao longo de um processo, este sim mais ou menos compreendido entre a morte de Plínio Salgado e o fim do século XX.

para os jovens. Da minha parte, os minutos em fila para cantar o hino Nacional na escola eram apenas enfadonhos.

Naquela época, os militantes tentavam fazer o movimento ser mais conhecido e reclamavam da ausência de informações sobre o integralismo nos livros didáticos. Particularmente, não me recordo de ter tido aulas sobre o movimento no ensino básico, muito menos sobre a atuação dos militantes nos anos 1990. Me lembro de ter aprendido sobre o integralismo somente nas aulas da graduação, com espanto frente às características fascistas e à permanência da militância, ainda que consideravelmente reduzida.

Foi durante o segundo processo de impeachment que a recente democracia brasileira vivenciou, movido contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, que comecei a me interessar pelo estudo da direita, que mostrava já estar se “desavergonhando”. Eu já havia pesquisado sobre manifestações fascistas nos anos 1990, estudando o processo da Editora Revisão, no período em que estagiei no Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul, que possui a guarda dos processos movidos contra Siegfried Ellwanger Castan, editor e autor de livros como *Holocausto: Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século* e *Acabou o Gás!... o Fim de um Mito*.

O estudo sobre o integralismo que resultou na presente pesquisa trata de um movimento que nunca chegou ao poder, mas que nos anos 1930 foi capaz de mobilizar uma parcela significativa da população e que, ainda hoje, mesmo sendo pouco conhecido ou então reprovado, consegue cativar alguns militantes. A longevidade das ideias integralistas e a carência de trabalhos acadêmicos que abordem as manifestações mais recentes desse movimento motivaram inicialmente a realização deste trabalho.

Dos estudos existentes, Márcia Carneiro em *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*<sup>2</sup>, analisa a construção das memórias integralistas através de uma série de entrevistas com integralistas que militaram desde o período da AIB até os mais recentes integrantes no início do século XXI. Os trabalhos que se seguiram foram os de Odilon Caldeira Neto em *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento*<sup>3</sup> e a tese de Jefferson Rodrigues Barbosa *Integralismo e*

---

<sup>2</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. 415f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

<sup>3</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. 2011. 234f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

*ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica os herdeiros do sigma*<sup>4</sup> abordam o movimento nas suas expressões durante o século XXI. Os anos 1990 não possuíam ainda um trabalho que se dedicasse a estudar a militância integralista, que experimentava os últimos momentos antes de adentrar nas facilidades de contato pela internet.

A primeira vez que me deparei com os jornais que fazem parte desta pesquisa foi ainda durante a graduação, na disciplina de Seminário de História do Brasil contemporâneo. Para realizar o trabalho final da disciplina, recorri ao Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural PUCRS, que guarda o Acervo Documental Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular (AIB/PRP-DELFOS-PUCRS). Foram separadas as pastas e caixas do Fundo 5 – Diversos, Série 13 – Neo-Integralismo, das quais me detive nas caixas de documentos e no jornal *A Voz do Oeste*. O outro jornal com edições nos anos 90 era o *Renovação Nacional*. Porém, os textos em bloco com letra miúda – que lembravam jornais como *Correio da Manhã* do início do século XX – tinham uma estética mais desafiadora. Logo eu teria que me acostumar com essa característica do jornal, pois a visita ao arquivo havia colaborado também com a formulação do projeto da presente pesquisa.

Dos oito jornais neointegralistas do arquivo, selecionei para o presente trabalho *A Voz do Oeste* e *Renovação Nacional*, pois os outros jornais possuíam poucos exemplares durante os anos 90, ou não possuíam nenhum. Entre os boletins e informativos, selecionei o *Alerta* pois, assim como no caso anterior, a maior parte do acervo não se encaixava no período ou contava com poucos exemplares.<sup>5</sup> O Guia de Fontes AIB/PRP-DELFOS-PUCRS<sup>6</sup>, publicado em 2015, foi essencial para a seleção das fontes.

Os jornais representam aqui uma fonte de memória, pois foram neles que os militantes do movimento registraram informações sobre o passado do integralismo e sobre o seu presente naquele dado momento. O que desejaram publicar sobre o mundo, o Brasil e o integralismo

---

<sup>4</sup> BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica os herdeiros do sigma*. 2012. 717f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

<sup>5</sup> Os exemplares disponíveis no Delfos do jornal *Ação Nacional* (Nova Fase: rumo à Quarta Humanidade) começavam no ano 1999 e seguiam até 2002 e o boletim *Idade Nova* só tinha um exemplar do ano de 1999. O boletim *A Pátria* (Boletim Informativo CEHP) contava apenas com dois exemplares, também de 1999. Os outros jornais e boletins apresentavam exemplares anteriores ou posteriores aos anos 90.

<sup>6</sup> O Guia de Fontes Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul de 2015 era disponibilizado para download no site do DELFOS <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=aibprp-guia-de-fontes>>, mas atualmente o acervo está indisponível e aguarda nova etapa de organização, conforme informação do próprio site. O acesso ao Guia de Fontes também não está mais disponível no site. DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Guia de Fontes Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular* – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul de 2015. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=aibprp-guia-de-fontes>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

ficou registrado nas páginas dos jornais. Se o que tratavam correspondia à realidade não é o interesse principal desta pesquisa, mas sim o que intencionavam mostrar. Os jornais foram desde o início do integralismo a principal forma de dar a conhecer o movimento e congregar militantes, e assim continuava sendo nos anos 1990. Sobressai nos textos publicados pelos militantes uma memória deste grupo, resguardada e transformada.

Maurice Halbwachs foi o primeiro a teorizar sobre a memória coletiva. Seu trabalho inspirou diversas outras pesquisas sobre o tema. Para Halbwachs recordamos de algo pois confrontamos diversos depoimentos - inclusive o nosso - que assentem no que é essencial de determinada lembrança, ainda que esses depoimentos possam comportar divergências<sup>7</sup>.

As memórias individuais podem pertencer concomitantemente a grupos diferentes, seja a família, o grupo profissional ou outros, e aparecem dentro da memória coletiva como pontos de vista. Mesmo quando estamos sós, a memória é coletiva pois mesmo em pensamento estamos inseridos em um grupo, em uma comunidade. Também nossos pensamentos e atos quando estamos sozinhos, são explicados pela nossa natureza social, pois jamais deixamos de fazer parte de uma sociedade<sup>8</sup>.

As recordações que nos são mais fáceis de lembrar, são aquelas mantidas pelo grupo, das quais podemos nos apoiar mais facilmente. Quanto mais as memórias se apoiam dentro do grupo, mais facilmente são recordadas. Para Halbwachs, a memória coletiva é um imbricamento do conjunto de memórias individuais formando um composto de memórias comuns.<sup>9</sup>

Para Michael Pollak, o conceito de memória coletiva segundo Halbwachs tem importantes aspectos positivos, como uma adesão natural a uma comunidade afetiva que reforça a coesão social, sendo particularmente condicionado pela ideia de uma memória nacional. Mas se a memória de grupos marginalizados – a “memória subterrânea” – for analisada, percebe-se que a “memória oficial” pode ter um caráter “destruidor, uniformizador, e opressor”<sup>10</sup>. O autor defende ser necessário analisar a função das memórias coletivas, à qual ele credita a manutenção da coesão interna e a defesa das fronteiras do que o grupo mantém em comum em relação às diferenças externas.

Para tal, é preciso proporcionar um quadro de referências de memória, que realizaria um enquadramento da memória oficial, o que leva Pollak a preferir a denominação memória enquadrada, que seria um conceito mais específico que memória coletiva.<sup>11</sup> Segundo ele, a

---

<sup>7</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 4.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 9.

memória está intimamente vinculada à imagem que um grupo forma de si, à sua identidade. Interpretações diversas da memória de um grupo podem ter um efeito intenso na sua coesão social, causando cisões e até seu desaparecimento.<sup>12</sup>

O enfoque sobre as memórias subterrâneas lança luz sobre o conflito que os integralistas travam com a sociedade, em especial com os responsáveis pelo discurso acadêmico, sobre a memória do movimento. O confronto entre memórias também se dá entre os próprios militantes, que desenvolvem respostas diferentes para problemas que surgiram no passado sobre a identidade do grupo. Isso porque a memória é mobilizada de modo a cumprir diferentes propósitos.

O ato de memorização, segundo Jörn Rüsen, “mantém ou torna o passado tão presente que ele adquire serventia para a vida”<sup>13</sup>. Ele torna compreensíveis as relações essenciais do passado, possibilitando visar um futuro, pois a interpretação assume um papel preponderante sobre os fatos recordados. São o desejo de reconhecimento e o instinto de autopreservação que, através do esquecimento, suprimem recordações demasiadamente perturbadoras ao indivíduo ou ao grupo.<sup>14</sup>

Para Rüsen, a memorização atinge seu limite no período de vida do indivíduo. Entretanto, Michael Pollak atenta aos acontecimentos “vividos por tabela”<sup>15</sup> em que, por causa de uma intensa socialização política ou histórica dentro de um grupo, ocorre uma projeção ou identificação com um determinado passado que faz parte do imaginário do grupo ao qual o indivíduo pertence. Isso se tornaria uma memória “quase que herdada”<sup>16</sup>, o que também pode ocorrer em relação a uma pessoa, a um personagem com o qual o indivíduo não conviveu.

As memorações podem ser entendidas ainda como formas de orientação cultural, das quais foram definidos cinco aspectos, que descrevem suas funções. A primeira delas diz respeito à *experiência de problemas práticos da vida*, segundo a qual as memorações respondem de forma interpretativa aos problemas que são experimentados. Essa resposta tem como ponto de referência o presente, ou seja, damos sentido ao passado e organizamos a memória a partir de problemas que se apresentam no presente.

---

<sup>12</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricas*, v. 5, n. 3, p. 3-15, 1989.

<sup>13</sup> RÜSEN, Jörn; JAEGER, Friedrich. A cultura da memorização na história da República Federal da Alemanha. *In.*: RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 89-146. p. 99.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. p. 201.

<sup>16</sup> POLLAK, loc. cit.

Quanto ao segundo aspecto, Rüsen afirma que a memoração se dá de forma *verbalizada* no *contexto de comunicações*. As memorações devem ser entendidas como espaços de comunicação em que “se efetua numa trama pública de narrativas, interpretações e significações, sujeita a uma transformação constante causada pela interação social”<sup>17</sup>. Esse ato comunicativo se dá mesmo em relação ao próprio passado de uma pessoa.

A memoração é uma orientação para ação, segundo o terceiro aspecto, pois ela tem o *agir como ponto de referência*. As representações do passado orientam o agir no presente e também a ação para o futuro. É preciso reconhecer uma “multidimensionalidade e ambiguidade das ações humanas, suas contradições e ambivalências”<sup>18</sup> para avaliar as ações e os limites da ação no presente.

Um quarto aspecto diz respeito às *pretensões de validade de cunho cultural* da memoração. É preciso estar atento ao significado simbólico das memorações que são narradas pelos grupos, bem como ao sentido que eles atribuem a elas. Por fim, o último aspecto trata do papel da memoração na formação da *identidade dos seus sujeitos*. Trata-se de um processo que desfaz os limites culturais dos indivíduos através da temporalização da sua subjetividade. O indivíduo ou grupo, adquire uma concepção de continuidade pela identificação de pertencimento, seja a uma classe, nação ou outras estruturas comunitárias.<sup>19</sup>

Os militantes se identificam como pertencentes ao grupo e, da mesma forma, inserem o grupo numa temporalidade maior, a nação. Esta por sua vez, é associada à temporalidade religiosa, concretizando assim uma continuidade mais alargada que relaciona a diversas esferas. Ao adentrar no movimento, o militante precisa conhecer e aprender a doutrina integralista, a partir daí a memória social do grupo imbrica-se na sua própria.

Para Fentress e Wickham, é mais importante analisar o significado social, a estrutura interna e o modo de transmissão da memória social do que o caráter de “verdade” dela, contanto que se acredite que seja verdadeira. A memória social não pode ser tomada cegamente como expressão da experiência coletiva. Ela assume um papel identitário no grupo, dá sentido ao passado e delinea os desejos de futuro. Para fazê-lo, contudo, muitas vezes precisa se ancorar em acontecimentos que nem sempre podem ser comprovados historicamente.

Entretanto, sejam as premissas dessa exigência falsas ou não, interessa analisar como os grupos tomam suas memórias como verdadeiras. Neste sentido “a coerência e o apoio

---

<sup>17</sup> RÜSEN, Jörn; JAEGER, Friedrich. A cultura da memoração na história da República Federal da Alemanha. *In.*: RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 89-146. p. 107.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>19</sup> *Ibidem*.



proporcionados pelas memórias socialmente guardadas podem muitas vezes ser suficientemente fortes para superar e disfarçar contradições gritantes entre memória e realidade”<sup>20</sup> para os grupos que as mantêm.

A memória social, assim como a individual, é “muitas vezes selectiva, distorcida e pouco rigorosa”, mas isso se dá por “uma série de limitações externas, habitualmente impostas pela sociedade”<sup>21</sup>. Para os autores a memória não é inteiramente social ou individual, mas uma imbricação das duas esferas, a distinção entre elas é “na melhor das hipóteses, relativa”<sup>22</sup>.

A memória social em Fentress e Wickham se constitui pelas experiências partilhadas entre as pessoas, pelas ideias que assumem coletivamente, bem como pela linguagem, ensino e pela observação. A abordagem histórica da memória, dele levar em conta o seu caráter subjetivo e social, não se excluindo aí a possibilidade de que a memória carregue também informações objetivas.<sup>23</sup>

Os autores realçam a importância da memória para a formação da identidade, afirmando que, ao recordar, criamos uma representação de nós mesmos para nós e para os outros:

Sendo assim, então um estudo da maneira como nos lembramos — a maneira como nos apresentamos nas nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e colectivas através das nossas memórias e a maneira como transmitimos essas memórias a outros — é o estudo da maneira como somos.<sup>24</sup>

Desta forma, busca-se neste trabalho analisar o integralismo nos anos 1990 através das representações que fazem de si como grupo pelo trabalho de memória que realizam nos jornais.

A memória de um grupo não se mantém ausente de uma reflexão crítica, uma vez que, para Fentress e Wickham, “devemos situar os grupos em relação às suas próprias tradições, descobrindo como interpretam os seus próprios ‘fantasmas’ e como os utilizam para fonte de conhecimento”<sup>25</sup>. Disso advém a relevância de se trabalhar o caráter atualizador da memória, partindo das percebidas necessidades do presente dos grupos de editores e colaboradores da imprensa integralista estudada.

Os autores definem três atos mentais por trás da complexidade da memória; são eles o reconhecimento, a evocação e a articulação. Como reconhecimento, definem a identificação de algo ou alguém a partir do conhecimento ou de experiências anteriores. Por exemplo,

---

<sup>20</sup> FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992. p. 56.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 42.

reconhecemos um objeto como uma caneta pois já vimos uma antes ou tivemos contato com uma descrição de como devem ser as canetas.

Já a evocação não envolve a presença do objeto, é um ato interior de representação mental. A articulação é a etapa seguinte da memória, dar a conhecer aos outros a nossa evocação, ainda que ela possa também ser um processo interior. Os jornais integralistas operavam também no sentido da memória como um espaço de *articulação*.

As experiências que temos no presente são em boa parte dependentes do conhecimento que temos do passado. A própria imagem do passado serve geralmente para legitimar uma ordem social. Paul Connerton afirma que essas imagens do passado e o conhecimento adquirido dele são transmitidos e conservados através de performances que podem ser mais ou menos rituais.<sup>26</sup> Mas, ao recordar alguma coisa, o fazemos a partir do presente. Acabamos por alterar o passado a partir das necessidades do agora.<sup>27</sup> Da mesma forma, como indica Connerton, agimos na atualidade conforme experiências pretéritas.

Paul Connerton distingue três tipos de memória, a individual, a cognitiva e a memória-hábito. A primeira diz respeito à história de vida de cada pessoa, um passado pessoal. A segunda trata da memória das coisas que aprendemos em um determinado momento, como contar e o significado das palavras. A memória-hábito trata da nossa capacidade em reproduzir um hábito, como andar de bicicleta, ler e escrever. Essa memória se explicita na prática que realizamos para demonstrar que sabemos fazer uma determinada atividade.<sup>28</sup>

A nossa memória pessoal não se produz somente a partir das nossas experiências, mas depende também do relato e da memória de outras pessoas. Para Connerton, “a narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade”<sup>29</sup>. Isso quer dizer que há um elo entre as narrativas de memórias pessoais, já que elas precisam umas das outras para preencher lacunas, confirmar recordações e determinar versões dominantes. Da mesma forma, é o contexto de várias histórias narrativas que possibilita a identificação de uma ação com referência à história individual e pelo contexto social ao qual pertence.

Para o autor, é necessário estudar as formas como a memória social é transmitida, possibilitando que se recorde em conjunto. O enfoque se dá nas práticas corporais e nas cerimônias comemorativas, pois se “os hábitos sociais são essencialmente performances

<sup>26</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993.

<sup>27</sup> LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Press, 1985.

<sup>28</sup> CONNERTON, op. cit.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 24.

legitimadoras e, se a memória-hábito é inerentemente performativa, então a memória-hábito social deve ser também socialmente performativa num plano específico”<sup>30</sup>.

O estudo das cerimônias e rituais e do caráter atualizador da memória que eles engendram auxilia a compreensão de como a transmissão e a transformação da memória de um grupo social se operou entre os militantes integralistas. Todavia, não é do interesse dessa pesquisa restringir-se às práticas performativas. Os textos publicados pelos jornais integralistas e os relatos que atravessam essas narrativas apresentam possibilidades frutíferas de análise da memória.

O primeiro capítulo deste trabalho, “Integralistas de ontem e de hoje: os jornais e redes de colaboração nos anos 90”, aborda a trajetória do movimento integralista. Abrangendo desde sua fundação por Plínio Salgado em 1932, passando pelo período de auge, por seu fechamento no Estado Novo, o retorno do integralismo como partido com o PRP, a adesão à ARENA durante a ditadura militar, a morte do chefe e chegando até o estado do movimento nos anos 1990. O estudo deste percurso possibilita uma visão geral sobre o integralismo e as mudanças do movimento nos contextos diferentes pelos quais passou. É necessário, também, para que se possa falar de uma atualização, conhecer o objeto que foi atualizado.

Ao chegar no período de recorte desta pesquisa, os anos 1990, este capítulo se ocupa também de apresentar uma análise inicial das fontes, os jornais *Renovação Nacional* e *A Voz do Oeste*, e o boletim *Alerta*. Trata-se dos editores, colaboradores, público ao qual eram direcionados, forma de divulgação e alguns aspectos físicos dos periódicos como a presença e quantidade de anúncios e simbologias integralistas. Essa abordagem revela importantes questões sobre a organização dos jornais e dos grupos de militantes, bem como a relação que se estabelece com o público leitor, seja através dos anúncios ou da ação dos propagandistas.

No capítulo seguinte, “Identidade, crise e religião”, esses três aspectos são analisados buscando identificar como os militantes se colocavam no mundo e quais valores eram identificados por eles como representativos do movimento. O papel e o espaço da juventude dentro do movimento, como identidade do integralismo e os conflitos com os militantes mais antigos também é abordado.

É analisada a mobilização de uma ideia de Brasil pelos militantes, com frequência ressaltando uma pretensa “essência” que caracterizaria o país e o povo. O movimento era identificado como o próprio patriotismo em confluência com essa essência nacional, sempre caracterizando o integralismo como em perfeita integração com ela. Os militantes elaboram

---

<sup>30</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993, p. 39.

também uma dicotomia entre o que consideram um bom brasileiro e um mau brasileiro, e definem os que são considerados inimigos da nação.

Ao longo de todo o período analisado os militantes elaboram um discurso sobre a “crise”, a qual somente seria possível combater com o integralismo. A análise recai sobre a forma como apresentam essa ideia de crise e a sua solução. Dedicam-se espaço especial a um tipo específico de crise denunciada pelos militantes, a crise moral. Ela foi elaborada pelos militantes de forma generalizante, como causa e resultado de diversos problemas. Ligada a essa questão estava a religiosidade no movimento, também analisada neste capítulo. Ela é apresentada como um elemento moralizador para combater a crise e como fundamento da nação e do integralismo.

O terceiro capítulo, “História e ressentimento”, aborda a relação que os militantes estabelecem com a história do movimento, como eles a percebem e quais elementos ressaltam de forma mais importante, desde os motivos que desencadearam o surgimento do integralismo aos que levaram ao fechamento da AIB em 1937, passando pela intentona de 1938, às tentativas de afastar o movimento do fascismo. Em se tratando de uma história que não teve sucesso, neste capítulo é analisado o ressentimento dos militantes frente ao estado do movimento. Este foi frequentemente exposto pelos integralistas ao abordarem as manifestações que afirmavam o caráter fascista do movimento, especialmente as que provinham de historiadores e dos livros didáticos.

O ressentimento dos integralistas se manifesta ainda contra a modernidade e aspectos considerados nocivos à sociedade e ao avanço do movimento pelos militantes. O capítulo também aborda disputas sobre a memória entre os militantes, especialmente no que diz respeito à definição de fascista conferida ao integralismo.

O quarto e último capítulo, “Atualização da memória e patriotismo”, aborda os novos usos de símbolos e rituais, assim como os que se mantiveram ao longo da história integralista. São analisados a narrativa sobre a formação dos núcleos integralistas, as cerimônias e os rituais comemorativos empreendidos pelos militantes, buscando compreender a permanência e a mudança dessas práticas. Investigam-se as manifestações sobre os rituais comemorativos de datas como o lançamento do Manifesto de Outubro de 1932 e a intentona de 1938, além de outras simbologias integralistas como a camisa-verde.

O capítulo se ocupa ainda do patriotismo e do civismo que se baseavam numa identificação própria com a nação, numa necessidade de solução das crises e numa relação direta com o movimento. O civismo apareceu fortemente tratando-se sobre o culto a figuras históricas, das quais Tiradentes foi preponderante. Os mitos integralistas estavam fortemente interligados com o civismo e o patriotismo, os quais são também analisados neste capítulo,

investigando os elementos mais elaborados pelos militantes como as figuras históricas e o antagonismo às nações estrangeiras.

## 2 INTEGRALISMO NO SÉCULO XX: DOS ANOS 1930 AOS JORNAIS E REDES DE COLABORAÇÃO NOS ANOS 90

Quando alguém me perguntava sobre o que era a minha pesquisa do mestrado, sempre respondia sabendo que a explicação seria mais longa do que a pessoa esperava. Dizer que estudo o integralismo nos anos 90 resultava em uma expressão de dúvida que era seguida por mais uma pergunta: o que é esse tal de integralismo? Algumas pessoas ainda tinham uma referência e concluíam “ah, aquele do Plínio e do Anauê?”, mas em geral, fora do círculo acadêmico o assunto é pouco ou totalmente desconhecido.

Não poderia ser diferente, pois ao integralismo foram dedicadas rasas linhas ou mesmo nenhuma nos livros didáticos desde a década de 40 até o início do século XXI. O movimento foi relegado a uma posição de coadjuvante na memória histórica dos anos 1930, beirando a invisibilidade.<sup>31</sup> Mesmo no meio acadêmico, o integralismo passou muitas décadas sem atrair a atenção dos historiadores, e os primeiros pesquisadores a se debruçar sobre o tema foram das Ciências Sociais.<sup>32</sup> *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, de Héglio Trindade,<sup>33</sup> continua sendo a obra de referência sobre o Integralismo, pela qual todo pesquisador do integralismo passa invariavelmente.

Sendo assim, se faz necessário retomar a história do movimento, para ancorar o objeto na sua história e auxiliar no entendimento do período analisado. Este capítulo é dedicado a traçar um histórico do integralismo, desde seu surgimento até os anos 1990. Chegando na década que concentra a análise deste trabalho, serão analisados os jornais e boletins integralistas e seus colaboradores, bem como as particularidades desta imprensa que se distancia daquela que estamos acostumados a ver circular cotidianamente pelas cidades.

---

<sup>31</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. *O Integralismo nas Águas do Lete: História, Memória e Esquecimento*. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

<sup>32</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico-cultural miniano a acervo AIB/PRP (DELFOF/PUCRS). In.: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (Org.). *Centros de Documentação e Arquivos: Acervos, Experiências e Formação*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 95-112.

<sup>33</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

## 2.1 DO MANIFESTO DE OUTUBRO AO 1º CONGRESSO INTEGRALISTA PARA O SÉCULO XXI

É na década de 1920 que teóricos autoritários brasileiros tiveram suas primeiras obras publicadas. Nomes como Oliveira Vianna, Francisco Campos e Álvaro Bomílcar propunham projetos em alternativa ao liberalismo da época.<sup>34</sup> O nacionalismo se fortalece na literatura com Monteiro Lobato e Alberto Torres<sup>35</sup> e logo intelectuais e artistas se voltam para o nacionalismo, que vai nortear o Modernismo a partir da Semana de Arte Moderna,<sup>36</sup> com diversos movimentos artísticos surgidos após a Semana como o Verde-Amarelismo<sup>37</sup> (mais tarde Escola da Anta ou Movimento da Anta), em São Paulo. A política brasileira do período era controlada pela oligarquia rural, baseada na grande propriedade cafeeira e de criação e na economia primário-exportadora.<sup>38</sup>

Neste período ocorreram duas grandes transformações: a crescente industrialização (em curso desde o final do século XIX) e o acirramento da luta social juntamente com as reivindicações operárias.<sup>39</sup> O operariado deste período era constituído em boa parte por imigrantes e as primeiras organizações são realizadas sob influência do anarquismo, e posteriormente do marxismo. O próprio Partido Comunista Brasileiro tem origem nessa época, tendo sido fundado em 1922. Para Trindade<sup>40</sup>, estas questões vão influenciar a formação

<sup>34</sup> VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. A década de 20 e a gênese das ideias autoritárias no Brasil: o jovem Francisco Campos. *In.*: PAREDES, Marçal de Menezes. et al. (Org.). Dimensões do Poder: história, política e relações internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 115-134.

<sup>35</sup> TRINDADE, Héliogio. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

<sup>36</sup> A Semana de Arte Moderna de 1922 reuniu em São Paulo artistas que, apesar de não comungarem de uma estética em comum, pregavam a negação a qualquer “passadismo”, o rompimento com estéticas “importadas” e a busca pelas “raízes da cultura popular brasileira”. Nos anos subsequentes, as relações entre nacional e internacional se tornaram o foco dos artistas modernistas. (SEMANA de Arte Moderna (1922: São Paulo, SP). *In.*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 03 jun. 2018.)

<sup>37</sup> Ou Movimento Verde-amarelo, formado por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho e Alfredo Élis, constituía a tendência conservadora do Modernismo. Defendiam uma ruptura total com a herança cultural europeia e o autoritarismo. (VERDE-AMARELOS. *In.*: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/ArteECultura/VerdeAmarelos>>. Acesso em: 04 jun. 2018.)

<sup>38</sup> TRINDADE, op. cit.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

ideológica de Plínio Salgado e do integralismo. Nesse mesmo ano começa o ciclo de rebeliões “tenentistas”<sup>41</sup>, que logo levariam ao início da marcha da Coluna Prestes.

Outro elemento importante do período é a intelectualidade católica. O Centro Dom Vital, fundado em 1922, e a revista *A Ordem* (de 1921), congregavam figuras como Jackson de Figueiredo e o padre Leonel Franca, que se preocupavam com a queda do catolicismo e promoviam, nesse sentido, a reação católica.

### 2.1.1 O período de auge: A.I.B.

Plínio Salgado iniciou seus vínculos políticos no Partido Republicano Paulista por influência familiar, a qual também o sensibilizou pelo nacionalismo e religiosidade. Sua formação intelectual autodidata passou por diversos elementos, principalmente filosóficos, que também incluíram leituras marxistas.<sup>42</sup> O trabalho de jornalista em São Paulo no *Correio Paulistano* o colocou em contato com diversos grupos, entre eles o modernista.<sup>43</sup> Em 1926, publica o romance *O Estrangeiro*, caracterizado por Trindade como o “marco inicial da mutação ideológica do futuro chefe integralista”<sup>44</sup>. Isto porque a obra realiza o laço entre a atividade literária de Plínio e a ideologia política nascente, juntamente com os romances subsequentes, *O Esperado* (1931) e *O Cavaleiro de Itararé* (1932)<sup>45</sup>, frutos da análise social de Plínio, que remetem a uma sociedade envolta em angústia, em que “as novas classes sociais são bárbaros ameaçando as portas da cidadela, as revoluções trazem o mal e a peste”<sup>46</sup>.

Em 1930, viaja ao exterior, onde tem contato com o fascismo italiano, que lhe exerce grande influência. As reflexões e experiências com o fascismo vão se refletir nas suas ações ao retornar da viagem: “Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intelectuais esparsas,

---

<sup>41</sup> O Tenentismo foi um movimento político-militar que ocorreu nos anos 20 que adquiriu o nome por ter em sua grande maioria militares de baixa patente. Inconformados com o resultado eleitoral que deu a vitória para Artur Bernardes, iniciaram os levantes em 5 de julho de 1922 na Vila Militar e no Forte de Copacabana, frustrados pelos militares que não aderiram ao movimento. (TENENTISMO. *In.*: Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TENENTISMO.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2018.)

<sup>42</sup> “As novidades do materialismo histórico me haviam fascinado aos 17 anos” (SALGADO, 1935, p. 14 *apud* TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. p. 44.).

<sup>43</sup> Menotti del Picchia, um dos líderes do movimento, era redator-chefe do jornal *Correio Paulistano*.

<sup>44</sup> TRINDADE, *op. cit.*, p. 55.

<sup>45</sup> “O Estrangeiro preocupa-se com o problema da assimilação do imigrante à comunidade nacional, O Esperado descreve o drama das massas disponíveis à espera de um messias. O Cavaleiro de Itararé, enfim, faz a análise crítica das revoluções brasileiras.” (Ibidem, p. 64.)

<sup>46</sup> Ibidem, p. 77.



coordená-las, dando-lhes uma direção, iniciando um apostolado”<sup>47</sup>. A revolução de 30<sup>48</sup> vai tardar as ações de Plínio, mas logo em 1931 começa a difundir suas ideias pelo jornal *A Razão*, juntamente com Santiago Dantas. O ano de 1932 vê o surgimento da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) que reunia jovens intelectuais em torno de Plínio Salgado. Neste período publica uma série de artigos intitulados “Construção Nacional”, onde procurava delinear os princípios ideológicos de uma “nova revolução”, que deveria se estabelecer dentro da revolução de 30 para que esta tivesse um resultado positivo. A sede do próprio jornal *A Razão* foi palco da primeira reunião do SEP em 24 de fevereiro de 1932. O SEP vem para sanar a necessidade identificada por Plínio, ainda no exterior, de fomentar a “revolução das mentalidades” para construir a nação.<sup>49</sup>

No início dos anos 30, as ideias fascistas haviam se espalhado pelo Brasil, como argumenta Trindade<sup>50</sup> pela abundância da literatura sobre o tema nas livrarias da época. O terreno em que o integralismo vai se assentar é de uma sociedade que presencia uma radicalização e polarização ideológica. Diversas organizações de cunho fascista surgem como: Ação Social Brasileira, Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista e os monarquistas da Ação Imperial Patrianovista. Apesar de a maior parte deles terem tido repercussão apenas regional, marcam a penetração das ideias autoritárias no país, e futuramente, parte deles se agregaria ao integralismo.

Alguns meses antes do lançamento do Manifesto de Outubro, Plínio anuncia no SEP sua intenção de formar a Ação Integralista Brasileira. A maioria dos membros adere à proposta, mas ocorrem algumas dissidências. O Manifesto estava pronto ainda em julho, mas a Revolução Constitucionalista<sup>51</sup> em São Paulo adiará o lançamento do Manifesto para 7 de Outubro de

<sup>47</sup> Obra coletiva, 1936 *apud* TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. p. 83.

<sup>48</sup> É chamado Revolução de 1930, o movimento armado que depôs o presidente da República Washington Luiz, quase ao fim de seu mandato, com o objetivo de impedir a posse de Júlio Prestes e Vital Soares, candidatos situacionistas que haviam vencido a chapa Getúlio Vargas e João Pessoa nas eleições de março de 1930. A conflagração teve início em 3 de outubro e pouco tempo depois, Getúlio Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório. (LUCA, Tânia Regina de. *Revolução de 1930*. in.: BITTENCOURT, Circe (Org.). *Dicionário de datas da história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 229-233. p. 229.)

<sup>49</sup> CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 2.

<sup>50</sup> TRINDADE, op. cit.

<sup>51</sup> Em reação à Revolução de 30 foi formada em 1932 uma Frente Única entre o Partido Republicano Paulista (PRP) e o Partido Democrático (PD) a fim de retomar a autonomia de São Paulo e a reconstitucionalização do país. Após a indicação de um novo interventor para o estado, um confronto entre civis e a Legião Revolucionária (“braço armado” da Revolução de 30) leva à morte de quatro estudantes: Martins, Miragaia, Camargo e Dráusio. Seus nomes tornaram-se a sigla da primeira milícia civil da Revolução Constitucionalista (MMDC). A luta armada se estendeu de julho a outubro quando as forças federais suprimiram o movimento. Os paulistas aguardavam reforços de Mato Grosso e Rio Grande do Sul que nunca chegaram. (STERN, Ilka. *Revolução Constitucionalista de 1932*. in.: BITTENCOURT, Circe (Org.). *Dicionário de datas da história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 163-167. p. 162.)

1932. O documento, que se tornou referência para os integralistas até hoje, continha os seguintes itens: Concepção do universo e do homem; Como entendemos a nação brasileira; O princípio de autoridade; O nosso nacionalismo; Nós, os partidos e o governo; O que pensamos das conspirações e da politicagem de grupos e facções; A questão social como a considera a Ação Integralista Brasileira; A família e a nação; O município, centro das famílias células da nação; O estado integralista;<sup>52</sup> O Manifesto foi distribuído em São Paulo e enviado para todos os outros estados.<sup>53</sup>

A partir de então o movimento se organizou e se estruturou. Com algumas centenas de integrantes, em abril de 1933 ocorreu em São Paulo a primeira manifestação pública de destaque, com a característica uniformização, camisa-verde e sigma no braço. Logo, os desfiles se tornaram um importante ingrediente para cativar a população para o movimento. Para agregar simpatizantes e membros, formaram-se caravanas com destino a várias cidades e regiões, as bandeiras integralistas. Com as “bandeiras” foram fundados diversos núcleos e, em 1934, o integralismo já era um movimento de nível nacional.<sup>54</sup>

Gustavo Barroso e Miguel Reale formavam com Plínio a tríade intelectual do integralismo, concentrando a maior parte da produção teórica e doutrinária. Barroso era chefe das milícias, figura que concentrava a temática antisemita, e foi responsável por livros como *Brasil - Colônia de banqueiros* (1934), *O que o integralista deve saber* (1935) e *História secreta do Brasil* (1936). Reale era chefe do Departamento Nacional de Doutrina, autor do *ABC do Integralismo* (1935) além de dezenas de livros sobre Direito, área na qual se tornou personalidade de prestígio.

A organização dentro do movimento é rígida, hierárquica e vertical. O Chefe Nacional é a figura central e inquestionável, tem o poder total no grupo, a ele era feito o juramento solene quando um militante aderiu à AIB.<sup>55</sup> O culto à figura do Chefe, Plínio Salgado, se instituiu, pela eloquência e carisma de seus pronunciamentos, pela rigidez do código disciplinário e pela autoinstitucionalização do seu poder absoluto.<sup>56</sup> Assim, afirmavam os *Protocolos e Rituais* da AIB no Art. 11: “O Chefe Nacional é a synthe dos anseios de todos os Integralistas, o interprete

<sup>52</sup> MANIFESTO de outubro de 1932, *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 5-6, jan./mar., 1990.

<sup>53</sup> SALGADO, 1958 *apud* TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

<sup>54</sup> FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. *In.*: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 47-64.

<sup>55</sup> “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores” *Monitor Integralista*, 1937 *apud* TRINDADE, 1974. p. 173.

<sup>56</sup> Nos Estatutos da A.I.B. de 1934 o chefe é caracterizado como perpétuo, intangível e de poder permanente. (Ibidem)

e o defensor supremo da Doutrina do Sigma; mais que uma pessoa é uma idéia”<sup>57</sup>. O Chefe dispõe de um Gabinete Civil, Gabinete Militar e do Conselho Nacional, exclusivo para assessoria do Chefe. No âmbito nacional havia os departamentos nacionais de Doutrina, Finanças, Propaganda, Cultura Artística, Organização Política e Milícia. A mesma estrutura se repetia em nível provincial. A comunicação dos decretos do Chefe era feita pelo jornal oficial da AIB, o *Monitor Integralista*.

Em 1936 foram criados ainda a Câmara dos Quarenta, o Conselho Supremo e a Corte do Sigma, órgãos consultivo, auxiliar e representativo respectivamente. Posteriormente, a estrutura do movimento sofre grandes mudanças: consultivos e auxiliares ao Chefe Nacional ficam o Conselho Supremo, a Câmara dos Quarenta e a Câmara dos Quatrocentos. As secretarias se dividem em Corporações e Serviços Eleitorais; Doutrina e Estudos; Educação (Moral e Cívica); Finanças; Propaganda; Arregimentação Feminina e dos Plinianos; Cultura Artística; Assistência Social; Imprensa; Relações com o Exterior. As mudanças na estrutura da AIB mostram uma mudança significativa. O integralismo se aparenta mais com um partido político, começa a preparar a candidatura de Plínio para as eleições de 1937 e reflete o modelo de estado almejado, pois “a organização da A.I.B. é não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento de elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integral”<sup>58</sup>.

A composição dos dirigentes da AIB é sistematizada por Trindade, que aponta no nível nacional e regional uma preponderância da classe média superior – profissionais liberais e oficiais militares. Já os dirigentes locais são provenientes da classe média inferior – pequenos proprietários, empregados do comércio e funcionários-, e ainda com certa participação de camadas populares – pequena e média indústria, pequenos agricultores e artesãos.<sup>59</sup> É relevante salientar também que tanto os dirigentes quanto os militantes de base encontravam-se em ascensão social, e a AIB era uma possibilidade de inserção política, especialmente para os mais jovens.<sup>60</sup> A maior parte dos dirigentes da AIB em 1933 tinha menos de 30 anos, o próprio Plínio Salgado “é quase uma exceção, porque tinha ultrapassado os 35 anos”<sup>61</sup>.

<sup>57</sup> AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituales*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937.

<sup>58</sup> TRINDADE, Héliqio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. p. 169.

<sup>59</sup> Idem, *A tentação fascista no Brasil: Imaginário de dirigente e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

<sup>60</sup> TRINDADE, op. cit., 1974.

<sup>61</sup> Ibidem, p.152.

O integralismo relegava às mulheres a maternidade, cabendo a elas parir e educar. Entretanto, são as mulheres também responsáveis por passar a doutrina integralista aos filhos. Eram incentivadas a participar de ações sociais, educacionais e campanhas de arregimentação de novos adeptos.<sup>62</sup> A juventude tinha espaço desde cedo no movimento, que estava ciente das discussões pedagógicas da década de 30, ainda que fossem adaptadas às necessidades integralistas<sup>63</sup>. Segundo os *Protocollos e Rituaes*, as sedes municipais e distritais deveriam instalar uma escola de alfabetização e um posto de saúde antes de qualquer outra organização de assistência social. As escolas e postos não seriam exclusivos dos militantes, mas atenderiam a todos os interessados.<sup>64</sup> A juventude tinha assim uma atenção especial, designados “plinianos”, que tinham um juramento específico no integralismo:

Prometto ser um soldadinho de Deus, da Pátria e da Família; prometto ser obediente a meus paes, a meus mestres e a meus chefes; prometto ser amigo de meus irmãos, collegas e companheiros, prestando-les serviços, defendo-os e amando-os; prometto ser applicado nos estudos para tornar-me útil a Deus, à Patria e à Família; prometto cumprir o Regulamento dos Plinianos.<sup>65</sup>

Desde 1934 os plinianos eram organizados em grupos de escoteiros e recebiam ensinamentos práticos da doutrina integralista. O escotismo de Baden Powell foi aproveitado até onde fosse possível ser fiel ao integralismo.<sup>66</sup>

A doutrina integralista estava ancorada num humanismo espiritualista e na harmonia da vida em sociedade. Condenando a luta de classes, aspiravam um “retorno do ideal medieval de sociedade harmoniosa”<sup>67</sup> resultante da hierarquia social. A sociedade deveria estar organicamente organizada, integrando os três grupos naturais: a família, o grupo profissional e o município. O espiritualismo integralista é profundamente inspirado na compreensão tradicional da doutrina social católica. O homem devia estar em constante aperfeiçoamento e evolução espiritual e moral, condicionando-o à concepção do integralismo que culmina na ideia profética de uma “Quarta Humanidade” que:

[...] terá sua base física na América Latina e que a “raça cósmica” que fecundará esta nova civilização terá como traços fundamentais: agudeza dos instintos graças à sua

<sup>62</sup> SIMÕES, Renata Duarte. *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)*. 2009. 185 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

<sup>63</sup> VIANA, Giovanni Noceti. *Orientar e disciplinar a liberdade: Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas - 1934/1937*. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

<sup>64</sup> AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937. p. 28.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>66</sup> VIANA, Giovanni Noceti. “Um Cadinho de Caracteres”: aproximações sobre a juventude integralista (1934-1937). In.: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 65-82.

<sup>67</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. p. 209.

origem étnica indígena; bondade extrema que caracteriza os povos infantis; profunda espiritualidade e tenacidade na luta, nascidas da conquista da terra e da luta contra a exploração econômica.<sup>68</sup>

Uma extensa gama de símbolos e práticas era necessária ao integralista. Desde uma minuciosa descrição do vestuário, até ações negadas a quem estivesse trajando o uniforme da AIB. Os *Protocollos e Rituaes* versavam sobre a vestimenta dos homens, mulheres e crianças, o tom de voz que deveriam utilizar ao realizar a saudação “Anauê”, batismo, casamento, funeral, viagens, ações pessoais, em público, etc. As especificações de conduta e solicitações necessárias são de uma ritualística burocrática, especialmente na presença do Chefe. Tomando por exemplo os protocolos sobre viagens do Chefe Nacional:

Art. 188 - Ao embarque do Chefe Nacional deverão comparecer todos os Integralistas da cidade onde elle se achar. Art. 189 Pouco antes da partida do trem, navio ou automóvel, a maior das autoridades presentes da Província, após cantado o hymno “Avante!”, brandará: - “Integralistas! Pelo Brasil! ... Pelo Estado Integral!... Em fidelidade ao Chefe Nacional, Plínio Salgado, diante da vida e diante da morte! Tres Anauês!” Os presentes responderão: - “Anauê! Anauê! Anauê!” No momento em que o trem, automóvel, navio ou avião se puzer em movimento, os Integralistas cantarão o Hymno Nacional. Art. 190 - Nas estações intermediárias, em que o trem tiver de para, ou nos portos, aeroportos, ou entradas de cidades, quando se trate de navio, avião ou automovel, deverão estar concentrados todos os Integralistas da localidade, envergando a camisa verde. A passagem do Chefe Nacional, se dará da seguinte forma: A maior das autoridades presentes exclamará: - “Integralistas! Ao Chefe Nacional, Plínio Salgado, tres Anauês!” Todos os presentes, responderão: - “Anauê! Anauê! Anauê!” A autoridade determinará que seja cantado o hymno “Avante!” Terminado este, si estiver previamente combinado e houver tempo, um orador poderá saudar o Chefe Nacional. Em seguida, a autoridade pronunciará o juramento segundo a formula constante do artigo 189, cantando-se logo em seguida o Hymno Nacional. [...] Art. 192 - Quando o Chefe Nacional viajar de automovel, ao chegar nas divisas de um Municipio, o Chefe Municipal ou comissão por elle designada, do Municipio em que o Chefe está entrando, deve vir ao seu encontro, proseguindo com elle a viagem até o lugar em que se encontre com a comissão de recepção ou Chefe Municipal da localidade seguinte.<sup>69</sup>

As exigências e especificações de um embarque ou passagem demonstram uma constante reafirmação de solenidade sobre a figura do Chefe e uma excessiva ritualização da interação deste com os militantes. Os símbolos utilizados eram também minuciosamente regulados, sendo o principal deles o sigma maiúsculo -  $\Sigma$  – representando, como sinal de somatória, a integração “de todas as forças sociais do país na suprema expressão da nacionalidade”<sup>70</sup>.

<sup>68</sup> TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: Imaginário de dirigente e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 61.

<sup>69</sup> AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937. p. 61-62.

<sup>70</sup> TRINDADE, op. cit. p. 7-8.

A adesão ao movimento se deu por três motivos principais: o anticomunismo, a simpatia pelo fascismo europeu e pelo nacionalismo.<sup>71</sup> Trindade mostra que o primeiro motivo está muito vinculado ao segundo, visto que o PCB ganhou uma força mais expressiva só em 1935 a partir do surgimento da ANL. Apesar das críticas apocalípticas feitas pelos jornais brasileiros desde a eclosão da revolução na Rússia em 1917, Rodrigo Patto Sá Motta<sup>72</sup> argumenta que a propaganda anticomunista foi modesta se comparada ao esforço empreendido após 1935, endossando a ideia de Trindade.

A simpatia pelo fascismo europeu, quando não foi motivo explícito, era demonstrada pela afinidade com o embate destes contra o comunismo e liberalismo. Trindade ainda afirma que o grande número de militantes que aderiram ao movimento por esta razão “reforça a hipótese do parentesco ideológico entre o integralismo e o fascismo”<sup>73</sup>. Por fim, o nacionalismo, elemento impregnado na doutrina integralista, encontrou solo fértil numa sociedade marcada pela revolução de 30 e pelo nacionalismo literário modernista da década de 20. O nacionalismo foi extensamente explorado no integralismo, desde o culto aos “grandes vultos da pátria” – prática exigida pelos *Protocollos*<sup>74</sup> aos militantes – até a falha tentativa de substituir o “capitalista” Papai Noel pelo “nacionalista” Vovô Índio. O nacional é evocado no discurso integralista de forma emotiva e intuitiva, envolvendo uma caracterização generalizante do brasileiro que amputa a reflexão do leitor ou ouvinte.<sup>75</sup> O que estrangeiro é excluído, sobretudo o comunismo que ultrapassa o “antinacional”, e o impossível de vingar no Brasil, é “alienígena”. Outros motivos também foram apontados por Trindade<sup>76</sup>, mas sempre entrelaçados com esses três principais.

O integralismo tinha por inimigos declarados o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional, a maçonaria e o judaísmo. Este último não era consenso entre os integralistas, apesar de ser um elemento forte nos textos de Gustavo Barroso. Seu livro *Brasil, Colônia de Banqueiros* (1934) foi influente no meio antisemita e, após a Segunda Guerra, entre os

<sup>71</sup> TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: Imaginário de dirigente e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

<sup>72</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. 372 f. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

<sup>73</sup> TRINDADE, op. cit., p. 69.

<sup>74</sup> AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituais*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937. p. 56.

<sup>75</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>76</sup> Trindade aponta (além do anticomunismo, simpatia pelos fascismos europeus e nacionalismo) a oposição ao sistema político da época, valores autoritários, valores espirituais, corporativismo, desenvolvimento do país e anti-semitismo. (TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.)

revisionistas do Holocausto que buscavam nele argumentos de uma suposta conspiração judaica, sendo inclusive reeditado pela Editora Revisão em 1989.<sup>77</sup> Durante a década de 30, houve embates entre integralistas e comunistas, sendo famoso o confronto da Praça da Sé em sete de outubro de 1934 contra a Frente Única Antifascista, que deixou cinco mortos. A mística integralista contava com um lugar especial para os mártires. O primeiro mártir integralista foi Nicola Rosica, que passou a ser celebrado por muitos anos depois. Alguns dias antes do confronto na Praça da Sé, durante a visita de Plínio à cidade de Bauru-SP (três de outubro de 1934), ocorreu um tiroteio em meio à passeata integralista, em que Rosica foi atingido.<sup>78</sup> Quando ocorre o falecimento de um integralista, ele é “transferido” para a milícia do além, de onde continuaria sua jornada.

No decorrer de 1937, os integralistas se preparavam para as eleições em que Plínio concorreria à Presidência da República. Concomitantemente, havia uma aproximação e crescente apoio ao governo Vargas e seu projeto centralizador.<sup>79</sup> Com efeito, em 1º de novembro daquele ano, os integralistas marcham até o Palácio da Guanabara e saúdam Getúlio Vargas. O objetivo para Plínio era mostrar ao mesmo tempo a força do integralismo e seu apoio ao governo. Ele acreditava que o integralismo seria a base do novo governo, “Perguntei qual seria na nova ordem, a situação da Ação Integralista Brasileira, ao que o Dr. Francisco Campos respondeu que ele seria A BASE DO ESTADO NOVO”<sup>80</sup>.

A marcha não teve o efeito esperado, pelo contrário, teria encorajado Getúlio Vargas a pôr um fim no integralismo, que teria apresentado um contingente de adeptos muito menor do que afirmava.<sup>81</sup> Poucos dias depois, em 10 de novembro de 1937, entra em vigor o Estado Novo<sup>82</sup> e, logo, o fatídico fim da Ação Integralista Brasileira com o decreto de fechamento de

<sup>77</sup> A Editora Revisão foi fundada em 1987 em Porto Alegre por Siegfried Ellwanger Castan após o lançamento do seu livro *Holocausto judeu ou alemão, nos bastidores da mentira do século*. Castan comercializava obras anti semitas próprias e de diversos autores. Após polêmica participação na Feira do Livro de Porto Alegre, foi denunciado pelos Movimentos Popular Anti-Racismo e de Justiça e Direitos Humanos em novembro de 1991, ao Ministério público do Rio Grande do Sul que iniciou os trâmites legais. O processo se desenrolou até entrar em última instância em 2003, que terminou com a condenação do editor.

<sup>78</sup> DOTTA, Renato de Alencar. Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo (1932-1938). in.: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Mauricio (Orgs.). *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismos, nazismos e fascismos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 347-364.

<sup>79</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>80</sup> SALGADO, 1946 *apud* CALIL, 2001. p. 65.

<sup>81</sup> CALIL, Gilberto Grassi. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 30, n.1, p. 65-86, 2010.

<sup>82</sup> O Estado Novo foi instituído em 10 de novembro de 1937 tendo como justificativa a “descoberta” de um plano comunista o “Plano Cohen”. O documento foi na verdade escrito pelo capitão Olímpio Mourão Filho, chefe do estado-maior das milícias integralistas, sob os olhares das autoridades militares do exército. Era o passo final para a implantação do regime que vinha sendo preparado com o aumento da repressão e apoio de políticos, intelectuais e militares. Após o golpe, os partidos políticos foram cassados e o projeto político de

todos os partidos políticos. Os meses subsequentes foram de negociações entre o novo governo Vargas e o integralismo, ao que Plínio relata que Vargas lhe ofereceu a pasta da Educação e Saúde,<sup>83</sup> a qual o Chefe negou. Ao contrário do que foi relatado por Plínio, Vargas havia feito a oferta sem intenção de concedê-la após o golpe. Isso teria gerado um sentimento de traição entre os integralistas e se tornaria um ponto de disputa na memória integralista nas décadas seguintes.<sup>84</sup> O integralismo se colocaria numa posição delicada, tendo um Chefe Nacional subordinado a outro Chefe Nacional. Para manter a coesão e organização do movimento, o integralismo voltou a ser uma associação civil ainda em 1937, sob o nome de Associação Brasileira de Cultura (ABC).

Logo, a ABC é proibida também, juntamente com qualquer publicação integralista. O rompimento com o Estado Novo fica nítido e começa-se a organizar o levante de 1938. Os integralistas se unem aos liberais, descontentes com o novo governo e, como garantia, a chefia da milícia é entregue a um general liberal anticomunista.<sup>85</sup> A chamada *Intentona Integralista* ao Palácio da Guanabara realizou-se em maio de 1938 sob a liderança de Severo Fournier, em um ataque armado que, no plano, envolvia cerca de dois mil e seiscentos homens. Em realidade, a deserção foi tão grande que apenas 30 homens apareceram, travando uma luta de algumas horas que não passou dos jardins do Palácio.<sup>86</sup>

A partir daí o integralismo entrou definitivamente na clandestinidade, com intensa campanha do governo, utilizando inclusive o fracasso do atentado para ridicularizar o movimento. Plínio Salgado, que estava foragido desde a Intentona, foi capturado e levado a Fortaleza de Santa Cruz em 1939. De lá, partiria para o exílio em Portugal.

---

desenvolvimento econômico, intervencionismo e industrialização de Getúlio Vargas foi posto em prática. Durante o Estado Novo foram criadas diversas leis trabalhistas de ampla base social, mas a pressão social pelo fim do regime ao término da Segunda Guerra Mundial, fez com que o governo preparasse medida para, aos poucos, encerrar o Estado Novo. Neste período organiza-se o *Queremismo*, movimento apoiado pela propaganda governista que desejava a continuidade de Vargas no poder. Antes das eleições de 1945, militares forçam a saída de Vargas, que retornaria eleito democraticamente no pleito de 1951. (ARAUJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.)

<sup>83</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 66.

<sup>84</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

<sup>85</sup> CALIL, op. cit.

<sup>86</sup> CALIL, Gilberto Grassi. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, v. 30, n.1, p. 65-86, 2010. Calil ainda afirma que, não fossem os erros cometidos na execução do plano, ele poderia ter dado certo: “o sigilo não havia sido rompido e pegava Vargas desprevenido, como revelam as falhas de sua segurança. Além disso, o Chefe da Guarda do Palácio da Guanabara na noite do ataque integralista, o Tenente Júlio do Nascimento, era integralista e partícipe da conspiração, e evitou a reação da guarda”. (CALIL, op. cit, 2001. p. 74.)



### 2.1.2 A via democrática: PRP

Em Portugal, Plínio já planejava o retorno ao Brasil e a reformulação do integralismo. A publicação do livro *A Vida de Jesus* (1943) marcava a inclinação religiosa das suas ações - que nunca deixaram de ser políticas - passando a ser chamado com frequência de “apóstolo, profeta e evangelista”<sup>87</sup>. O conservadorismo e forte catolicismo português receberam de bom grado a nova imagem que se criava de Plínio, mas no Brasil a associação entre o integralismo e o fascismo era cada vez mais forte, especialmente com o decorrer da guerra. Manifestações em favor de Plínio ou do integralismo eram proibidas aos apoiadores que sobraram.

A situação no Brasil só viria a mudar com o fim do Estado Novo, quando começaram a se organizar os preparativos para o Partido de Representação Popular - PRP, fundado em 1945. Com a abertura da imprensa, timidamente começaram a surgir nos jornais declarações de integralistas na tentativa de rebater denúncias.<sup>88</sup> O esforço de tentar separar o integralismo da caracterização fascista se tornaria constante e perduraria ainda hoje, sem sucesso. Raymundo Padilha havia sido designado representante de Plínio no Brasil e por ordem deste, faz publicar uma “Carta Aberta à Nação Brasileira” nos principais jornais brasileiros, em defesa do integralismo. Plínio Salgado retorna ao Brasil em 1946 já na II Convenção Nacional do PRP, sendo eleito presidente do partido.

Mas o integralismo já não contava mais com as grandes lideranças como Miguel Reale, San Thiago Dantas, Belmiro Valverde e Gustavo Barroso, restando apenas figuras secundárias no movimento que “baseia seu valor na hierarquia e agora vê a sua alta hierarquia abandoná-la em grande parte”<sup>89</sup>. Miguel Reale, em duras críticas ao integralismo, afirma que não deveria voltar, e que, tendo visto a representação corporativista em prática, percebe que ela acabaria por resultar numa “solução soviética”<sup>90</sup>.

A arregimentação ocorreu para além dos antigos militantes - dentre os quais muitos debandaram por motivos diversos -, entre as camadas médias e pequenos proprietários rurais. O partido se apresentou algumas vezes como representante da classe média, mas em geral

<sup>87</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil* (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 166.

<sup>88</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira* (1945-1965). Cascavel: Edunioeste, 2010.

<sup>89</sup> CARONE, Edgar, 1988 *apud* CALIL, 2010. p. 34.

<sup>90</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP* (1945-1950). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 97.

buscava um discurso que abrangesse a todos.<sup>91</sup> O anticomunismo apregoado pelo partido constituiu uma fonte de atração dessas camadas.

A doutrina integralista precisou passar por um processo de reinterpretação e mediação. O contexto democrático e pós-guerra obrigava o integralismo a entrar no jogo político partidário liberal do qual foram ferrenhamente críticos nos anos 30. A guinada espiritualista de Plínio no exílio teve papel essencial na afirmação democrática do integralismo. Como partido, era necessário também realizar alianças com outros partidos, contradizendo a antiga radicalidade da AIB nesse sentido. A aliança também era uma forma de fazer o PRP ser aceito pelos outros partidos e não cair em isolamento.<sup>92</sup> Em 1948 houve uma tentativa de cassação do PRP no TRE, com o argumento de que o partido não era democrático.<sup>93</sup> Apesar da disputa ter se resolvido com vitória do PRP, a defesa da posição democrática do partido foi uma constante para sua afirmação no cenário político. Outra importante mudança foi a simbologia integralista externa, que passou a ser interpretada como reação à simbologia nazista, não sendo mais necessária ao fim da guerra.<sup>94</sup>

Uma das estratégias de Plínio para aceitação do PRP era a distinção entre o integralismo como doutrina e a AIB como partido. O integralismo existiria sempre, mas os partidos que surgissem inspirados por ela seriam efêmeros. Assim, o integralismo não seria responsável pelos erros da AIB. O PRP era apresentado como um partido autônomo em relação ao integralismo – mas no qual os antigos militantes deveriam ingressar –, fundado por não integralistas, mas cuja Direção Nacional era de maioria integralista.<sup>95</sup>

As mudanças em torno da mística e simbologia do movimento no PRP não agradaram a muitos militantes integralistas, que se somavam aos descontentamentos sobre a arregimentação partidária. Em 1957, decide-se pela realização do I Conclave Nacional do PRP, em comemoração ao Jubileu de Prata do integralismo. No encontro, aprovou-se a substituição do sino prateado pelo Sigma como símbolo do partido, de uso obrigatório para os militantes. Diversas cerimônias comemorativas ocorreram no decorrer de 1957, e, no ano seguinte, a 1ª marcha integralista realizada em 1933 foi lembrada num desfile que percorreu o mesmo

---

<sup>91</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>92</sup> Idem. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010

<sup>93</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. O Tempo como labirinto: o Integralismo no pós-guerra. In.: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 203-218.

<sup>94</sup> CALIL, op. cit., 2001.

<sup>95</sup> Ibidem.

caminho.<sup>96</sup> A repercussão nos jornais foi de ridicularização e colocava em risco as tentativas de afastamento do integralismo em relação ao fascismo.

Algumas entidades extrapartidárias foram criadas como forma de transpor os limites de ação do PRP, as mais proeminentes foram a Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ) e a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB). Funcionaram para conter a insatisfação da militância e preparar a candidatura de Plínio em 1955 para presidência.<sup>97</sup> A CCCJ reunia os Centros Culturais da Juventude (CCJ), destinados à manutenção da doutrina integralista e à formação de lideranças. Os integrantes dos CCJs eram chamado *Águias Brancas*, em alusão à “capacidade de vôo alto do pássaro e sua coragem e ímpeto aventureiro ao alçar vôo”<sup>98</sup>. Os núcleos eram formados por município, mas com frequência havia mais um por localidade. Foram contabilizados pelo menos 320 núcleos em vinte e um estados e no Distrito Federal,<sup>99</sup> mostrando a inserção e alcance que o movimento teve.

Dentre as atividades realizadas pelos CCJs estavam:

[...] a promoção de comemorações cívicas e de palestras sobre assuntos doutrinários e políticos, a organização de grupos esportivos, o desenvolvimento de cursos de “comunologia”, o lançamento de manifestos públicos, a edição de boletins, jornais e revistas, a promoção de peregrinações a lugares históricos e a realização de concentrações e congressos, além da disputa de entidades estudantis.<sup>100</sup>

Os participantes também atuavam em confrontos contra comunistas, atrapalhando comícios, empunhando bandeiras e cantando o hino nacional, por vezes de forma violenta. Estes atos podiam ser realizados sem o prejuízo do PRP, pois os CCJs eram independentes do partido, compondo uma espécie de “tropa de choque”<sup>101</sup> integralista.

A UOCB foi constituída em 1957 para tentar cooptar operários devido ao insucesso do PRP com esta camada. Assim como a CCCJ, era declaradamente integralista e autônoma ao PRP.<sup>102</sup> A UOCB se organizava em núcleos municipais, triunviratos estaduais e direção nacional, com eleição corporativista entre as camadas profissionais. Esteve presente em pelo

<sup>96</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010

<sup>97</sup> Idem. *O Integralismo no processo político brasileiro - o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) - Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF/UNIOESTE, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>98</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 119.

<sup>99</sup> CALIL, op. cit. 2005.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 457.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 464.

<sup>102</sup> Ibidem.

menos dezessete estados e no Distrito Federal, com propostas em torno do “aumento de impostos, sindicalização e direito de greve”<sup>103</sup>, além de ações de propaganda anticomunista.

No período de vigência do PRP, o integralismo contava, além do partido, com a atuação de um programa de rádio, jornais como *A Marcha*, a Livraria Clássica Brasileira e a Ação Nacional Brasileira.<sup>104</sup> Esta última era uma campanha de arrecadação financeira para o Movimento Nacional Brasileiro, que não chegou a ser lançado.

Em 1961, quando Jânio Quadros renuncia, Plínio Salgado apoia a posse de João Goulart e o defende, negando as acusações de que Jango estaria vinculado ao comunismo. No decorrer do governo, a posição do PRP foi mudando, com crescentes críticas à política externa de Jango, até o rompimento completo com o presidente em 1962. Nos meses que antecederam o golpe de 1º de abril de 1964, o PRP realizou diversas manifestações públicas e articulações com grupos golpistas contra o governo de Jango e de caráter anticomunista. É o caso das *Marchas da Família por Deus e pela Liberdade* que contaram com a articulação e participação integralista, textos escritos por Plínio cuja autoria seria atribuída a mulheres e estudantes.<sup>105</sup>

Consumado o golpe, os integralistas apoiaram a nomeação de Castelo Branco, mas o desenrolar de seu governo se deu entre críticas e manifestações de apoio do PRP. As críticas perreperistas se tornaram mais frequentes, mas, mesmo assim, apoiaram a manutenção de Castelo Branco na presidência.<sup>106</sup> Desde o início do golpe, discutia-se a manutenção dos pequenos partidos, colocando o PRP em risco, mas não tardou para que a nova situação política do país se tornasse letal ao partido.

### 2.1.3 Os amigos militares: ARENA

Em 27 de outubro de 1965 foi sancionado o Ato Institucional nº 2, cassando a licença de todos os partidos, grandes ou pequenos. Plínio Salgado adere à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), conservando seu mandato como deputado federal. Entretanto, é grande a resistência da militância integralista em seguir o Chefe na ARENA, onde seriam um grupo minoritário. Na tentativa de convencer os militantes, argumentava-se que a mudança seria

<sup>103</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no processo político brasileiro - o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) - Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF/UNIOESTE, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. p. 478.

<sup>104</sup> Ibidem.

<sup>105</sup> Idem. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.

<sup>106</sup> Ibidem.

provisória e que logo o PRP seria retomado. Mas a participação integralista no regime militar foi secundária e logo o argumento caiu por terra.

Ainda assim, eram passadas instruções de voto aos militantes remanescentes e o integralismo conseguiu se manter com alguns deputados em 1966.<sup>107</sup> Neste mesmo ano, Plínio apresenta um Projeto de Emenda Constitucional propondo a criação da *Câmara Orgânica*. Ela seria formada por representantes das categorias econômicas e culturais, eleitos pelos órgãos de classe, que atuariam como assessores das outras Casas do Congresso.<sup>108</sup> O projeto não foi aprovado, mas se tornou referência para os militantes nas décadas que se seguiram.

Com o endurecimento do regime, os integralistas começam a rearticular a Cruzada de Renovação Nacional, os CCJs e a UOCB. A Cruzada foi lançada em 1973 para organizar o funcionamento dos outros movimentos. Mas nem a UOCB, nem a CCCJ retomaram o fôlego que tiveram no período de vigência do PRP, em 1964 havia pouco mais de uma dezena de Centros Culturais.<sup>109</sup>

Em 1974, Plínio informa que não se candidataria à reeleição como deputado, se afastaria para se dedicar aos Centros Culturais da Juventude. Entretanto, um declínio na sua condição física acabou levando a morte do Chefe Nacional do integralismo em 8 de dezembro de 1975.

110

### 2.1.4 Requentando e criando siglas sem o Chefe: a nova AIB

Plínio Salgado foi enterrado no cemitério do Morumbi, local que também se tornou referência aos integralistas. Após a sua morte, houve tentativas de manter a coesão e organização dos militantes. Mas a morte do Chefe foi um obstáculo que jamais seria superado. Não surgiu nenhuma liderança capaz de ocupar o lugar que Plínio representava para os integralistas. Seus textos e ideias se transformaram numa espécie de “bíblia”, passível de

<sup>107</sup> Eram eles: Rubem Nogueira (BA), Oswaldo Zanello (ES), Alberto Hoffmann (RS) e Plínio Salgado (SP). (CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.)

<sup>108</sup> ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. A Grande Oportunidade Para a Criação da Câmara Orgânica. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 4, jan./mar., 1993.

<sup>109</sup> CALIL, op. cit., 2010. p. 367.

<sup>110</sup> “Na sua propriedade foi picado por um inseto, o que gerou uma fraqueza obrigando à mudança para São Paulo. Após alguns meses, o estado de saúde foi piorando e foi internado no Hospital São Camilo; teve ligeira melhora, mas, após receber alta, foi internado novamente no Hospital de Moléstias Digestivas e em dezembro de 1975 faleceu” A propriedade era um sítio que manteve em Brasília. (GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 355.)

diversas interpretações, com trechos distribuídos e analisados pelos seguidores, e, é claro, sem a presença do autor para defender a posição original.

Em 1979 Décio Cunha, Walter Povoleri e Gumercindo Rocha Dórea tentam recriar a AIB,<sup>111</sup> aparentemente sem sucesso, pois logo Ação Integralista Brasileira seria registrada mais uma vez. Os anos 80 foram marcados por diversas tentativas de criação de siglas e entidades para manter a coesão do grupo. Sem nenhuma sigla de fato vingar, muitos integralistas atuaram em outros partidos como o Partido Democrático Social (PDS), Partido Progressista Renovador (PPR), Partido Progressista Brasileiro (PPB) e o Partido Progressista (PP).<sup>112</sup>

A figura que concentrou o restante da mística sobre o Chefe Nacional foi sua esposa D. Carmela Patti Salgado. Juntamente com a sua enteada Maria Amélia Salgado Loureiro, eram as “damas do integralismo”<sup>113</sup>, herdeiras ideológicas de Plínio. Elas foram atuantes na articulação de diversas ações para manutenção do movimento, como a fundação da Casa Plínio Salgado em 10 de outubro de 1981 em São Paulo. A Casa foi idealizada por ex-águias-brancas, os irmãos Pedro Baptista de Carvalho e José Baptista de Carvalho entre outros,<sup>114</sup> com o objetivo de constituir um grande acervo de obras do integralismo, fomentar reuniões e grupos de estudos sobre o movimento. A Casa acabou sediando reuniões que deram origem a outros grupos e associações integralistas.

Ao longo dos anos 80 Anésio de Lara Campos Jr registra diversas siglas, como a Ação Nacionalista Brasileira em 1983, pretendendo torná-la um partido mas, com impacto irrisório, foi descontinuada. Em 1985, novamente Anésio registra uma sigla, desta vez a própria AIB, da qual se proclama presidente. D. Carmela liderava os militantes que consideravam o registro da AIB por Anésio uma “usurpação”, e queriam sua retirada da presidência. Do outro lado desse embate, Anésio permanecia irredutível. A disputa só se resolveu em 1989 pela convocação de um Congresso em Niterói, no qual foi eleito presidente da Ação Integralista Brasileira o médico Sebastião Cavalcante de Almeida. Ainda no mesmo ano, Sebastião renuncia e Anésio volta a presidência.

---

<sup>111</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010. p. 369.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 370.

<sup>113</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 267.

<sup>114</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a revitalização e os esquecimento*. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

A figura de Anésio era controversa entre os integralistas. Abertamente ele se vinculava a neonazistas, e isso causava automaticamente a associação do integralismo com este grupo.<sup>115</sup> Anésio havia defendido publicamente a negação do holocausto judeu, utilizando como argumento o relatório Leuchter.<sup>116</sup> Em maio de 1992, Anésio protestou contra a proibição da suástica em São Paulo em reportagem que o mostrava vestindo a camisa-verde, sigma no braço, segurando uma revista negacionista e outra com a suástica da capa. Atrás dele estava aberta a bandeira azul do integralismo.<sup>117</sup> Na mesma página, Anésio afirma que aluga um imóvel para Aldo Onesti, que mantém lá um museu integralista, diz também ser líder do Movimento Nacionalista Participativo Nacional (PARNASO).<sup>118</sup>

Com as dificuldades que o movimento enfrentava, mesmo com o aumento de contingente que os neonazistas poderiam representar, não valeria a pena incorporá-los, à custa de reacender as comparações entre o integralismo e o fascismo, especialmente no período de redemocratização pós-ditadura militar. Em 1988, Anésio ainda teria fundado a Ação Monárquica Imperial, com forte orientação católica, justificando seu apreço ao regime pela relação entre as monarquias europeias com o cristianismo.<sup>119</sup>

Ele não permaneceu muito tempo na presidência da AIB, pois em 27 de janeiro de 1990, durante a 3ª Convenção Nacional, foi apresentado um extenso parecer da Comissão de Ética da AIB sobre suas ações. Os membros da convenção votaram em unanimidade por sua expulsão do movimento e Sebastião Cavalcante foi reconduzido à presidência<sup>120</sup>. Isso não impediu que Anésio continuasse colocando a AIB em maus lençóis. Alguns anos depois, em 3 de março de 1992, foi enviada uma nota de esclarecimento pela Chefia Nacional da AIB aos militantes, informando que Anésio continuava agindo em nome da AIB, registrando siglas e utilizando o

---

<sup>115</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 272. O referido relatório foi realizado pelo engenheiro estadunidense Fred A. Leuchter Jr. em 1988 e publicado pela Editora Revisão no mesmo ano no livro intitulado “Acabou o gás!... o fim de um mito”.

<sup>117</sup> BARROS, Fernando. Erundina proíbe emblema nazista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 maio 1992, terceiro caderno, p. 1. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11701&anchor=4835364&origem=busca>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

<sup>118</sup> TOGNOLLI, Claudio Julio. Irmão de Suplicy quer fim do PT. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 maio 1992, terceiro caderno, p. 1. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11701&anchor=4835364&origem=busca>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

<sup>119</sup> CARNEIRO, op. cit., p. 261.

<sup>120</sup> CONVENÇÃO Prorroga Mandato da Chefia Nacional da AIB. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 8, jan./mar., 1990.

nome de militantes sem seu consentimento.<sup>121</sup> A nota também foi enviada a Polícia Federal de São Paulo e diversos jornais.

Ao final dos anos 80, os integralistas discutiam sobre criar ou não um partido político. Foi cogitado o Partido da Ação Integralista (PAI) com possível candidato às eleições presidenciais em 1989.<sup>122</sup> A questão partidária continuava sendo um problema entre os integralistas, que se dividiam entre os que queriam entrar no jogo político e os que defendiam a posição apartidária dos anos 30.

## 2.2 INTEGRALISTAS DE FIM DE SÉCULO

Durante os anos 90, surgiram centros integralistas e jornais em algumas cidades. Tentavam cativar novos membros e aprofundar o doutrinamento dos jovens militantes. Aproximando-se do fim do século, começaram a surgir sites e blogs, possibilitando um contato mais dinâmico com os militantes e possíveis adeptos. Em geral, o movimento patinava e sem uma liderança aglutinadora não houve organização para promover as ações de forma mais efetiva. Rufino Levi Ávila, editor de *A Voz do Oeste* caracteriza a situação do movimento: “estamos acéfalos, pois perdemos o Dr. Sebastião Cavalcante de Almeida e não estamos conseguindo a união necessária para podermos atuar melhor”<sup>123</sup>. De fato, sem liderança as ações ocorriam individualmente conforme a disponibilidade de cada um.

Por fim, os militantes da antiga AIB e os águias-brancas já estavam velhos, o contato com a juventude para a qual o discurso integralista estava voltado se tornava difícil. Os antigos integralistas se tornaram a “ligação física”<sup>124</sup> dos novos militantes com o pensamento de Plínio Salgado. A publicação de jornais e boletins – que formam a maior parte das fontes deste trabalho – e a promoção de encontros, reuniões e palestras, foram as ações mais frequentes para tentar manter o movimento aceso.

---

<sup>121</sup> AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Nota de Esclarecimento, 3 mar. 1992.

<sup>122</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

<sup>123</sup> AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Carta de Rufino Levi Ávila para Osmar Pedrollo, 30 set. 1997.

<sup>124</sup> CARNEIRO, op. cit, p. 154.



### 2.2.1 Os jornais e boletins

Do jornal *Renovação Nacional* foram selecionados para a pesquisa treze exemplares, de janeiro de 1990 até dezembro de 1993, último exemplar disponível no acervo. O número de páginas varia de quatro a oito, com edições bimestrais ou trimestrais. *Renovação Nacional* foi lançado em 1978 por Jader Medeiros<sup>125</sup> e era editado no Rio de Janeiro-RJ. O editor informa que o jornal era enviado a todas as unidades militares (exército, marinha e aeronáutica), além de autoridades governamentais e parlamentares.<sup>126</sup> Jader faleceu em 5 de fevereiro de 1994,<sup>127</sup> e o jornal parece não ter tido continuidade.

No cabeçalho do jornal estava a imagem do Brasil com um Sigma sobreposto, além das frases “PORTA-VOZ DO PENSAMENTO INTEGRALISTA NO BRASIL” e “DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA - AÇÃO E CULTURA A SERVIÇO DO BRASIL”<sup>128</sup>, afirmando a sua posição de autoridade no movimento e o papel que pretendia desempenhar na sociedade. Os textos eram em geral muito longos, às vezes ocupando uma página inteira, e normalmente distribuídos em cinco colunas na página. Com frequência, era colocada a foto do autor do texto junto com seu nome e sua vinculação no movimento. Os únicos anúncios deste jornal eram profissionais, dos militantes e advogados Jader Medeiros, José Cerqueira Lima e Genésio Pereira Filho.

Nas últimas páginas aparece quase sempre o apelo do editor aos militantes por auxílio financeiro para manter o jornal, que sobrevivia de doações. Os contribuintes poderiam entrar no “Quadro de Honra Plínio Salgado”, lista indicando nome e valor recebido. Dependendo do valor entrava doado recebia o título de Grande Benemérito (Cr\$ 500,00), Benemérito (Cr\$ 400,00), Grande Benfeitor (Cr\$ 300,00), Benfeitor (Cr\$ 200,00), Grande Cooperador (Cr\$ 100,00) e Cooperador (Cr\$50,00). O apelo por financiamento era incisivo, demonstrando a situação de necessidade em que se encontrava o jornal:

Será que os Companheiros ainda não compreenderam o grande valor que representa para o **Integralismo**, a difusão da nossa **Doutrina**, através de RENOVAÇÃO NACIONAL, que tem penetração em todos os segmentos da sociedade brasileira? Será que não temos condições de manter um **Jornal Integralista**?<sup>129</sup>

<sup>125</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.

<sup>126</sup> MEDEIROS, Jader. Companheiro: Renovação Nacional Precisa de Você. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 4, abr./jun., 1992.

<sup>127</sup> FALECIMENTO de líder integralista. *A Voz do Oeste*. Lins, n. 43, p. 3, mar. 1994.

<sup>128</sup> RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 77, jan./mar., 1990.

<sup>129</sup> MEDEIROS, Jader. Insistimos na Consulta aos Integralistas de todo o Brasil: - Renovação Nacional Deve Continuar Circulando? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 8, abr./jun., 1990.

Além dos textos dos militantes, foram publicados textos de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e o Manifesto de Outubro. *Renovação Nacional* era o jornal que registrava as cerimônias e congressos, relatando o passo a passo das solenidades, inclusive listando os presentes e os que justificaram a falta. A 5ª Convenção Nacional em 30 de janeiro de 1993 teve extensa cobertura de fotos e clamava o “retorno à sua autenticidade histórica”<sup>130</sup> e o cumprimento parcial dos *Protocollos e Rituaes*.

O jornal apresentava frequentemente, em rodapé ou entre os artigos, caixas de texto com frases de estímulo e exaltação como “A Suprema Missão da Juventude Brasileira: Libertar o Brasil da Escravidão do Capitalismo Internacional”<sup>131</sup> e “Os Futuros Dirigentes da Nação Brasileira”<sup>132</sup>. Nestes espaços também foram divulgadas campanhas para a fundação de núcleos municipais, solicitando aos militantes o envio de nomes de integralistas e simpatizantes para chefiar os núcleos<sup>133</sup>. Se a campanha divulgada pelo jornal teve sucesso, não há informação, mas demonstra ao menos que existiram iniciativas desde o início dos anos 90 para rearticular o movimento e angariar novos membros.

Do jornal *A Voz do Oeste* havia sessenta e sete edições durante os anos 90, de abril de 1992 a outubro de 1999. É o periódico que cobre o maior período. O número de páginas variou entre quatro, seis e oito. O jornal era publicado mensalmente com eventuais edições bimestrais, em Lins, São Paulo - SP. Rufino Levi Ávila, ex-Águia Branca, foi o editor e idealizador do jornal durante toda a sua duração (junho/1990 a dezembro/2001).<sup>134</sup> Este jornal é um híbrido entre a militância e jornais “comuns”, além dos textos doutrinários, que aparecem em menor frequência, traz textos sobre a cidade e diversos outros assuntos. Nas páginas finais teve um espaço reservado para “notículas”, pequenas notas sobre notícias internacionais, nacionais e locais. Essas notículas não chegam a ser notícias, pois muitas vezes eram apenas comentários e nunca estavam afinadas com o valor de novidade que uma notícia deve ter.<sup>135</sup>

O jornal começou a ser editado de forma rudimentar, como conta o editor “eram 4 páginas em sulfite, que eram xerocadas. Depois de um ano passei a imprimi-lo no *Correio de Lins*, já que consegui alguns anúncios”<sup>136</sup>. Logo o jornal era vendido em várias bancas na cidade

<sup>130</sup> RENOVAÇÃO Nacional. Rio de Janeiro: [S.n.], n. 90, jan./mar., 1993.

<sup>131</sup> RENOVAÇÃO Nacional Rio de Janeiro: [S.n.], n. 85, p. 1, nov./dez., 1991.

<sup>132</sup> RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 89, p. 1, out./dez., 1992.

<sup>133</sup> INTEGRALISTAS! Vamos Fundar Núcleos da AIB em todo o Brasil? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 3, abr./jun., 1990.

<sup>134</sup> ÁVILA, Rufino Levi. *Memórias de um ex-seminarista*. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2011. p. 102.

<sup>135</sup> TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo II*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

<sup>136</sup> ÁVILA, op. cit., p. 97.

e com representantes em cinco estados.<sup>137</sup> Segundo o editor, chegou a ter 200 assinaturas.<sup>138</sup> Quase todos os textos do jornal eram curtos, em comparação com *Renovação Nacional*, e com frequência tinha fotos ou desenhos para ilustrar os artigos. *A Voz do Oeste* tinha diversas colunas intermitentes como saúde, história, hagiografia, necrológio e muitas outras, trazia também um espaço para poesias e pensamentos diversos. Em algumas edições teve “Palavras cruzadas” com o Sigma separando os espaços, fazendo assim a inserção de elementos do integralismo no cotidiano.

O mapa do Brasil com sigma sobreposto aparecia de forma intermitente no cabeçalho do jornal, que apresentava também frases diversas, integralistas ou não como “Deus dirige o destino dos povos”<sup>139</sup> – frase que abre o Manifesto de Outubro –, “Quando Deus te fascinar, serás livre!”<sup>140</sup> – atribuída a Santo Agostinho. Há de se levar em conta que Lins tinha além de *A Voz do Oeste* outros quatro jornais locais: *Correio de Lins*, *Folha de Lins*, *O progresso* e *Debate*.<sup>141</sup> Ainda assim, o jornal integralista conseguiu se manter ativo por mais de dez anos e com grande número de anúncios.

*A Voz do Oeste* tem ainda outra particularidade, a constante defesa e propaganda do Esperanto, mencionado em trinta e quatro das sessenta e sete edições analisadas. Como não encontrei referência ao idioma em outras publicações integralistas, esta parece ter sido uma bandeira carregada sozinha pelo editor e aparentemente sem ligação com o movimento. Mas a interpretação do editor sobre o Esperanto reside em pressupostos nacionalistas de preservação cultural e anticosmopolita, em consonância com o integralismo:

Na verdade, como o Esperanto não representa o imperialismo cultural, econômico ou político de nenhuma nação sobre as outras, ele atua como um fator de preservação da cultura e da soberania dos povos. [...] Por não pertencer a nenhum país, o Esperanto não confere a um povo privilégios em detrimento dos outros.<sup>142</sup> A adoção de um idioma nacional qualquer (seja o alemão, o árabe, o russo, o espanhol, o francês, o inglês) significa para logo a supremacia do país ou dos povos que falam este idioma. Já o Esperanto não é de ninguém, ele é de todos, é um patrimônio de toda a Humanidade, como são o telefone, o avião, a televisão.<sup>143</sup>

De forma mais incisiva relata a fala do Vice-Presidente Aureliano Chaves no 66º Congresso Mundial de Esperanto em 1981 sobre a neutralidade do idioma: “Ela não é intrusa, ela não é estrangeira... ela não invade as nossas individualidades, não arromba as portas das

<sup>137</sup> A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda. n. 33, p. 1, abr., 1993.

<sup>138</sup> ÁVILA, Rufino Levi. *Memórias de um ex-seminarista*. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2011. p. 98.

<sup>139</sup> A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda. n. 50, p. 1, out., 1994.

<sup>140</sup> A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda. n. 94, p. 1, out., 1998.

<sup>141</sup> A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda. n. 81, p. 1, ago., 1997.

<sup>142</sup> POR UM mundo melhor: Fale Esperanto!. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 57, p. 2, jun., 1995.

<sup>143</sup> ESPERANTO. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 98, p. 4, mar., 1999.

nossas comunidades por força da prevalência”<sup>144</sup>. Exprime assim que o entusiasmo com o idioma é um combate contra o estabelecimento do inglês como língua internacional e conseqüentemente a necessidade de aprendizado nas escolas, sendo contra a suposta invasão cultural.

O boletim *Alerta* tinha trinta e três exemplares de junho de 1996 a dezembro de 1999. Trata-se do boletim informativo do Centro Cultural Plínio Salgado de São Gonçalo-RJ, coordenado por Arcy Estrella. Impresso em folha A4 dobrada ao meio, trazia no cabeçalho o mesmo símbolo que os demais, mapa do Brasil com Sigma sobreposto e a frase “O SIGMA, sinal matemático de somatória, é o símbolo da Democracia orgânica”. Na primeira página apresenta quase sempre um texto em duas colunas, o interior do boletim havia outros textos, poemas, hinos, informações diversas sobre o movimento e sobre o CCPS.

*Alerta* tinha uma seção de cartas que colocava o boletim em diálogo com os leitores. Militantes e simpatizantes davam notícias de suas ações, recebimento e envio de livros, distribuição dos boletins, falecimento de militantes, etc. Outro meio de contato com o público foi a seção “Integralismo em gotas”, um questionário sobre o integralismo baseado no livro *O Integralismo* da filha de Plínio Salgado, Maria Amélia Salgado Loureiro. Eram publicadas cerca de dez perguntas e na edição seguinte publicaram-se as respostas e mais perguntas. *Alerta* informa ainda que “aos que se dedicarem ao estudo, no fim do ano, forneceremos o DIPLOMA integralista”<sup>145</sup>.

O CCPS solicitava, através o boletim, uma contribuição financeira anual para auxiliar na distribuição em escolas de 2º grau de Rio Claro e demais interessados. A prática de distribuição em escolas parece ter surtido efeito: na edição 38<sup>146</sup> informa ter recebido carta de um estudante de ensino médio questionando o que era o integralismo, pergunta a qual o boletim responde citando o livro de Gustavo Barroso *O que o integralista deve saber*. Outros jovens ainda entraram em contato solicitando informações ou o envio do boletim.

No total, foram analisados cento e treze jornais e boletins. Cada artigo foi classificado em referência ao seu conteúdo. Os artigos que tratavam do integralismo ou de questões referentes ao imaginário, representações e visão dos militantes e colaboradores sobre o social, mundial, nacional, político, moral, etc, foram separadas e analisadas profundamente. Outros artigos e características do jornal foram analisadas de forma a compor uma visão geral dos periódicos e as estratégias de aproximação e captação de leitores. Mesmo artigos, matérias ou

<sup>144</sup> ESPERANTO, língua do futuro?. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 67, p. 2, maio, 1996.

<sup>145</sup> RESPONDA companheiro!. *Alerta*. São Gonçalo, n. 17, p. 3, maio, 1997.

<sup>146</sup> SILVA, José Alves e. Sou Estudante. Curso.... *Alerta*. São Gonçalo, n. 38, p. 2, ago., 1999.

notícias que não aparentam inicialmente estar relacionados com o movimento podem revelar concepções sobre a sociedade, atitudes e o papel dos jornais em relação aos leitores.

### 2.2.2 Os centros, instituições e reuniões

Um dos primeiros registros de associação nos anos 90 é o da Ação Juventude Integralista (AJI) em 3 de janeiro de 1990 no Rio de Janeiro, encabeçada por Ubiratan Pimentel da Silva.

Previa estrutura semelhante à AIB e tinha por objetivos:

Agrupar a Juventude Brasileira numa formação autenticamente patriótica; Ser a vanguarda da Doutrina do Integralismo, divulgando-a no que tange os seus aspectos: cívico; nacionalista; cultural; educacional; assistencial; recreativo e desportivo; Promover e comemorar as datas nacionais e cultivar a memória dos próceres brasileiros; Promover desfiles comemorativos e de propaganda da Doutrina do Integralismo; Promover acampamentos, viagens e Jogos Olímpicos; Editar livros, revistas, jornais, apostilas, opúsculos e panfletos;<sup>147</sup>

No ano seguinte lançam o Manifesto da Juventude Integralista, corroborando o Manifesto de Outubro e reafirmando a inquestionabilidade dos escritos de Plínio Salgado, Chefe Nacional “In Memoriam”. O texto, em tom catastrófico, alerta contra o cosmopolitismo e o capitalismo-marxismo, “a Juventude Integralista os denunciará e os combaterá!”<sup>148</sup>. Esta associação parece ter vingado durante os anos 90, pois o Manifesto foi publicado no jornal *Renovação Nacional* e no boletim *Alerta*. Além disso, textos cujos autores se identificavam como pertencentes a este grupo foram publicados nos periódicos acima e também no jornal *A Voz do Oeste*.

A Associação Cívico-Cultural Minuano, de Porto Alegre, cria em 27 de dezembro de 1996 o Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP), para “contar às gerações do novo milênio, um pouco da nossa história política”<sup>149</sup>. O Centro, que posteriormente se tornou o acervo AIB/PRP-DELFOS-PUCRS, tinha cerca de dez mil documentos, aos quais foram acrescentados depoimentos de militantes, sob os cuidados técnicos dos historiadores Gilberto Calil e Carla Silva.

Um dos mais importantes centros integralistas criados durante os anos 90 foi o Centro Cultural Plínio Salgado, em São Gonçalo. Fundado por Arcy Lopes Estrellas, ex-decurião da milícia AIB, mantinha, assim como a Casa Plínio Salgado, um grande acervo de obras integralistas, além de outras obras, e promovia reuniões doutrinárias e festivas. O Centro ficava

<sup>147</sup> AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Estatutos da Ação da Juventude Integralista, 03 jan. 1990.

<sup>148</sup> AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Manifesto da Juventude Integralista, 1991.

<sup>149</sup> ASSOC. Cívico-Cultural Minuano. *A Voz do Oeste*. Lins, n. 79, p. 4, jun. 1997.

na parte térrea da sua casa, onde “uma sala decorada com o retrato do Chefe Nacional, Plínio Salgado, ladeada pelas bandeiras do Sigma e pela Nacional era o local das reuniões”<sup>150</sup>.

O CCPS também foi frequentado por grupos de jovens nacionalistas pertencentes aos “Carecas do Rio” e a Juventude Nativista Bandeira do Sigma. Em São Paulo, alguns “Carecas do ABC” diziam seguir os preceitos do integralismo.<sup>151</sup>

Já no final dos anos 90, Marcelo Mendez, frequentador do CCPS, funda, com o apoio de Arcy, o Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI) em 2000. Marcelo tinha cerca de 30 anos, formado em administração de empresas, e chegou ao grupo a convite de outro integralista, Marcus Ferreira.<sup>152</sup> Foi um dos primeiros a utilizar a internet para divulgação do integralismo, e desde pelo menos setembro de 1999 mantinha o CEDI online <<http://go.to/.cedi>><sup>153</sup>. Em entrevista ao boletim *Alerta*, Marcelo informa os objetivos do CEDI:

A idéia do Centro de Estudos e Debates Integralistas, o CEDI, é divulgar a Doutrina Integralista e a Memória de nosso chefe e fundador, o inesquecível Plínio Salgado nas malhas da Internet, tentando alcançar o maior número possível de jovens estudiosos, promovendo debates, discussões e vários questionamentos dos chavões que a mídia comprada falsamente lança para a opinião pública, sobre a Doutrina Integralista.<sup>154</sup>

Nesta mesma matéria, Marcelo demonstra desentendimentos com outros militantes, “que os incomodados com meu novo trabalho, me brindem com vossa ausência de opiniões e críticas”<sup>155</sup>. Na edição seguinte de *Alerta*, Marcelo explica como funcionava a criação de novos núcleos que iniciariam com pessoas que o procuram após acessar um dos sites que mantêm <<http://go.to/.cedi>> e <<http://aib.freeserves.com>>. Após o primeiro contato, Marcelo tira as dúvidas sobre o integralismo, esclarece os postulados básicos até estarem bem assimilados, quando então convida a pessoa a ingressar num núcleo ou fundar um se não existe ainda na cidade, para propagar as ideias integralistas. Ele envia o que chama de “Kit Integralista”:

[...] é composto sempre de uma camiseta padrão, para reuniões informais (Camisa branca com o símbolo do Sigma no lado direito do peito), três fitas k-7, com discursos de, Plínio Salgado e mais o Hino Integralista, centenas de xerox com artigos de Plínio Salgado ou de outros autores integralistas, pelo menos dois livros de Plínio Salgado, um broche integralista para o Coordenador usar nas reuniões e assinaturas dos jornais “Alerta”, “Ação Nacional” e “A Voz do Oeste”.<sup>156</sup>

<sup>150</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 152.

<sup>151</sup> Ibidem.

<sup>152</sup> Ibidem.

<sup>153</sup> MAIS UM centro cultural o C.E.D.I. na internet. *Alerta*, São Gonçalo, n. 39, p. 4, set, 1999.

<sup>154</sup> ENTREVISTA com o presidente do C.E.D.I. *Alerta*, São Gonçalo, n. 40, p. 4, out, 1999.

<sup>155</sup> ENTREVISTA com o presidente do C.E.D.I., loc cit.

<sup>156</sup> MENDEZ, Marcelo Santos. Como se funda um núcleo integralista? *Alerta*, São Gonçalo, n. 42, p. 1, dez, 1999.

Por divergências internas no movimento, Marcelo, que foi coordenador da AIB no Rio de Janeiro, é afastado. Em carta para Ary publicada no *Alerta*, Rufino relata “soube que o companheiro Marcelo Santos Mendez foi ‘eliminado’ do ‘meio jovem’ por questões particulares, mas continuo mantendo correspondência com ele que, afinal, é um dos mais eficientes na divulgação do ideal”<sup>157</sup>. A pressão e as perseguições o levam ao suicídio no Mausoléu Integralista em 28 de fevereiro de 2002.<sup>158</sup>

*Renovação Nacional* informa o lançamento do boletim *AÇÃO*, do Centro de Pesquisas e Estudos Culturais (CEPEC). O CEPEC informava ser baseado na doutrina do brasilismo, de inspiração nacionalista e cristã. Neste sentido, o *Renovação Nacional* o considera parceiro de luta.<sup>159</sup> Outra instituição que aparece no período é o SigmaClube de Hugo Vianna, Teresópolis-RJ. Apesar de Hugo ter uma espécie de plano para salvar o Brasil.<sup>160</sup> os objetivos e atividades do clube não foram expressas. Vários anúncios foram publicados em *A Voz do Oeste* com a imagem de uma mão apontando ao leitor e os dizeres “Você é um trabalhador cristão? Então, venha conosco. Movimento de luta para uma Vida Melhor. Fé - União - Disciplina e Ação. Para influenciar Cristãmente a Sociedade”<sup>161</sup>

### 2.2.3 Colaboradores, anunciantes e propagandistas

Os jornais neointegralistas compartilhavam textos entre si. *Renovação Nacional* e *A Voz do Oeste* com frequência se citavam e a mesma coisa ocorreu com *A Voz do Oeste* e o boletim *Alerta*. Com outros jornais e boletins do período também foi adotada esta prática. O jornal *A Voz do Oeste* também publicava textos de jornais e revistas que não eram integralistas, muitas vezes trazendo textos sobre saúde e segurança, determinando atitudes que considerava adequadas à população. *A Voz do Oeste* teve um fluxo muito grande de colaboradores. Na edição 103<sup>162</sup> lista mais cinquenta pessoas que auxiliaram o jornal com textos ou indicando assinantes. Destaca-se uma entidade que não foi listada, mas na qual o jornal buscou muitas notícias, a Agência Boa Imprensa (ABIM). A ABIM funciona desde 1953 fornecendo notícias e artigos para diversos jornais, procurando, segundo a agência, “apontar aquilo que muitas vezes

<sup>157</sup> ÁVILA, Rufino Levi. Uma carta de “A VOZ DO OESTE”. *Alerta*, São Gonçalo, n. 42, p. 2, dez, 1999.

<sup>158</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 277.

<sup>159</sup> BRASILISMO: E a Palavra Nova dos Tempos Novos. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 4, abr./jun., 1992.

<sup>160</sup> VIANNA, Hugo. Organizemos a Nação. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 57, p. 2, jun., 1995.

<sup>161</sup> A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda, n. 53, p. 4, jan./fev., 1995.

<sup>162</sup> ÁVILA, Rufino Levi. Editorial: Não podemos deixar de falar. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 103, p. 2, ago., 1999.

é ocultado ou interpretado tendenciosamente”<sup>163</sup>. Vinculada à Editora Padre Belchior de Pontes Ltda, a agência tem uma orientação conservadora católica, explícita em seus textos carregados de uma visão particular e subjetiva.

Como ressaltado anteriormente, *Renovação Nacional* só divulgava anúncios profissionais de alguns integralistas e foi financiado exclusivamente por doações. Quanto aos seus colaboradores, eram companheiros militantes que escreviam para o jornal. O pastor evangélico Vantuil Amorim teve vários textos publicados entre 1991 e 1992, sem fazer nenhuma referência ao integralismo, apenas a pregação religiosa. Depois de se candidatar a vereador com o apoio de Jader Medeiros, que dedicou uma página inteira ao pastor, não teve mais textos publicados em *Renovação Nacional*.<sup>164</sup>

*A Voz do Oeste*, logo que começou a ser publicada, passou a contar com anúncios diversos da cidade e região. Eram anúncios diversos: cosméticos Natura, material escolar, restaurantes, jacuzzi, banco privado, serviços para carro, informática, vestuário, estética, farmácia, chopperia, material de construção, relojoaria, papelaria, veterinária, funerária, etc. Durante quase todo o período de existência do jornal, os anúncios estiveram em todas as páginas, por vezes ocupando uma página inteira. Pela variedade e quantidade podemos supor que o jornal conseguiu penetrar na cidade com um público diverso. Um jornal não vende apenas o produto para o público leitor, mas vende o público leitor ao anunciante que compra espaço para sua publicidade.<sup>165</sup> Portanto, *A Voz do Oeste* parece ter tido não apenas um público diversificado, mas vasto.

O boletim *Alerta* não tinha anúncios exteriores, mas anunciava sobre o Centro Educacional Siqueira Estrella e cursos promovidos pelo CCPS. Livros integralistas vendidos por Gumercindo Rocha Dórea e fitas de discursos de Plínio Salgado vendidas pelo próprio CCPS também tiveram espaço. Para divulgação do jornal surgiu a figura do propagandista: “seja você também um propagandista de ‘O ALERTA’ faça como os leitores que tiram cópias para dar a jornalistas, políticos e outras pessoas interessadas em problemas brasileiros”<sup>166</sup>. De fato, esse pedido, repetido em diversas edições, teve resultado demonstrado na seção de cartas, em que muitos militantes e simpatizantes informaram estar distribuindo o boletim: “Em mãos seu bem feito ‘Alerta’. Como sugere neste número 19, estou remetendo cópias para as pessoas

<sup>163</sup> QUEM somos. ABIM. Disponível em: <<http://www.abim.inf.br/pagina-exemplo/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>164</sup> RENOVAÇÃO Nacional. Rio de Janeiro: [S.n], n. 87, p. 2, abr./jun., 1992.

<sup>165</sup> SCHUDSON, Michael. *Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

<sup>166</sup> ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 17, p. 2, maio, 1997.



que gostam de ler”<sup>167</sup> “Os boletins ALERTA, tenho repartido com os companheiros e nas escolas. Vamos em frente!”<sup>168</sup>.

No capítulo seguinte, a investigação sobre os jornais integralistas dos anos 1990 se concentra em três pontos interrelacionados: a identidade do militante integralista, o discurso da crise e da luta contra ela e, finalmente, o papel e influência da religiosidade no integralismo.

---

<sup>167</sup> ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 21, p. 2, set., 1997.

<sup>168</sup> ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 19, p. 2, jul, 1997.

### 3 IDENTIDADE, CRISE E RELIGIÃO

Os três periódicos que foram apresentados no capítulo anterior, *Renovação Nacional*, *A Voz do Oeste* e *Alerta*, possuem formatos, conteúdos e até públicos diversos, mas todos concentram-se em objetivos comuns e compartilham de uma matriz comum. Eles anseiam pelo retorno do integralismo como força política e a constituição de uma sociedade pautada nos seus princípios. Entretanto, o movimento não tem base de inserção social, nem apoio midiático ou popular. Buscou em outros grupos, movimentos e instituições vínculos para lutar por suas demandas e aproximar o movimento de possíveis novos adeptos.

Partindo do reconhecimento da fluidez com que os temas são abordados e desenvolvidos nos jornais, este capítulo vai se concentrar na identidade integralista no final do século XX, em como os militantes se colocavam no mundo e que valores identificavam como representantes do movimento. Como elemento vertente dessa identidade está a denúncia e combate à crise, assim como a formulação de uma imagem do Brasil e do mundo corrompidos pelo caos e degradação moral. Por fim, fortemente imbricada com os aspectos anteriores, será analisada também a religiosidade e o papel que exerce entre os integralistas nas diversas manifestações em que foi apresentada.

#### 3.1 IDENTIDADE: “O INTEGRALISMO NA VIDA BRASILEIRA”

Mais do que apontar quem são os integrantes do movimento no final do século XX, interessa-nos identificar como eles se veem, se colocam no mundo, enfim, que identidade reclamam para si. Primeiramente vão se colocar no espaço da nação. A comunidade política imaginada,<sup>169</sup> onde os integrantes criam uma imagem de seus compatriotas sem nunca ter conhecido sua totalidade, formando o que chamam de nação ou pátria, é instrumentalizada pelos integralistas que formulam uma imagem do Brasil, da comunidade que forma a nação, do brasileiro. E também de si, os integralistas. Disse Cerqueira Lima em carta a Jader Medeiros publicada em *Renovação Nacional*, “sonhamos sempre com aquele Brasil preconizado no **MANIFESTO DE OUTUBRO** e vivemos as nossas vidas certos de que um dia seremos compreendidos”<sup>170</sup>. O que está no alvo dos integralistas não é o Brasil real, mas uma idealização. Esse país imaginado seria capaz de se concretizar, pois o Brasil real possui na sua

<sup>169</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>170</sup> MEDEIROS, Jader. Missão Histórica de Renovação Nacional na Vida Brasileira. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 5, abr./jun. 1990.

“essência”, valores que serão a base do Brasil idealizado. Para os militantes, o integralismo seria o movimento que ao mesmo tempo compartilha dos valores essenciais do país e é capaz de mobilizá-los em prol da pátria: “Nós somos a revolução em marcha. A revolução com idéias, então franca, leal e corajosa. Por isso marcharemos através do futuro e nada haverá que nos detenha, porque marcham conosco a consciência e a honra do Brasil”<sup>171</sup>.

Os integralistas vão identificar no Brasil valores e tradições que consideram fazer parte de uma índole, uma essência brasileira. Disso resultaria a necessidade de um modelo de governo único e “personalizado” ao Brasil, a Democracia Orgânica. Este seria o “único regime perfeitamente condizente com a realidade nacional e a índole cristã da Nação Brasileira”, visto que o país teria nascido “sob o signo da Cruz”<sup>172</sup>. O integralismo é aclamado como o movimento ideal para o Brasil pois seria “inspirado nas mais puras tradições da alma nacional”<sup>173</sup>. Dando ênfase nas abstrações de alma e índole, fixam uma caracterização do que é nacional, criam uma identidade da nação,<sup>174</sup> ainda que ela não seja muito clara. Gilberto Vasconcellos identifica uma polaridade nessa representação, pois para ele “na doutrina integralista, a imagem abstrata de nossa essência coletiva oscila entre enunciados pessimistas, de teor apocalíptico, e afirmações laudatórias, ufanistas”<sup>175</sup>. A caracterização do caráter nacional é marcada substancialmente por um irracionalismo que ignora e rejeita a racionalidade científica em favor de uma apreensão da realidade social pela intuição e emoção.<sup>176</sup>

A cultura brasileira é com frequência mobilizada como elemento de defesa contra a globalização e influência da cultura estadunidense no Brasil. Mas o que seria essa cultura brasileira foi pouco abordado nos jornais, falou-se muito sem explicar do que se tratava, como uma informação dada que não precisava ser explicitada. Num dos poucos textos a abordar o tema, afirma-se que a cultura popular brasileira foi influenciada pelo folclore, que teria se espalhado pelo Brasil a partir de Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Em sua análise, o autor reduz a gênese do folclore à região centro-oeste e sudeste, ignorando o folclore e a cultura do restante do país. Partindo de sua experiência familiar, relata que as origens das histórias contadas pela sua família vinham do convívio com “remanescentes da escravatura”:

Arraigado por tradição a uma família rural, extremamente ligada ao folclore, nos seus hábitos e nas suas tendências, aprendemos conviver intimamente com remanescentes

<sup>171</sup> JUVENTUDE NACIONALISTA BRASILEIRA. Marcha Nacional. *Alerta*, São Gonçalo, n. 33, p. 3, set., 1998.

<sup>172</sup> MEDEIROS, Jader. Democracia Orgânica para o Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 1, abr./jun. 1993.

<sup>173</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Um Grande Ideal. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 2, set./out. 1991.

<sup>174</sup> HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>175</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira*: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 63.

<sup>176</sup> *Ibidem*.

da escravatura que muito custou a se desvencilhar, em razão de laços afetivos dos seus renitentes senhores. Meus pais e meus tios viviam assim numa espécie de casa grande, sem senzala, com engenho puxado a boi e serraria movida a roda d'água, ocasião em que os filhos dos ex-escravos brincavam com eles e comiam também na mesa comum. Tal era essa afetividade que, desde a mais tenra infância eram eles afagados por algumas tias velhas, remanescentes da escravatura, que os punham no colo, acendiam o cachimbo e cantavam melopéias africanas em língua do Congo.<sup>177</sup>

Não só cria-se uma imagem limitadora do folclore e da cultura como também o faz com a relação entre negros e brancos. A suposta harmonia e afeto que emana deste relato idílico não encontra respaldo na história do Brasil – ainda que essa imagem da escravidão esteja presente em diversos intelectuais como Joaquim Nabuco, que descreve uma relação de ternura e proteção entre o escravo e o senhor,<sup>178</sup> ou ainda Alberto Torres e Oliveira Viana. Ela acaba por corroborar o imaginário de uma sociedade harmoniosa e sem conflitos que estava no horizonte integralista.

Ao lado da imagem do Brasil que evoca os valores inerentes da pátria está a imagem do Brasil em perigo, aquele que sofre ataques e que precisa ser protegido: “lentamente o Povo Brasileiro está desfibrado e desvirilizado, sem ter consciência do crime de que está sendo vítima”<sup>179</sup>. Somente o integralismo – cristão e brasileiro – seria capaz de salvar o Brasil, e por isso justificam sua luta afirmando que “temos de ser um Movimento de Vencedores, porquanto, estejamos certos, a Nação brasileira depende de nossa vitória”<sup>180</sup>.

Diante dos que causam mal ao Brasil ou se omitem, os integralistas vão construir uma imagem de si. A identidade marcada pela diferença é aquela que depende do outro para se caracterizar, o “eu sou diferente daquele”.<sup>181</sup> Entre os integralistas, se observa no discurso um antagonismo entre aquele que se importa com a pátria e toma uma atitude frente aos problemas que ela enfrenta e os que não o fazem. Mas isso é ainda muito abrangente, o discurso especifica a diferença entre aquele que aceita a hierarquia social e se submete à doutrina do sigma, e aquele que, sabendo das dificuldades do povo, não se engaja, ou ainda, aquele que não aceita o integralismo e os escritos de Plínio Salgado como a direção a ser seguida:

Temos, um pensamento que empolga os brasileiros, pela idéia que contrapõe todas as práticas sociais de materialização dos costumes. Só os que não querem ver ou os que

<sup>177</sup> FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Reminiscências folclóricas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 90, p. 3, jun. 1998.

<sup>178</sup> NABUCO, Joaquim, *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 2001.

<sup>179</sup> CAVALCANTE, Sérgio de Vasconcellos. Convergência Nacional, *A Voz do Oeste*, Lins, n. 29, p. 3, nov. 1992.

<sup>180</sup> LIMA, J. L. Cerqueira. O Nome do Remédio. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 2, jan./mar. 1990.

<sup>181</sup> Kathryn Woodward traz o exemplo dos sérvios e croatas: “Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não-croata’. A identidade é, assim, marcada pela diferença.” (WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In.: SILVA, Tomaz (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 9.)

deixaram de ler a filosofia doutrinária de Plínio Salgado, lançada em 07 de outubro de 1932, [...] Só os aventureiros do liberalismo ou os que são, maus brasileiros, podem admitir erros que jamais existiram com os camisas verdes, no correr deste século.<sup>182</sup>

Em oposição ao “mau” brasileiro, neste trecho identificado como liberal, ser um “bom” brasileiro é o mesmo que ser integralista. Assim demonstra Arcy Estrella ao responder a pergunta se seria possível encontrar adeptos do integralismo, “Encontra sim, amigo! Os bons brasileiros, estão em toda parte. E eles, amam o Brasil! Eles estão nas Igrejas, nos quartéis, nas cátedras, na justiça, nas escolas, nas fábricas, nas cidades e nos campos”<sup>183</sup>. O próprio Manifesto de Outubro seria “um chamado aos bons brasileiros para a grande luta pelo engrandecimento da pátria”<sup>184</sup>. A oposição entre o bom e o mau brasileiro é ainda posta de forma mais extrema:

Estes que maldizem contra nós não possuem sequer o mínimo de dignidade e amor para com a Pátria, pois quem não se sensibiliza ou respeita o ideal que Plínio Salgado semeou, perdoe-me em dizer que: — ‘Você não é brasileiro, não ama o seu País ou a sua inteligência está inapta para travar qualquer conhecimento político.’<sup>185</sup>

Aquele que não aceita o integralismo deixa de ser brasileiro, ou é, no mínimo, incompetente. Excluem a nacionalidade do opositor, retirando com ela seus direitos e sua capacidade de pensar politicamente. Mas nisso reside uma série de valores que são aceitos como tais pelo grupo. Valores e símbolos partilhados por um grupo formam um conjunto que caracteriza uma identidade, individual ou de grupo.<sup>186</sup> Maria Amélia Salgado Loureiro, filha de Plínio, caracteriza o movimento na luta que desempenha e identifica-o como de direita:

Se... Crer em Deus, amar a Pátria e sustentar o princípio da Família. Pugnar pela soberania financeira da Nação, lutando pela liberdade do Brasil e dos brasileiros das garras do capitalismo internacional. Combater o comunismo materialista. [...] Combater o cosmopolitismo, o snobismo, o sensualismo desenfreado (hoje valorizados e difundidos nos meios de comunicação mormente no cinema e no rádio, o alcoolismo, os tóxicos, todos os vícios enfim, em nome das energias de uma raça e dos direitos sagrados de um povo. [...] façamos a Grandesa Moral, intelectual e material da Pátria Brasileira, livrando-a dos agentes da desordem e da destruição, é ser de Direita, queremos proclamar bem alto: “SOMOS DA DIREITA”.<sup>187</sup>

Simbolicamente, esse discurso congrega as lutas dos integralistas – ou as pretensas lutas – dentro da caracterização “de direita”. Mobilizando os “inimigos” como o comunismo, cosmopolitismo e os vícios, em nome do povo, cria uma identidade ao grupo. Não apenas “de

<sup>182</sup> ESTRELLA, Arcy. Juventude integralista. *Alerta*, São Gonçalo, n. 22, p. 1, out. 1997.

<sup>183</sup> ESTRELLA, loc. cit.

<sup>184</sup> OLIVEIRA, Argemiro. O manifesto de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 8, p. 4, jul. 1996.

<sup>185</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Homenagem aos sessenta e três anos de lançamento do Manifesto de Outubro de 1932. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 63, p. 2, dez. 1995.

<sup>186</sup> WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>187</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Somos da direita. *Alerta*, São Gonçalo, n. 7, p. 2, jun. 1996.

direita”, mas de defensor do Brasil e dos brasileiros. A eles, os brasileiros, é direcionado também um conjunto de valores:

BRASILEIRO, tu que amas verdadeiramente a Pátria: tu que valorizas nossa bandeira e canta com orgulho o Hino Nacional: tu que acreditas em uma nação forte e soberana, à altura de nossas tradições: tu que defendes a moralidade e os sagrados princípios de Deus, Pátria e Família: tu que não suportas mais os partidos políticos brasileiros que, em nome de conchavos e alianças, ignoram os problemas nacionais: tu que reprovos o individualismo da grande maioria de nossos políticos que, exercendo cargos em benefício próprio entregam o Brasil à rédea dos banqueiros internacionais: tu que, pensando no teu povo, colocas a Pátria acima de interesses particulares e ambições pessoais. ENFIM, tu que repudias a covardia e a fraqueza e acreditas que somente a união dos nacionalistas pode salvar nossa sagrada Pátria do liberalismo e da decadência... JUNTE-SE A NÓS E PROVE QUE UM BRASILEIRO NÃO FOGE À LUTA!!!<sup>188</sup>

Diversos símbolos nacionalistas são mobilizados, como a bandeira e o hino, cujo trecho “verás que um filho teu não foge à luta” foi apropriado como frase de provocação, mesmo compondo a segunda parte do hino que não é cantada pelos integralistas em reprovação ao trecho “deitado eternamente em berço esplêndido”<sup>189</sup>. O leitor é convocado a agir para salvar a moralidade e os princípios integralistas do lema “Deus, pátria e família”. Criam uma identificação generalizante de anseio pela força do país e apelam a um pretense passado de “tradições” que seriam grandiosas em comparação com o estado atual do país. A imagem de si, ou do grupo, remete a um passado, mas a mobilização dessa memória não recupera uma imagem fiel, mas outra, carregada das complexidades de quem discursa sobre ela.<sup>190</sup>

Em fevereiro de 1998, o boletim *Alerta* divulgou que passaria a emitir uma “Carteira Social do CCPS-Alerta”<sup>191</sup> com foto e número do RG de quem estivesse interessado. Representar-se e identificar-se é, segundo Marcel Detienne, vital ao ser-humano, seja isso de forma consciente ou não.<sup>192</sup> O documento de identificação toma esse papel, por um lado distinguindo uma pessoa da outra, por outro inserindo-a num grupo nacional. A identidade integralista fornecida pelo CCPS efetua esse movimento agregando o indivíduo ao grupo e diferenciando-o de outros grupos ou indivíduos que não compartilham daquela identidade ideológica.

Tão logo Fernando Collor de Mello assumiu a presidência em 1990, Jader Medeiros publicou um artigo de capa insinuando a grande influência do integralismo no programa de

<sup>188</sup> CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS. Aos civis e militares do Brasil. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 3, out., 1999.

<sup>189</sup> “Art. 50 - Como os Integralistas não admitem mais a idéia de que o Brasil esteja deitado, não será cantada a segunda parte do Hymno Nacional, sendo, apenas, cantada a primeira [...]” AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937. p. 16.

<sup>190</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 65.

<sup>191</sup> IDENTIDADE do Alerta. *Alerta*, São Gonçalo, n. 26, p. 3, fev. 1998.

<sup>192</sup> DETIENNE, Marcel. *A identidade nacional*, um enigma. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

governo do novo presidente. “O Manifesto de Outubro de 1932, que é a Doutrina Integralista, [...] é de uma atualidade impressionante, constituindo uma fonte permanente de inspiração nacional”<sup>193</sup>. Apesar de terem se passado quase sessenta anos do lançamento do Manifesto ao artigo de Jader, os militantes consideravam que a doutrina era suficientemente atual para dar conta dos problemas da nação. Passado, presente e futuro parecem se misturar no discurso integralista quando o assunto é o próprio movimento. A identificação como algo antigo e novo, tradicional e revolucionário não era contraditória para eles.

O Brasil já tinha passado por diversas mudanças, e via surgir novos problemas e soluções, mas ainda assim para os militantes integralistas o Manifesto de 1932 estava tão bem ancorado numa “essência” da pátria que dava conta dos problemas da década de 1930, de 1990 e do porvir. Ele adquiria por assim dizer, uma qualidade atemporal como se pertencesse naturalmente a todos os tempos da nação. “O **ideal integralista** jamais deixará de estar presente na vida política, econômica, social, cultural e espiritual da nação brasileira, tendo em vista o nosso maior objetivo, que é a implantação da **democracia orgânica** ou **estado integral**, em nossa pátria”<sup>194</sup>. A frase foi publicada em um espaço separado em meio aos outros textos por diversas edições de *Renovação Nacional*. A identidade do movimento se confunde com a da própria nação da qual ele não poderia mais ser dissociado.

A identidade está intimamente vinculada ao passado do movimento, lembranças e esquecimentos carregados de emoções são atrelados à consciência que atua no presente, não apenas pelo presente, mas também pelas demandas do futuro.<sup>195</sup> Afirma Sebastião Cavalcante, mobilizando o passado e o futuro do movimento que “não é uma idéia nova, pois já tem mais de sessenta anos de existência. Entretanto, o Integralismo de hoje é o mesmo de outrora, e, com certeza, será o mesmo do futuro”<sup>196</sup>. A identidade do movimento é também buscada em um passado nacional, se apropriando e incorporando elementos mais generalizantes como princípios patrióticos e religiosos: “Estamos sacudindo uma NACIONALIDADE, acordando um CONTINENTE, anunciando uma nova era e supervisionando toda a NAÇÃO. SOMOS UM MOVIMENTO de idéias sólidas, porque alicerçadas nos princípios cristãos e patrióticos”<sup>197</sup>. O

---

<sup>193</sup> MEDEIROS, Jader. Vamos construir um Brasil novo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 1, jan./mar. 1990.

<sup>194</sup> Id. O Integralismo na Vida Brasileira. *Renovação Nacional*. Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 4, jan./mar. 1993.

<sup>195</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 63.

<sup>196</sup> ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. Por Que Não o Integralismo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 3, jan./mar. 1993.

<sup>197</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Clarinadas de Uma nova Revolução. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 3, jan./mar. 1992.

passado evocado é domesticado a partir do presente,<sup>198</sup> atrelando elementos remotos à imagem que pretendem passar.<sup>199</sup> Esses elementos acabam por se configurar como continuidades, essências e, por isso mesmo, justificantes:

Juventude Integralista: sempre que oportuno, o *nome do remédio* deve ser dito corajosamente em toda parte, a todo momento e é INTEGRALISMO a doutrina brasileira que se propõe criar uma cultura, uma civilização, um modo de vida genuinamente brasileiros, de acordo com a realidade nacional e a formação cristã de nossa gente.<sup>200</sup>

O apelo à juventude remete ao discurso do movimento, que clama por uma tomada de ação pelos jovens. Os integrantes mais velhos, ex-AIB, PRP e Águias-brancas, já sentiam pesar a idade e precisavam formar uma juventude para manter o movimento atuante. Somente uma nova geração teria forças para continuar, e os jovens integralistas tinham consciência de seu papel ativo no movimento. Nilo Barreto Junior, da Juventude Nativista Bandeira do Sigma (São Paulo), cujos integrantes frequentavam o Centro Cultural Plínio Salgado, define a posição da juventude integralista: “Nós somos o elo de fogo que une o passado ao futuro, somos a renovação do espírito, a perpetuação da raça e os herdeiros legítimos dos camisas verdes com Cristo e pela Nação conduzimos a Bandeira do Sigma rumo ao terceiro Milênio”<sup>201</sup>.

Entretanto, a juventude idealizada e aclamada pelo movimento no discurso encontra seus entraves dentro do integralismo. O contato recente com a doutrina se contrapõe à experiência dos militantes mais antigos, que muitas vezes tiveram contato direto com o falecido chefe. Marcelo Magalhães relata sua experiência no movimento em carta publicada no jornal *A Voz do Oeste*:

Sei que muitos companheiros me interpretam com insegurança e desconfiança; já ouvi coisas como que “não irei conseguir nada” ou então que só mais tarde (não sei quando) é que irão compreender o Integralismo por completo (o povo), e que nada conseguirei realizar... Sou jovem e acredito e confio na Doutrina Integralista; podem os incrédulos desconfiar de minha pessoa em relação às minhas pretensões no futuro do Integralismo. O que me importa somente é dar continuidade às atividades que foram encerradas em 1º de novembro de 1937. Quero fazer alguma coisa para que sejam novamente o maior movimento cívico e cultural das Américas, quero pelo menos viver aquela magia que fora vivida nos anos 30. Não! Não sou nenhum jovem frustrado ou maluco que quer reviver um passado que não viveu, e sim, tentar ressuscitar um espírito que há muito tempo morreu entre o povo brasileiro, que é o espírito do civismo, do nacionalismo, do amor aos nossos antepassados e às nossas tradições.<sup>202</sup>

<sup>198</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 74.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>200</sup> LIMA, J. L. Cerqueira. O Nome do Remédio. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 2, jan./mar. 1990.

<sup>201</sup> BARRETO, Nilo Jr., [É fundamental que...]. *Alerta*, São Gonçalo, n. 34, p. 2, nov. 1998.

<sup>202</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Caríssimos companheiros, Anauê! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 65, p. 2, mar. 1996.



Os jovens militantes acabam tendo a necessidade de se posicionar e defender seu espaço e identidade como verdadeiros integralistas. Para se distanciar de uma imagem de ingenuidade e ilusão com o passado, justifica seus anseios recorrendo aos elementos do civismo e nacionalismo que deveriam ser “resgatados” do passado para o presente. A juventude no movimento esteve num constante jogo de forças para se impor, e por isso era preciso ter a legitimação dos mais antigos.

Um evento em comemoração aos sessenta e cinco anos do Manifesto de Outubro foi realizado em São Paulo, na sede da Federação dos Trabalhadores Cristãos. O boletim *Alerta* informou sobre a realização do evento organizado pela Juventude Nativista Bandeira do Sigma, com a “aprovação” da CCPS. Na foto publicada no jornal registrando a comissão da Federação, encontram-se cerca de vinte pessoas. Seis jovens de cabeças raspadas estão posicionados na frente, dois deles segurando fotos de Plínio Salgado. As fotos do antigo chefe funcionam visualmente para identificar e legitimar o encontro integralista pelas mãos dos jovens. A união, seja no encontro, na foto ou no discurso, é instrumentalizada para congregar os militantes dentro do movimento:

Sei que estou me dirigindo principalmente para pessoas que já passaram dos 50 ou 60 anos de idade; mas sei também que a única coisa que me difere dos demais integralistas é tão somente a idade mesmo assim, há muitos jovens que estão conhecendo a doutrina e se tornam integralistas, pois a comunhão de ideais é simplesmente a mesma.<sup>203</sup>

Marcelo tentava assim pleitear um papel de igualdade com os militantes mais antigos, invocando uma comunhão ideológica e a renovação da militância. O apelo à ação da juventude que é feito constantemente pelos mais velhos, se contrapõe à necessidade de luta dos mais jovens para garantir seu espaço. Ser integralista no final do século XX, fosse novo ou velho, foi a um só tempo tentar resgatar o movimento e a busca e luta por um Brasil idealizado na doutrina integralista.

### 3.2 CRISE: A IMAGEM GERAL

Ser integralista nos anos 1990 também estava muito ligado à crise, ou ao combate a ela. Se ser um bom brasileiro é ser temente a Deus e trabalhar pelo Brasil, é também lutar contra a crise. Crise que vai se manifestar contra a sociedade utópica idealizada desde a década de 1930 e que vai continuar sendo mobilizada no final do século XX.

---

<sup>203</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Juventude, aonde vais? *A Voz do Oeste*, Lins, n. 61, p. 2, out. 1995.

De acordo com Marilena Chauí, a ideologia integralista buscava criar uma imagem de sociedade unificada, harmônica, sem luta de classes,<sup>204</sup> ocultando a separação entre a sociedade e o poder e legitimando como natural a dominação de uma classe sobre as demais. O discurso integralista nos anos 1990 mantém essa ideia de hierarquização da sociedade. Ela é explicitada em seus anseios pela educação para todos os homens e mulheres, de nível médio e nível básico “pois a simples alfabetização apenas formará ociosos leitores dos ‘gibis’”. Mas a etapa seguinte da educação seria exclusiva apenas para uma camada da população, o “nível universitário [é] para as elites”<sup>205</sup>. Separa assim a sociedade numa pirâmide hierárquica, a classe que pode fazer isso e a classe que pode fazer aquilo, desde que bem aceita por todos em harmonia, é claro.

Ainda que existam argumentos em defesa das classes pobres – como a crítica a programas de televisão que mostram a ostentação dos abastados e “zombam” dos menos favorecidos: “o pobre não tem direito a nada, a não ser ficar olhando e sonhando com a possibilidade de um dia estar do lado rico”<sup>206</sup> –, eles se dão para reprimir os anseios da camada baixa e evitar o que estaria se tornando “uma doença: a frustração e o inconformismo”<sup>207</sup>. A defesa dos mais pobres nos jornais não se mantém nas proposições que eventualmente são apresentadas, que essencialmente reproduzem a hierarquização social.

Mas essa sociedade ideal é ameaçada constantemente pela crise, uma forma abstrata e generalizante dos problemas identificados pelos militantes. A imagem da crise surge como uma desordem, uma irracionalidade que abala a sociedade harmônica e racional:

[...] assistimos hoje no Brasil, a mais absoluta falta de rumo e a mais desenfreada corrupção, em todos os setores da vida nacional [...] enquanto o sofrido Povo Brasileiro, angustiado, enfrenta uma permanente alta do custo de vida e um constante reajustamento de tarifas dos serviços públicos, caminhando, inexoravelmente, para a miséria e a fome<sup>208</sup>; Mergulha o Brasil em tal gama de crises que é difícil distinguir o que mais atormenta<sup>209</sup>.

Apesar de aparecer no discurso integralista como uma constatação imprecisa e nebulosa, o termo pode ser melhor demarcado para seguirmos na investigação. Gianfranco Pasquino define crise como uma ruptura no funcionamento de um sistema, promovendo uma mudança positiva ou negativa, que pode ainda ser violenta ou não. A crise é geralmente caracterizada pela imprevisibilidade, pela duração limitada e por incidir no funcionamento do sistema. Para

<sup>204</sup> CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 2. p. 97.

<sup>205</sup> PELA reforma do homem rural. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 61, p. 1, out. 1995.

<sup>206</sup> PELA reforma do homem rural, loc. cit.

<sup>207</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. A opulência televisiva contrastada na realidade pobre do País. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 61, p. 2, out. 1995.

<sup>208</sup> MEDEIROS, Jader. Democracia orgânica para o Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 1, abr./jun. 1993.

<sup>209</sup> MONDIM, Guido. O Inadiável. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 25, p. 2, jul. 1992.

compreender uma crise, segundo o autor, é necessário analisar três fases: o momento anterior à crise, o período de crise propriamente dita e a fase em que a crise já passou e o sistema não é mais como a fase inicial<sup>210</sup>.

O período anterior ou o posterior à crise, mesmo quando não faz parte do discurso, é essencial à ela, a crise precisa ser invocada para que seja necessário restaurar a ordem (anterior ou nova).<sup>211</sup> Esse argumento torna possível a coexistência do ideal de sociedade harmônica e um estado de desestruturação e caos que necessita uma grande modificação. Mesmo que a sociedade ideal integralista não exista de fato - senão no seu imaginário, discurso, ideologia e anseios -, a ideia de crise justifica o estado caótico e a necessidade de retorno a um passado idílico ou a construção de um futuro ideal:

A noção de crise permite representar a sociedade invadida por contradições, mas, simultaneamente, permite tomar as contradições como um acidente, um desarranjo, pois a harmonia é pressuposta como de direito, de sorte que a crise é uma desordem factual provocada seja por engano (involuntário) dos agentes sociais, seja por um mau funcionamento de certas partes do todo.<sup>212</sup>

A ideia de crise endossa a identidade da sociedade harmoniosa e aponta os problemas ou agentes que impedem a sua realização. Com frequência esses agentes vão ser identificados com o comunismo, capitalismo, a luta de classes “que tantos males vem causando a economia do país”<sup>213</sup>, os políticos “inescrupulosos”<sup>214</sup>, a vida moderna “vazia, atormentada e anárquica”<sup>215</sup> e outros mais:

[...] cada vez menos soberana, cada vez mais escravizada a interesses alienígenas e antinacionais, eis o quadro aterrador de nossa Pátria. O Capitalismo - da sua dúplice forma, o Capitalismo Privado e o Capitalismo de Estado (Marxismo), ambos materialistas, totalitários e imperialistas -, prepara o assalto final ao Brasil. Tudo conspira contra a integridade da Nação Brasileira em todos os setores da vida nacional - no moral, no econômico, no político, no financeiro, no administrativo, no cultural, no militar, etc [...] Nós não temos um governo nacional, porque isto que aí está, e assim se denomina, serve unicamente aos interesses políticos e econômicos do Capitalismo Internacional.<sup>216</sup>

A estes é encarregada a culpa ou o medo da perda da identidade e da desagregação social. Os próprios problemas sociais são apontados, ora como causa, ora como consequência,

<sup>210</sup> PASQUINO, Gianfranco. Crise. In.: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1. p. 303-306.

<sup>211</sup> CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 2. p. 99.

<sup>212</sup> CHAUI, loc. cit.

<sup>213</sup> CÂMARAS Setoriais? Por Que Não a Câmara Orgânica? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 2, nov./dez. 1991.

<sup>214</sup> RELEMBRANDO 1932... *A Voz do Oeste*, Lins, n. 69, p. 1, jul. 1996.

<sup>215</sup> FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Perplexidades da vida moderna. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 82, p. 3, set. 1997.

<sup>216</sup> VASCONCELLOS, Sérgio de. Convergência nacional. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 29, p. 3, nov. 1992.

voláteis em uma escala nacional ou internacional. Questiona-se o editor de *A Voz do Oeste*, “E quais os perigos?! O que nos embaraça e deixa inquietos com o dia de amanhã?”:

Inúmeros são os perigos num mundo efervescente e cheio de tribulação. Desde as convulsões sociais provocadas pelas dissensões entre povos, e mesmo entre regiões de uma nação, até aos extremos de violência contra o ser humano, nos cárceres torturantes ou nos infanticídios não menos medonhos, como os terríveis abortos praticados em todo o mundo. [...] Nossa juventude anda sem rumo, sem ideal, empurrada para a droga: o fumo, o álcool, a jogatina, a ilusão dos tóxicos. A cada dia morrem inúmeras pessoas pelo câncer e pela Aids, devido ao abuso da alimentação e da bebida, além da promiscuidade a que são expostas. O jovem de hoje deve sofrer muito mais para manter a sua personalidade, manter-se digno e consciente do pouco que aprendeu na vida.<sup>217</sup>

Para evitá-los ou recuperar a sociedade afligida, surge a imagem do salvador, o chefe esperado, que encarna a identidade da sociedade.<sup>218</sup> Para os integralistas dos anos 1990, entretanto, a falta de um chefe que incorpore essas características é suprida pela imagem do chefe idealizador:

O Integralismo foi codificado por Plínio Salgado em 1932. Portanto, há mais de sessenta anos que o Brasil e o mundo tomaram conhecimento de seus princípios basilares. É uma doutrina ímpar e, temos certeza, uma vez aplicada em toda a sua essência salvará povos e nações das garras dos políticos profissionais.<sup>219</sup>

Com frequência, ao se referir a doutrina integralista ou ao integralismo, a indicação do criador e do período é evidenciada pelos militantes. Isso reforça a imagem de um chefe idealizador, sempre referindo e lembrando o “autor original”. O próprio movimento também assume esse papel, incorporando as características essenciais do país: “[...] a Doutrina Integralista, codificada pelo escritor Plínio Salgado em 7 de outubro de 1932. Só ela e somente ela será capaz de salvar, em nome de Deus, da Pátria e da Família, o nosso Brasil”<sup>220</sup>. A expectativa de salvação recai sobre o criador e a criatura, o chefe idealizador e o movimento. Desenvolvia-se uma imagem tenebrosa e no mesmo artigo se apresentava também a solução, o integralismo. Essa fórmula foi repetida intensamente, com temáticas variadas. O poema de Marcelo Mendez, *Brasil*, foi publicado na edição de janeiro e fevereiro de 1999 de *A Voz do Oeste* e em julho de 1999 no boletim *Alerta* e apresenta em um formato diferente, a mesma fórmula de construção de uma imagem de crise e em seguida sua solução:

Brasil!  
 Que caminhada amiúde, sem educação, sem saúde  
 Sem apoio cultural, sem perspectiva, somente para atender,  
 A missiva do Fundo Internacional.  
 Brasil!

<sup>217</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Renovar para viver. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 76, p. 2, mar. 1997.

<sup>218</sup> CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 2. p. 100.

<sup>219</sup> ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. Por Que Não o Integralismo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 3, abr./jun. 1993.

<sup>220</sup> Id. Por Que Não o Integralismo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 3, out./dez. 1992.

Gigante em berço esplêndido  
 Pátria amada adormecida perante seus valores morais  
 É o povão levando a vida, sem casa, escola, comida  
 É corrupção demais!  
 Brasil!  
 Terra em que o sabiá gorjeava  
 E hoje já não gorgeia mais!...  
 A mata foi queimada, a árvore arrancada  
 Cumplicidade dos fiscais!  
 Brasil!  
 Do gari ao doutor, do médico ao trabalhador,  
 Os direitos têm de ser iguais!  
 É a escola sem professor  
 É o remédio que não cura a dor  
 São os políticos vendidos e servis  
 Ai! Pobre do meu país!  
 Apesar de todos esses fatos  
 Eu acredito e não me rebaixo!  
 Pois meu sonho não se maldiz,  
 Eu sonho com a felicidade, com toda a dignidade  
 Eu luto para ver meu Brasil feliz!  
 E como conseguir isso? Muito simples!  
 O Integralismo no País!  
 Em toda esta terra varonil  
 Anauê! Para o bem do Brasil!<sup>221</sup>

O integralismo como solução dos problemas do país, aparece como uma constatação óbvia que não precisa de justificativa. As causas do estado crítico são exploradas e compõem a maior parte do poema, destrinchando algumas questões identificadas pelo militante. Mas a solução parece se amparar somente nos anseios de felicidade e dignidade do autor, que vinculamos à resposta “muito simples”: “Integralismo no País!”.

Independentemente do enfoque, a imagem da crise, seja ela crise econômica, moral, política, da saúde, educação, etc, é uma ferramenta que facilmente inspira identificação, pois compete a toda a sociedade combatê-la, dissolvendo contradições ou diferenças:<sup>222</sup> “Sente-se, dia-a-dia, um mal-estar generalizado, que tende a agravar-se, devido à incúria dos que se omitem a favor do povo”<sup>223</sup>. É no cotidiano e nos aspectos gerais que foi construída a imagem de crise, descrevendo situações típicas que poderiam acontecer com qualquer pessoa:

Nos dias de hoje, tudo que observo me leva a conclusões pessimistas, com o diagnóstico de uma sociedade doente. Bebês, são encontrados em lixeiras; governos apoiando a criminosa lei do aborto; mendigos se transformando em exército de miseráveis; os pivetes que já eram o resultado dos desajustes sociais agora, matam as suas vítimas com armas de fogo, traficam drogas e invadem escolas à luz do dia. As pessoas já não cedem lugares nos ônibus às pessoas mais idosas e senhoras grávidas... Para melhor exemplificar a degeneração dos costumes em nossa Terra, assistimos estarecidos, pela televisão, o pronunciamento do Presidente da República chamando

<sup>221</sup> MENDEZ, Marcelo. Brasil. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 97, p. 4, jan./fev. 1999; *Alerta*, São Gonçalo, n. 37, p. 3, jul. 1999.

<sup>222</sup> CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 2. p. 111.

<sup>223</sup> ÁVILA, Rufino. Pelo Bem do Brasil! *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 4, nov./dez. 1991.

de “vagabundos” os aposentados. O sertanejo nordestino morre de fome por falta de assistência...<sup>224</sup>

Do apelo à violência urbana a atitudes diárias em ambientes coletivos cria-se vínculos com medos e vivências comuns. **Cria-se**, pois falar de crise e de projeto político para restabelecer a sociedade harmônica, apesar de afetar a todos, não necessariamente tem um efeito relevante ao leitor. É preciso tornar o texto apelativo e garantir um caráter de relevância pessoal ao leitor. Isso não é novidade nem prática exclusiva desses jornais, é na verdade atividade jornalística comum. A seleção do que é noticiável num jornal passa pela verificação de características de noticiabilidade, valores-notícia.<sup>225</sup> Esses valores estão presentes também na construção da notícia, em que a relevância atua para dar maior “sentido” enquanto a dramatização age como um reforço dos aspectos emocional e crítico do texto. Os valores-notícia são utilizados de forma mais instintiva do que reflexiva na prática jornalística,<sup>226</sup> e o mesmo acontece entre os militantes que redigem seus textos para os jornais integralistas ou os editores que selecionam textos de outras fontes. A intenção de reforçar o vínculo do assunto ao leitor e os elementos emocionais apelativos se percebe na construção desses textos, mas não significa necessariamente - nem se exclui a possibilidade - que façam uso desses valores jornalísticos de forma consciente.

Há também a imagem construída através da denúncia de processos mais longos, frequentemente buscando causas anteriores ou exteriores a ele e ao contexto histórico em que se insere. Sobre a miséria, em extenso texto, denunciam seu nascimento na “desestrutura fundiária brasileira”, passando pela “burocracia da inépcia e da desonestidade endêmica, da mentira liberal e das farsas socializantes, que são as máscaras da usura e da insensatez”. E o quadro segue pelas “multidões de desempregados e segregados” que acabam produzindo “a favela e a fome, a hipertrofia da marginalidade urbana, as epidemias e o menor abandonado, a delinqüência e a doença, o crime e a morte”. A exposição é abrangente, e alcança também as mazelas do interior “nas glebas rurais onde se morre de subnutrição em meio à fartura dos latifúndios” e retorna ao meio urbano no “favelamento criado pelo latifúndio urbano, na vida aviltada dos despejados, nas filas dos péssimos serviços sociais do governo, no relento e desalento das ruas com seus esgotos e amarguras a céu aberto”.<sup>227</sup>

<sup>224</sup> CEZAR, Murilo. Sociedade doente. *Alerta*, São Gonçalo, n. 33, p. 1, set. 1998.

<sup>225</sup> “Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (“newsworthiness”).” (TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo II*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. p. 63.)

<sup>226</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>227</sup> ERRADICAR a miséria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 72, p. 1, out. 1996.

Aponta os culpados por essa situação “os fabricantes de misérias” e os meios pelos quais atuam para gerá-la, sendo eles o “oportunista político, movido a calamidades, e com ele a demagogia dos programas assistenciais”, o “atravessador eleitoreiro”, que exploram as “carências sociais, o garimpo da desordem, o ganho ilegítimo, as receitas ociosas, a renda que vem da pobreza e a concentração de riquezas”, esta última considerada a principal disseminadora da miséria. Na análise do autor, a miséria é a origem de diversos problemas sociais que se multiplicam e culminam na morte do pobre, seja pela fome, doença ou violência. A miséria por sua vez é fruto da distribuição de renda desigual mantida por políticos corruptos e “governos, anacrônicos e grotescos”. Mas mesmo estes ainda não estão na ponta final do problema, pois “não passam de peças do jogo jogado pelas classes dominantes, vulgares e prepotentes, e grosseiramente materialistas e estúpidas no corpo e na alma”.<sup>228</sup>

Sejam os políticos ou as classes dominantes, ambos padecem de um problema cuja raiz é mais profunda na análise do autor, “a miséria moral – a mãe de todas as misérias”. Seguindo o texto, para debelar a miséria seria necessário um “saneamento moral” para combater “a virose que ataca o caráter”. As ações tomadas para enfrentar o problema como o Estatuto da Criança e do adolescente teriam criado apenas “distorções e abstrações”, pois o crucial seria a criação de um “Estatuto da Consciência Moral e do Senso Ético, e o seu respectivo código de patriotismo, solidariedade, decência e até mesmo inteligência para construir a verdadeira grandeza nacional, com benefícios para todos”.<sup>229</sup>

### 3.2.1 A imoralidade: “contra a família brasileira”

Observa-se que a moralidade se torna um elemento primordial, a raiz dos problemas. A crise pode ser explicada pela decadência moral da sociedade, ao mesmo tempo que justifica a ação do movimento que toma para si a identidade de defensor da moralidade e dos bons costumes. Evidentemente, a sua concepção particular do que é moral e do que deve ser socialmente aceito. O imbricamento entre crise e moralidade foi apontado por Reinhart Koselleck analisando os filósofos iluministas pré-revolução francesa e o uso da crise. O autor defende que a crise passou a ser entendida por um dualismo em que a decisão política tornava-se resultante do julgamento de um processo moral:<sup>230</sup>

<sup>228</sup> ERRADICAR a miséria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 72, p. 1, out. 1996.

<sup>229</sup> ERRADICAR a miséria, loc. cit.

<sup>230</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999. p. 138.

As interpretações dualistas que os ‘philosophes’ concederam à crise, seus prognósticos que culminavam em um ‘ou isso ou aquilo’, são a aplicação, à história, de categorias forenses da consciência esclarecida, isto é, a aplicação de juízos rigorosos pronunciados por uma justiça moral. A crise torna-se um processo moral.<sup>231</sup>

O paralelo entre moralidade e crise feito pelo autor auxilia a compreender o uso combinado destes termos pelos jornais integralistas. A crise é culpa e consequência da falta ou decadência da moralidade que se alastrou pela sociedade: “está acontecendo uma aliança curiosa, capciosa, muito bem orquestrada pelos nossos politiquinhos da politicalha. Os valores estão sendo subvertidos e um conluio degradante se vai armando nas trevas da podridão moral”<sup>232</sup>. Aqueles identificados como culpados pela crise ou a ela vinculados são igualmente associados com a imoralidade. São eles que causam degeneração da sociedade, pois a imoralidade alcançou-os primeiro, e, portanto, “tudo se resolveria pela elevação moral e cultural dos políticos”<sup>233</sup>.

Os que estão no poder seriam imorais e contribuiriam para o desenvolvimento da crise e da imoralidade. Debelar a crise só seria possível com a regeneração moral, que por sua vez dependeria da aproximação da sociedade com o catolicismo e o integralismo:

Queremos chegar ao poder para reconstruirmos o Homem e a Sociedade (atitude prática e objetiva) ou queremos reconstruir o Homem e a Sociedade para chegarmos ao poder? Parece-me que reformar uma sociedade dominada pela corrupção e pelos tóxicos, não será tarefa para quem não for detentor do poder. Se for opção do nosso movimento a luta pelo Poder, entendo que devemos fundar um partido político [...] por uma luta sem trégua contra a fome, a miséria e a insegurança, contra o racismo e a decadência dos costumes.<sup>234</sup>

A população “no caminho certo” optaria naturalmente pelo integralismo, pois “o Integralismo há de vencer. Há de vencer porque o povo nos compreenderá, e nos compreenderá porque é cristão e nacionalista como nós”<sup>235</sup>. Crise e moralidade são para os integralistas questões urgentes, para as quais só eles têm a resposta, já que “é simples para quem conhece a Ideologia Integral instituída pelo Chefe Nacional Plínio Salgado: a crise não é econômica, mas política. São os valores morais que estão em jogo, e não os meros valores monetários”<sup>236</sup>. Os integralistas colocam o movimento na posição de possuidor da moralidade e os políticos estabelecidos no poder, assim como os outros “inimigos” do integralismo, no lado contrário desse dualismo. A escolha política estaria ancorada num julgamento moral entre o certo e o

<sup>231</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999. p. 151.

<sup>232</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Em vez de reformar, transformar. *A voz do Oeste*, Lins, n. 44, p. 2, abr. 1994.

<sup>233</sup> ESTRELLA, Arcy. A democracia verdadeira. *Alerta*, São Gonçalo, n. 27, p. 1, mar. 1998.

<sup>234</sup> LIMA, J. L. Cerqueira. Carta Aberta aos Integralistas. *Renovação Nacional*. Rio de Janeiro, n. 85, p. 3, nov./dez. 1991.

<sup>235</sup> LIMA, loc. cit.

<sup>236</sup> NEULES, José de Freitas. Vontade política x caos econômico. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 36, p. 2, jul. 1993.



errado: ou regenera-se a sociedade com o integralismo ou ela continuaria dominada pela crise e imoralidade.

O discurso sobre a imoralidade vai ser mobilizado em um nível mais abstrato, uma vez que a imoralidade – como uma entidade – vai atentar contra o Brasil e contra o seu menor núcleo, a família brasileira. Isto se dá principalmente pelos meios de comunicação, contra os quais os integralistas vão fazer extensas campanhas ao longo dos anos 1990, pedindo “um controle, uma fiscalização mais efetiva, que proíba programas, novelas, filmes e propagandas, que atentem contra a moral, a família e aos bons costumes da sociedade”<sup>237</sup>. O apelo ao “bom” brasileiro invoca também essa questão: “em todos os setores da Sociedade, existem bons brasileiros, Militares, civis, brancos, negros, doutores, operários e camponeses, são todos filhos de Deus e sonham com a defesa da família e a grandesa da Pátria”<sup>238</sup>.

A luta contra a imoralidade desemboca num intento em regenerar a sociedade, impondo suas noções de moralidade sobre o conjunto da população. Essa reabilitação pretendida é explicada por Roger Griffin<sup>239</sup> através do mito palingenésico. A palingenesis é entendida como uma regeneração ou um recomeço radical após um período percebido como crise, declínio ou dissolução. Esse mito é claramente identificável na religião católica, recheada de símbolos de renascimento, como a própria ressurreição de Cristo, o batismo, a comunhão, a páscoa e a busca, após a vida terrena, de um renascimento espiritual. Mas Griffin adverte que o mito palingenésico secular não vem diretamente da religião, mas é uma expressão de uma representação mítica secular.

O surgimento de um novo homem faz parte desse mito,<sup>240</sup> na percepção de que a sociedade vai evoluir, ainda que ancorada em valores do passado, como fazem os integralistas. A Juventude Integralista já declara em seu Manifesto que tem por objetivo:

[...] transformar a juventude iludida e degradada, pelo Capitalismo-Marxismo, em uma nova Juventude. E dando-lhes uma nova visão-de-mundo, com os conceitos integralistas, criaremos uma casta de verdadeiros “Super-Homens”, disciplinados e orgulhosos de pertencerem à uma nova estirpe: a “Quarta Humanidade”.<sup>241</sup>

O novo homem que eles pretendem criar concretizaria a “quarta raça”<sup>242</sup>, formadora da “quarta humanidade” que seria responsável por implementar o Estado Integral. O nascimento dessa nova raça aconteceria após um período de degradação, causada pelo capitalismo e pelo

<sup>237</sup> MENDEZ, Marcelo Santos. O integralismo é a favor da censura? *Alerta*, São Gonçalo, n. 36, p. 4, jun. 1999.

<sup>238</sup> ESTRELLA, Arcy. Recomeçar de novo. *Alerta*, São Gonçalo, n. 19, p. 1, jul. 1997.

<sup>239</sup> GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London; New York: Routledge, 2006. [sem paginação]

<sup>240</sup> *Ibidem*.

<sup>241</sup> AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Manifesto da Juventude Integralista, 1991.

<sup>242</sup> AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Manifesto da Juventude Integralista, 1991.

marxismo, radicalmente superado com os ideais integralistas. Griffin define um conceito mínimo de fascismo como um ultranacionalismo palingenésico,<sup>243</sup> que visa uma regeneração da sociedade nacional após um período de decadência que a teria levado quase ao seu fim. O autor afirma que a AIB dos anos 1930 configurava um ultranacionalismo palingenésico original, em grande parte por basear sua filosofia de história nas formulações sobre a Quarta Humanidade de Plínio Salgado.<sup>244</sup> Os textos publicados pelos militantes nos jornais dos anos 1990 demonstram que essa perspectiva pode ser endossada para esse período também.

A mobilização por uma regeneração social como no mito palingenésico se dá principalmente sobre os valores morais, percebidos como algo que se perdeu e precisa ser resgatado:

Já fomos longe demais, permitindo a libertação total, que radicalizou e extrapolou para caminhos inimagináveis. Talvez tenha sido uma moda que chegou ao auge e se evapora. Hoje, os jovens se entrecocam por futilidades, mas muitos estão descobrindo novos caminhos; então, transformando-se, quais crisálidas, em formosas borboletas, renascem da apatia para a libertação da inteligência e pelo milagre da palavra nova. Os novos tempos estão chegando e uma Nova humanidade plasmará o novo século.<sup>245</sup>

A nova sociedade e o novo homem surgirão para os integralistas por uma via dupla de moralização e aceitação do integralismo. Um completaria o outro num processo que levaria ao movimento de ascensão e a regeneração da sociedade. Mas os valores reivindicados pelos militantes, que teriam sido desvanecidos pela “libertação total”, são, na verdade, uma demanda datada. Ainda que existam grupos ou pessoas que clamem por uma moralização dos costumes, a sociedade em geral já estava nos anos 1990 bem estabelecida culturalmente sobre isso.

Os anos de chumbo marcaram a repressão moral na sociedade, músicas, programas de TV e outras expressões artísticas e culturais foram proibidas ou censuradas. Mas a sociedade caminhava em outra direção. Músicas estrangeiras, por exemplo, entravam no Brasil com conteúdo que contrariava a “defesa da moral e dos bons costumes”<sup>246</sup>. Paulo César de Araújo conta sobre o caso da música *Je t’Aime... Moi non Plus*. O dueto de Serge Gainsbourg e Jane Birkin com sua voz aguda sussurrante, intercalada com suspiros e arfadas, foi um sucesso em diversos países e no Brasil até ser barrada pela censura da ditadura. Os anos 1960 viveram o início da ‘liberação geral’ dos costumes, num movimento mundial, notadamente pelos eventos de maio de 1968 e Woodstock em 1969.

<sup>243</sup> GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London; New York: Routledge, 2006. [sem paginação]

<sup>244</sup> Ibidem.

<sup>245</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Mobilização da Juventude. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 68, p. 2, jun. 1996.

<sup>246</sup> ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

A repressão atingiu diversos artistas da MPB, de histórias conhecidas como Caetano Veloso e Chico Buarque, mas Araújo<sup>247</sup> atenta que a censura também agiu contra cantores e compositores populares, os bregas e cafonas Odair José, Dom & Ravel, Waldik Soriano entre tantos outros. Músicas sobre o desejo, conflitos sociais, críticas em duplo sentido, as letras *Uma vida só (pare de tomar a pílula)*, *Em qualquer lugar*, *A primeira noite de um homem* (que teve a letra alterada e renomeada como *Noite de desejos* para ser liberada), *Animais irracionais*, *Tortura de amor* foram cortadas, barradas ou tiveram muita dificuldade em serem lançadas. Mas mesmo sob o regime militar e a vigilância da censura, Agnaldo Timóteo era um dos artistas que cantavam atitudes desprezadas pela sociedade, *A galeria do amor*, *Perdido na noite* e *Eu pecador*, falavam da vida noturna, do homossexualismo, do amor livre.<sup>248</sup>

O comprimento das saias e dos cabelos, os papéis sociais, o tabu do sexo o divórcio e a contracepção estavam na pauta da época. Ainda que o susto do surto de AIDS nos anos 1980 e início dos anos 1990 possa ter gerado um certo “freio” nas discussões,<sup>249</sup> não foi o suficiente para desbancar o progresso das liberdades no comportamento. *Je t’Aime... Moi non Plus* dificilmente seria um escândalo nos anos 1990. Do início ao fim dos anos 1990 estrearam filmes como *Instinto Selvagem* (1992) e *De Olhos Bem Fechados* (1999), com tramas envolvendo sexo e desejo, mostravam pelo cinema que a moralidade e os bons costumes defendidos pela ditadura não tinham mais espaço no Brasil há tempos. Ainda que a sociedade tenha se desenvolvido quanto ao que considera moral e correto, segmentos conservadores como os integralistas permanecem perseguindo um modelo pautado no passado:

Você permitiria que uma pessoa de maus costumes – um homossexual ou uma prostituta, por exemplo – frequentasse cotidianamente sua casa e passasse a ensinar a seus filhos todos os seus hábitos, modos de ser, maneira de falar etc? Tenho como certo que nada disso o caro leitor aprovaria, de uma forma assim real, “ao vivo”, como se diz. E, no entanto, quando você liga um aparelho de TV e assiste a algum programa, você está colocando dentro de sua casa o que há de pior em matéria de vícios, crimes, violências e imoralidades de toda espécie, pois é o que contém a grande maioria dos programas de TV atuais.<sup>250</sup>

Ao contrário do tom escandaloso que o artigo dá ao assunto, a homossexualidade já era tema de novelas há muitos anos. A novela *Brilhante* (1981-1982), exibida pela Rede Globo, mesmo podada pela censura, fazia do personagem homossexual Inácio parte da trama principal. Apesar de termos tido que esperar até 2013 para que o romance homossexual saísse da

<sup>247</sup> ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

<sup>248</sup> Ibidem.

<sup>249</sup> SCALZO, Marília. Comportamento. In.: PINSKY, Jaime. *O Brasil no contexto: 1987 - 2007*. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2007.

<sup>250</sup> CAVALCANTE, Juraci J. Imoralidade e violência a domicílio. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 34, p. 5, maio 1993.

insinuação e ganhasse uma cena de beijo – com os personagens Félix e Niko de *Amor à Vida* – e ainda que isso tenha gerado manifestações conservadoras de parte da sociedade, retratar um personagem gay nas novelas não era novidade nos anos 1990. A prostituição também é um tema antigo nas novelas, em 1985, *Roque Santeiro* já abordava o tema, com um roteiro quase igual ao de 1975, que havia sido vetado pela censura<sup>251</sup>. No decorrer dos anos 1990 diversas personagens apareceram, mas só nos anos 2000 tiveram mais destaque como Capitu em *Laços de Família* (2001) e Bebel em *Paraíso Tropical* (2007).

As críticas integralistas ao conteúdo da televisão foram intensas, a ela foram associadas consequências descabidas, como a violência mundial<sup>252</sup> e um “bloqueio mental”<sup>253</sup> que faria as pessoas pararem de pensar. Nesta posição *A Voz do Oeste* divulgou a atividade da associação *O Amanhã de Nossos Filhos* e sua campanha contra a programação “degradante” da televisão. Com a revisão constitucional em 1994, a associação entregou ao Congresso Nacional um abaixo assinado que teria 17.500 assinaturas pedindo o controle de “atentados à moralidade pública”<sup>254</sup>.

“Elas representam o grito de angústia de famílias oprimidas no íntimo do lar e das consciências por um martelar contínuo de programas de TV onde sexo, vulgaridade e violência constituem verdadeiro incitamento à corrupção e ao crime”<sup>255</sup>, justificava o diretor da associação, Paulo Henrique Chaves. Nos anos seguintes a associação continuava sua campanha, produziram um livreto de quarenta e quatro páginas intitulado *TV: uma ‘escola’ mas de quê?*<sup>256</sup>, sob o argumento de que “os pais precisam saber como orientar seus filhos contra as imundícies e o gosto sádico da violência estimulados pelas emissoras de televisão!”<sup>257</sup>.

Toda esta comoção estaria alicerçada numa preocupação mais profunda a respeito “[d]os efeitos nocivos da TV na mente do jovem e a grave crise familiar que ameaça destruir a família brasileira”<sup>258</sup>. O que se apresenta como pano de fundo é uma ideia conspiratória, em que as liberdades, e mais diretamente as emissoras de televisão, fariam parte de um complô para desestabilizar o conceito de família que os integralistas concebiam. A manipulação dos sentidos e das ideias e o controle dos meios de informação fazem parte de uma mitologia que circunda

<sup>251</sup> MEMÓRIA GLOBO. Roque Santeiro. *Censura*. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/roque-santeiro/censura.htm>> Acesso em: 21 ago. 2018.

<sup>252</sup> SEM TELEVISÃO o mundo seria muito menos violento. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 37, p. 1, ago. 1993.

<sup>253</sup> CHAVES, Paulo Henrique. TV, uma escola de “analfabetismo funcional”. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 102, p. 3, jul. 1999.

<sup>254</sup> EMENDA popular pede limites para TV. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 42, p. 1, jan. 1994.

<sup>255</sup> EMENDA popular pede limites para TV, loc. cit.

<sup>256</sup> LIVRETO alerta país sobre TV. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 72, p. 2, out. 1996.

<sup>257</sup> LIVRETO alerta país sobre TV, loc. cit.

<sup>258</sup> LIVRETO alerta país sobre TV, loc. cit.

a crença da conspiração e se desenvolve pela dissolução dos costumes e fragmentação de tradições e valores sociais.<sup>259</sup>

A desagregação da família é retratada também pelo divórcio como um “mal necessário”<sup>260</sup> na melhor das abordagens apresentadas nos jornais. A sociedade havia avançado do desquite à lei do divórcio em 1977, mas isto era percebido pelos integralistas como uma afronta a família:

Pare. Fique somente observando que coisa linda você colocou no mundo, seja menino ou menina: eles fazem caretas, mexem os bracinhos, mastigam, chupam o dedo, se descobrem, ajeitam-se no travesseiro e continuam dormindo. Estas coisinhas maravilhosas, que não existem no mundo outro igual, é seu filho. Mas você não deve ter pensado seriamente nisso. Você pensou em ser feliz enquanto é cedo, enquanto você ainda é jovem, mas esquece que seus filhos são mais jovens ainda e necessitam de você PAI e de você MÃE. Porque foram vocês dois, num ato de amor, que lhes deram a vida (ato de amor ou ato sexual?).<sup>261</sup>

O apelo aos filhos do casal – novamente esboçando um modelo familiar – para justificar a manutenção do casamento, age para atingir e “conscientizar” o leitor da importância da manutenção da instituição do casamento para a preservação da família. Ao longo dos anos 1990 os divórcios aumentaram, hoje em dia todos conhecemos ao menos uma família em que ocorreu um divórcio ou separação. Nem por isso as famílias deixaram de existir ou se tornaram menos importantes como previam os integralistas.

A moralidade que eles defendiam já não existia há décadas, senão para uma estreita parcela da população. Suas queixas já não faziam sentido nos anos 1990 – menos ainda fariam agora –, nem o homossexualismo, nem o amor livre, nem o divórcio são agentes “destruidores” da “família brasileira”, senão de um restrito conceito tradicional de família que pouco representa as diversas formações familiares<sup>262</sup> existentes. Entretanto, é necessário registrar que uma certa carga de moralismo, em menor ou maior grau, pouco ou muito influente, permeia a sociedade ainda hoje, tendo nos últimos anos especialmente impulsionada pelo segmento evangélico, alçado com base no discurso moralizador da família, política e da sociedade em geral, postos políticos e midiáticos de considerável repercussão.<sup>263</sup>

Para manter sua visão de sociedade os integralistas apelaram ainda ao elemento de sua doutrina que encontra maior base social, a religião. Sodoma e Gomorra foram instrumentalizadas para retratar o ponto a que as liberdades excessivas da televisão estariam

<sup>259</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>260</sup> FIGUEIREDO, Cezarino D. Separação de casal, um mal necessário. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 31, p. 2, jan./fev. 1992.

<sup>261</sup> SIQUEIRA, Wilson. Crise. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 86, p. 3, jan./fev. 1998.

<sup>262</sup> SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, v. 15, n. 3, p. 11-28, 1 jan. 2004.

<sup>263</sup> Cf. MADEIRA; QUADROS, 2017.

levando a sociedade.<sup>264</sup> Até mesmo a CNBB<sup>265</sup> esteve no rol de apoiadores da associação *O Amanhã dos Nossos Filhos*, na sua busca por controle da programação, e da sociedade.

### 3.3 CRISTO, EVANGELHO E SEITAS: RELIGIOSIDADE INTEGRALISTA

Assim como na defesa da família, a religiosidade vai perpassar o discurso integralista a todo momento. Ela está impregnada na doutrina, e não é à toa que o Manifesto de Outubro de 1932 inicia com a frase “Deus dirige o destino dos povos”. No final do século XX, isso permanece uma constante, imbricada nos textos que não desvencilham o nacionalismo do cristianismo. Mobilizando a dicotomia entre o “eu” e o “outro”, afirmam que “não há meio termo entre Cristo e anti-Cristo. Não há mais zona neutra entre Brasil / e anti-Brasil. Se cremos que o Brasil se realize integralmente através de nossa fórmula – o Nacionalismo - Cristão – é preciso sentir isto, até o fundo da própria alma”<sup>266</sup>.

Se os “valores espirituais” não foram motivo tão forte de adesão durante a década de 1930,<sup>267</sup> ainda que parte do universo ideológico do movimento, eles certamente foram de grande influência nos militantes dos anos 1990. Seja na crítica ao capitalismo e ao socialismo, na defesa da moralidade ou da Democracia Orgânica, a referência a Deus, Cristo ou ao catolicismo está presente nos jornais integralistas como valor inerente ao Brasil ou ao brasileiro e ao integralismo também.

A vinculação da crença católica como um elemento basilar da nação investe-a de uma duração e de uma continuidade com ela. O Brasil teria “nascido” católico, e essa ligação jamais poderia ser dissociada. O catolicismo estaria na gênese do país, e conseqüentemente de cada brasileiro que nasceu desde então, creia ele nisso ou não. Desta forma, a ligação do integralismo com o catolicismo torna possível o discurso que coloca o integralismo como único representante da essência brasileira. Por mais que existam outros movimentos e partidos que se associam ao catolicismo – e alguns integralistas os reconhecem e pleiteiam uma união – o discurso integralista invoca para si a capacidade exclusiva de falar pela nação e de expressar suas características primordiais em um projeto político. Vale lembrar que a crença em valores

<sup>264</sup> NETTO, Arthur Monteiro de Carvalho. Libertinagem. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 98, p. 3, mar. 1999.

<sup>265</sup> SANTOS, Jackson. Caiu do Céu. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 38, p. 3, set. 1993.

<sup>266</sup> ROCHA, Hélio, O nacionalismo. *Alerta*, São Gonçalo, n. 38, p. 4, ago. 1999.

<sup>267</sup> “Outros motivo indicados são representativos do universo ideológico integralista, mas influenciaram pouco nas adesões: apenas um quarto dos entrevistados declararam ter-se juntado ao movimento por identificação a valores autoritários (disciplina, ordem, antiliberalismo) ou a valores espirituais” (TRINDADE, Hégio. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 70.)

inerentes ou essenciais a uma nação é uma construção discursiva e ideológica, já que não se pode dizer que um brasileiro nasce com um determinado valor que outra pessoa no mundo não tem por não ser brasileira e vice-versa. Por mais que existam tradições e costumes arraigados numa sociedade, são construções históricas que dependem de determinadas condições para surgir, permanecer e desaparecer.

A interferência da religiosidade se mostra também nos textos, que inserem elementos do evangelho em seus argumentos. A imagem da crise é ancorada em um “desventurado século que, por mal dos pecados, começou tão bem e está acabando, inacreditavelmente tão mal parecendo afundar-se para o caos, ou caminhar para um fim totalmente apocalíptico, com debacles morais, econômicos e até mesmo políticos”<sup>268</sup>. O século XX teria começado bem e por culpa dos “pecados” teria degradingado e agora estaria próximo do clímax, o “apocalipse”. Pecado e apocalipse funcionam para dar uma imagem ainda mais aterradora à situação descrita e abrem caminho para que a solução dos problemas seja vinculada à religiosidade e espiritualidade, que seriam providenciadas pelo integralismo.

A noção de pecado é também exposta como “uma ofensa, uma transgressão da lei divina e, em síntese, uma egolatria, ou seja, egoísmo, amor próprio, etc”<sup>269</sup> que estaria sendo afetada pelo “tempos modernos”. Seria necessário apenas estar atento para perceber a “convulsão social em que nos envolvemos”<sup>270</sup>, fazendo novamente alusão à crise e indicando sua origem na noção ampla de pecado mencionada. No mesmo texto, editorial do número 94 de 1998, o editor se dedica a uma explanação sobre os conceitos de Bem e Mal:

Da mesma forma, pela lógica, sabemos que existem o Bem e o Mal. E a personificação do Bem é Deus, que é o Sumo Bem, a própria Bondade. Por outro lado, o Mal, personificado no Espírito das Trevas, Satanás, o Diabo. E esta luta continuará até o fim dos tempos. Evangelizar é justamente mostrar a dualidade destas forças incompatíveis, aceitando, porém, os maus, como irmãos, sem nenhum ódio ou rancor, pois é esta a doutrina que pregamos. Como joio no meio do trigo, vamos cumprindo nossa missão: crescer, alicerçados na mesma fé, no mesmo Ideal dos que deram a vida por Cristo e pelo Bem da Verdade. E não nos esqueçamos de que também ser omissos, numa hora de decisão para os destinos da Pátria, é ser covarde, é lavar as mãos como Pilatos.<sup>271</sup>

Rufino retrata a luta entre o Bem e o Mal, como uma batalha que remonta ao início dos tempos na cosmologia católica. E por fim insere o Brasil neste embate, em que as eleições fazem parte dessa luta que decidirá se o destino do país estará nas mãos do Bem ou do Mal. Essa inserção da nação dentro de uma temporalidade religiosa é discutida por Benedict

<sup>268</sup> FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Reminiscências folclóricas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 90, p. 3, jun. 1998.

<sup>269</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. “Sei em que coloquei a minha fé”. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 94, p. 2, out. 1998.

<sup>270</sup> ÁVILA, loc. cit.

<sup>271</sup> ÁVILA, loc. cit.

Anderson, para quem as visões de mundo das grandes religiões colocam o homem dentro de uma continuidade. A nação abarcaria um passado imemorial que se direciona a um futuro ilimitado. O nacionalismo, para o autor, deve ser compreendido tendo em vista sistemas culturais amplos que o precedem.<sup>272</sup> Aqui, podemos observar como a nação é plasmada pela temporalidade religiosa e pelos valores que a acompanham. Nação e religião, são indissociáveis.

De modo geral, o cristianismo e o catolicismo é que vão estar mais relacionados com o integralismo, mas individualmente vão ocorrer aproximações com uma vertente ou outra. Maria Amélia defende que o integralismo “acredita fundamentalmente em Cristo, pois sua doutrina emana das fontes inesgotáveis do Evangelho”<sup>273</sup>. Entretanto, na sua proposta de uma “frente única espiritualista” exclui outras religiões, que segundo ela “a Constituição Brasileira também reprova, ou seja, as práticas e seitas que constituem ameaça aos bons costumes”<sup>274</sup>.

A *Voz do Oeste* identifica mais diretamente quais seriam as práticas e seitas reprováveis, apontando que “[í]dolos diabólicos crescem assustadoramente na Bahia”<sup>275</sup>. A qualificação se refere ao aumento de “terreiros filiados à Federação Baiana do Culto Afro Brasileiro” em contraponto às igrejas católicas. A crise moral foi vinculada à “sociedade neopagã” que seria responsável por uma “cultura de transgressão” que levaria jovens a se juntar a gangues.<sup>276</sup> Aqui se apresenta também a dicotomia entre o bom e o mau, o eu e o outro. O ataque a esses outros cultos como intrinsecamente maus e diabólicos, reforça a identidade positiva do integralismo vinculado ao cristianismo – o culto “correto”.

O pastor evangélico Vantuil Amorim teve espaço no *Renovação Nacional* para seus textos religiosos e de campanha para o cargo de vereador pelo Rio de Janeiro.<sup>277</sup> Vantuil identifica os problemas do Brasil ao afastamento de Deus e idolatria de santos:

[...] o povo sofre hoje as pragas: cancer, dengue, malária, cólera, aids, violência e fome. Cerca de 400 santos sendo idolatrados. Bom seria que o Presidente da República enviasse um projeto de lei ao Congresso Nacional, para que todo povo brasileiro, às 12:00 hs, durante 3 minutos, ajoelhasse à Deus, onde estivesse, mesmo nas ruas, pois Ele é o único que poderá salvar esta Nação deste cativo de pragas.<sup>278</sup>

<sup>272</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>273</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Confissão religiosa. *Alerta*, São Gonçalo, n.42, p. 3, dez. 1999.

<sup>274</sup> LOUREIRO, loc. cit.

<sup>275</sup> O jornal informa que essa notícia é proveniente da ABIM. (DANIEL. Ídolos diabólicos crescem assustadoramente na Bahia. *A Voz do Oeste*, Lins, n.26, p. 6, ago. 1992.)

<sup>276</sup> O jornal informa que essa notícia é proveniente da ABIM. (CULTURA da transgressão: fruto do neopaganismo atual. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 104, p. 3, set. 1999.)

<sup>277</sup> MEDEIROS, Jader. Razões Evangélicas da Ação Política de Vantuil Amorim. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 2, abr./jun. 1992.

<sup>278</sup> AMORIM, Vantuil M. Os Males de Uma Nação Resultam da Sua Apostasia de Deus. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 2, jul./ago. 1991.



A salvação estaria na aproximação com Deus, mesmo que forçada, independentemente da religião pessoal. Vantuil atacou a Rio-92,<sup>279</sup> sem seguir o discurso conspiracionista de *Renovação Nacional*, que afirmava que o evento teria espiões infiltrados para atacar a soberania nacional pela internacionalização da Amazônia. O tema foi tratado largamente pelo jornal em artigos de capa por diversas edições.<sup>280</sup> Mas a crítica de Vantuil esteve direcionada mais fortemente para a “ausência” de Deus e de resoluções religiosas nos encontros da Rio-92. Para o pastor, os problemas que levaram à necessidade de realizar a Rio-92 se originam da falta de cumprimento das leis de Deus. Mais adiante, dá sua previsão do resultado do encontro:

Estou convicto que de nada adiantará esta Conferência das Nações Unidas, se no final ficar estabelecido compromissos tais como: a ganância, a mentira, a corrupção, a inveja, a idolatria, o ódio, que por sua vez reproduzem a fome para milhões, e fartura para outros, doenças de milhões e saúde de poucos. Lembrem-se que o Criador é o dono da Terra. “No princípio criou Deus os céus e a Terras” (Gen 1:1), e que seu filho Jesus Cristo breve, muito breve voltará e fará o Juízo Final. “Viva hoje como se Cristo voltasse amanhã”. Do contrário, o êxito dessa Rio-92 será desfavorável.<sup>281</sup>

O texto do pastor publicado no jornal *Renovação Nacional* é muito semelhante a um texto atribuído ao jornal *A Semente*, pelo blog *Jornal Foco Popular*<sup>282</sup>. O jornal é vinculado a Associação Brasileira de Mídias Evangélicas (ABME) e circulava em Seropédica-RJ e outras cidades da região pelo menos até 2015.<sup>283</sup> O post transcreveu o texto “A Rio-92 pode ser um fiasco” que teria sido publicado no jornal *A Semente* em abril de 1992 na edição nº 22, sendo posterior ao texto de Vantuil Amorim publicado na edição trimestral janeiro/março, nº 86 de *Renovação Nacional*. O texto é mais longo que de Vantuil, mas segue a mesma direção, como no trecho que foi reproduzido acima:

Em junho a RIO-92 deve estabelecer na AGENDA 21 (agenda de compromissos que os países terão de assumir depois da conferência) ante o compromisso básico que os governos terão de assumir, um alicerce mais seguro e vital: o extermínio da miséria geral camuflada chamada pecado. Estou convicto de que de nada adiantará esta conferência das Nações Unidas se no final ficar estabelecido compromissos tais como: gerar oportunidade de empregos; desenvolver infraestrutura, mecanismo de obtenção de crédito e fornecer tecnologia; promover aumento da produtividade dos recursos e assegurar que a população local se beneficie do uso dos recursos naturais sem,

<sup>279</sup> A Confederação das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92 ou Eco-92 foi realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992. Teve a participação de milhares de representantes de ONGs de todo o mundo e foi palco de diversos tratados e acordos diplomáticos sobre o clima e diversidade biológica. (MAGNOLI, Demétrio. Política Externa. In.: PINSKY, Jaime (Org.). *O Brasil no contexto: 1987 - 2007*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.)

<sup>280</sup> MEDEIROS, Jader. Os Militares Defendem a Amazônia: Ocupar Para Não Entregar. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 1, jul./ago. 1991; MEDEIROS, Jader, Amazônia: Forças Armadas Intransigentes na Defesa da Soberania Nacional. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 1, set./out. 1991; AMAZÔNIA: Domínio Insidioso. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 1, nov./dez. 1991; MEDEIROS, Jader. Internacionalizar a Amazônia? Nunca! *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, jan./mar. 1992.

<sup>281</sup> AMORIM, Vantuil. A Rio-92 pode ter êxito desfavorável. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 2, jan./mar. 1992.

<sup>282</sup> JORNAL FOCO POPULAR. *Rio+20 pode repetir a Rio 92*. [post] 19 fev. 2012. Disponível em: <<http://focopopular.blogspot.com/2012/06/rio20-pode-repetir-rio-92.html>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

<sup>283</sup> FOCO POPULAR. [S.l.: S.n], Ano XI, n. 185, maio 2015.

entretanto, fulminar impecavelmente o verdadeiro responsável por toda a destruição em nosso planeta. Esse destruidor chama-se Satanás que ao longo dos séculos tem encontrado direito legal para atuar em nosso planeta por intermédio da fraqueza humana que se manifesta de diversas maneiras: a ganância, a mentira, a prostituição, a corrupção, a inveja e o ódio que por sua vez reproduzem a fome para milhões e a abundância para uns poucos; a escravidão salarial de milhões e o senhorio de alguns poucos; a doença de milhões e a saúde de outros poucos e assim por diante.

Apenas por este trecho, percebe-se que o texto teve partes trocadas e foi mais desenvolvido – ou apenas aumentado. Os compromissos da Rio-92 que Vantuil apresenta já coloca os resultados mais sinistros logo no princípio, mas no texto posterior, eles vêm só após as considerações sobre medidas que poderiam ser benéficas, mas que ignorando o problema central – a influência de Satanás – se tornariam trágicas. Nota-se também que, do primeiro para o segundo, o problema da idolatria foi substituído pelo da prostituição. Mas isso parece residir mais na particularidade de cada autor, pois pelas suas perspectivas, podemos dizer que os dois problemas poderiam ser explicados, por um lado, pela ausência de devoção a Deus e, por outro, pela influência de um Mal corruptor na sociedade. Não se pode afirmar com precisão que o segundo texto tenha sido inspirado diretamente pelo primeiro, mas podemos inferir que sim pelas datas de publicação; ambos podem ter sido influenciados por um terceiro texto anterior a eles que foge do nosso conhecimento.

As críticas a Rio-92 foram ainda mais adiante. A passeata “Celebrando Deus com o planeta Terra” organizada por igrejas evangélica foi divulgada em primeira capa no *Renovação Nacional*.<sup>284</sup> A movimentação concentrou as queixas dos evangélicos sobre o encontro, que não estaria considerando Deus (como criador do universo) nas discussões sobre ecologia. A passeata ocorreu no dia cinco de junho de 1992, percorreu o trecho da Candelária até a Cinelândia, contando com cerca de meio milhão de pessoas segundo matéria divulgada no jornal<sup>285</sup>. *Renovação Nacional* informava sobre os resultados da passeata na edição nº 87, detalhando a participação de religiosos e políticos, como o Deputado Federal Arolde de Oliveira (PFL).<sup>286</sup> Representando a bancada evangélica do Congresso Nacional, ele teria afirmado “Quem criou o céu e a terra foi o Senhor. Como é que Ele podia ficar fora da Rio-92?”<sup>287</sup>.

A frase do deputado sintetiza de forma suave a posição religiosa que *Renovação Nacional* tomou frente à Rio-92 – nisso sem considerar os artigos que a viam como uma conspiração para internacionalizar a Amazônia. *A Voz do Oeste* se resignou a publicar pequenas

<sup>284</sup> CELEBRANDO Deus Com o Planeta Terra. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, jan./mar. 1992.

<sup>285</sup> A CONCENTRAÇÃO Evangélica na Cinelândia. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 1, abr./jun. 1992.

<sup>286</sup> Partido da Frente Liberal (PFL), atualmente se denomina Democratas (DEM).

<sup>287</sup> A CONCENTRAÇÃO Evangélica na Cinelândia. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 1, abr./jun. 1992.

notas sobre o evento, estranhamente sem inserir a religiosidade no debate. Destacou apenas que os pactos firmados não teriam resultado se as nações comprometidas não trabalhassem em prol da justiça e do respeito recíproco.<sup>288</sup>

Nitidamente católico, pelos artigos frequentes sobre ações da igreja e instituições religiosas, *A Voz do Oeste* mantém também ligações com o movimento de Renovação Carismática Católica (RCC).<sup>289</sup> A RCC teria chegado ao Brasil por volta de 1970 com ligação direta à CNBB. O movimento não se considera um “movimento” dentro da igreja, mas pretende que suas diretrizes se tornem a própria Igreja “em movimento”<sup>290</sup>. Diversos textos trataram da RCC e defendem que somente ela é capaz de se impor contra os males que afligem não diretamente a sociedade, mas a própria Igreja Católica:

O que queríamos focalizar é que somente a Renovação Carismática, uma graça especial do Espírito Santo, no segura contra o incêndio que se alastra na Igreja de Deus, pois, dia a dia, percebemos curiosas e demoníacas ações em seu meio. Passada a fase difícil da politicagem que nos assolou até a queda do Muro de Berlim (hoje, como também há muito tempo mancomunados), vemos a “liberação” invadir nossos lares graças à condescendência dos próprios chefes de família que não têm força para coibir o abuso.<sup>291</sup>

O editorial intitulado “A fumaça de Satanás”, do qual o trecho acima foi retirado, demonstra que os problemas aos quais o jornal normalmente dá atenção, como o confronto com o comunismo/capitalismo, a “politicagem” e a imoralidade, são mobilizados como problemas que agem no interior da Igreja. Forma-se novamente uma imagem de crise, mas desta vez ela coloca em perigo um tradicional símbolo católico de salvação. Seguindo os objetivos da RCC anunciados pelo jornal “diálogo entre bispos e movimentos da igreja” e “levar o Evangelho de Jesus Cristo a todas as criaturas (MC 16,15) fazendo-os não só conhecer a palavra, mas procurar vivê-la (viver seu batismo no dia a dia)” o movimento organizado em grupos de oração realizava cantos, louvores, pedidos, agradecimentos e orações.<sup>292</sup> Constituiriam assim uma “rede de graças” de “extensão universal” que seria capaz de renovar a relação dos fiéis com Deus e aproximar as pessoas da espiritualidade.

<sup>288</sup> [ARTIGO SOBRE RIO/95]. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 25, p. 4, jul. 1992.

<sup>289</sup> A renovação carismática ou renovação do Espírito Santo é um movimento da Igreja Católica que realiza grupos de oração e leitura da bíblia. Os participantes esperam receber inspiração e graças do Espírito Santo. Chama-se “renovação carismática” pelas supostas conversões advindas da “efusão do Espírito Santo” que seriam semelhantes aos “dons e carismas” que os Apóstolos e os primeiros cristãos teriam recebido na descida do Espírito Santo em Pentecostes. O movimento surgiu em 1966 nos Estados Unidos na formação do primeiro grupo de oração que reuniu professores e alunos da Universidade Duquesne de Pittsburgh, Pensilvânia. Os participantes do grupo relataram ter tido uma experiência íntima e reveladora com Cristo que teria sido acompanhada de dons carismáticos. A partir daí o movimento se espalhou e está presente em diversos países. (SMET, Walter. *Eu faço um mundo novo*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.)

<sup>290</sup> MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja? *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 3, nº 1, p. 169-186, jun. 2003.

<sup>291</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. A fumaça de Satanás. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 71, p. 2, set. 1996.

<sup>292</sup> R.C.C. Lins. *A Voz do Oeste*, Lins, n.53, p. 4, jan./fev. 1995.

“Pavilhões da Estação de TV, que levará a todo o Brasil a mensagem cristã com novelas muito bem preparadas”<sup>293</sup>, foi uma das poucas referências positivas à televisão feitas pelo jornal *A Voz do Oeste*. A obra pertencia à “Associação do Senhor Jesus”, entidade vinculada à RCC e à Igreja Católica Apostólica Romana que desde os anos 1980 produz o programa “Anunciando Jesus”. Rufino repassa aos leitores o pedido de divulgação do programa feito pelo diretor da associação e adiciona que “é um trabalho maravilhoso, que precisa de nossa ajuda”<sup>294</sup>.

*A Voz do Oeste* caracteriza a RCC como “a **tomada de consciência da realidade do Espírito Santo e de sua ação**”<sup>295</sup>. Sua finalidade última seria “a proclamação de que Jesus é o Senhor pelo poder do Espírito para a glória de Deus Pai”<sup>296</sup>. Em comparação, essas afirmações não ficam muito longe das proclamações feitas pelos militantes de que o integralismo chegaria ao poder por escolha popular quando for compreendido pelo povo. É o discurso de uma “verdade” que existe como uma névoa permeando a sociedade, que precisa ser enxergada, compreendida e aceita, para fazer parte da realidade de forma concreta.

Considerando a conexão entre religiosidade e moralidade presente nos jornais, esta seria uma forma de alcançar alguns anseios que convergem com o discurso integralista. Se falta de moralidade aparece como uma das grandes causas da crise atual e a religiosidade como elemento moralizador, então o trabalho de aproximação das pessoas com a religião católica colocaria a sociedade mais perto do caminho intencionado pelos integralistas. A RCC aparece como uma entidade útil, colocando em prática um espiritualismo que o integralismo não consegue efetuar. Apesar de estar restrito ao jornal *A Voz do Oeste*, os militantes de outras localidades que recebem o jornal são informados dos andamentos da renovação carismática (cujo representante em Lins é o próprio editor de *A Voz do Oeste*)<sup>297</sup>, e dos “benefícios” que trazem para a sociedade.

Essa conexão não é necessariamente uma via de mão dupla. Seria imprudente dizer que a RCC compartilhava as ideias políticas do jornal *A Voz do Oeste*. O mesmo se aplica aos outros jornais, pessoas e grupos (não integralistas) que tiveram seus textos publicados nos jornais integralistas que são aqui analisados. O que se pode sim afirmar é que esses jornais buscaram nesses outros grupos um meio de efetivar (ao menos minimamente e parcialmente) seus anseios

<sup>293</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Páscoa, a Maior Festa Cristã dos Tempos! Cristo Ressuscitou, Aleluia! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 33, p. 7, abr. 1993.

<sup>294</sup> ÁVILA, loc. cit.

<sup>295</sup> R.C.C. - O que é ? *A Voz do Oeste*, Lins, n. 42, p. 4, jan. 1994.

<sup>296</sup> R.C.C. - O que é ? , loc. cit.

<sup>297</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Páscoa, a Maior Festa Cristã dos Tempos! Cristo Ressuscitou, Aleluia! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 33, p. 7, abr. 1993.

e ampliar seu alcance. O contato com outros grupos que compartilham parcialmente suas concepções abre a possibilidade de também atraí-los aos integralismo.

Seja a RCC, a igreja evangélica com a figura do pastor Vantuil, o espiritualismo afirmado por Maria Amélia ou o cristianismo e catolicismo pregado pelo integralismo desde os anos 1930, as fronteiras do movimento com a religiosidade se tornaram fluidas. As associações dos militantes integralistas com outras organizações – e nisso se incluem também partidos, os jovens neonazistas e até mesmo os militares através do jornal *Renovação Nacional* –, vão ao encontro da chamada direita grupuscular.

Roger Griffin<sup>298</sup> a define como entidades políticas pequenas, com pouca ou nenhuma visibilidade e apoio público, mas que adquirem maior influência através da facilidade com que podem ser associados – ainda que apenas na perspectiva dos militantes – a outros grupos que estejam suficientemente alinhados ideologicamente e taticamente para complementar suas ações. Os grupúsculos seriam capazes de combinar a autonomia organizacional com a aptidão em criar ligações informais com outros grupos. Essa formação permite, segundo o autor, a perpetuação do extremismo revolucionário, ainda que utópico, desses grupos de direita.

Pensando o integralismo nos anos 1990, percebe-se que não encontraram nem visibilidade, muito menos apoio público para suas ideias. Como grupo, ou grupos, considerando que não houve uma centralização efetiva após a morte de Plínio, são reduzidos em número e conseqüentemente em possibilidade de ação. Mas sua influência ganha considerável aumento, mesmo sem se poder mensurar, com a aproximação de alguns militantes com outros grupos que compartilhem de alguma nuance de seu pensamento político, religioso e ideológico, ainda que isso aconteça sem ser explicitado ou orientado nos jornais e boletins do período.

Digo alguma nuance, pois os grupos aos quais os integralistas se ligaram de alguma forma nos anos 1990 não podem ser compreendidos dentro do mesmo posicionamento ideológico que eles. Especialmente, grupos grandes como os evangélicos, ou os católicos, dentro dos quais pode se encontrar as mais diversas orientações políticas. Todavia, essa ligação estabelece uma possibilidade de ação, informal, independentemente da articulação formal do integralismo. A concordância em determinados pontos favorece uma fluidez de barreiras e uma semelhança discursiva sobre pontos em comum.

Mas não só o integralismo deve ser visto com grupuscular, senão como mais um pequeno grupo dentro de uma grande direita grupuscular. Nos anos 1990, poderia se dizer que quase não havia direita no Brasil se dependêssemos da declaração dos próprios políticos para

---

<sup>298</sup> GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. *Patterns of Prejudice*, v. 37, n. 1, p. 27-50, 2003.

isso.<sup>299</sup> O que claramente não é verdade, visto que o “desavergonhamento” recente mostra que a direita esteve sempre lá.<sup>300</sup> A extrema direita se organiza com a relação entre os pequenos grupos, e entre eles o integralismo.

Outro conceito trazido por Griffin que auxilia a compreender o integralismo no final do século XX dentro de uma direita grupuscular é o “rizoma”.<sup>301</sup> Isso quer dizer que um grupo rizomático funciona como um emaranhado de raízes, com múltiplos começos e fins que se entrelaçam e se conectam, sem formar um padrão que possa determinar sua ascensão e decadência. Assim, uma rede política de estrutura rizomática “formará uma rede celular, sem centro e sem líder, com limites mal definidos e sem hierarquia formal ou estrutura organizacional interna para fornecer uma inteligência unificada”<sup>302</sup>.

Nesse sentido, podemos pensar o integralismo como um grupo rizomático, apesar da organização sob a sigla AIB no início dos anos 1990 definir uma estrutura hierárquica, ela se dá por um período curto e que não contemplava todos os integrantes do movimento, visto as divergências e problemas com liderança. O que se observa é que a organização que eles pretendiam não funcionava na prática, deixando o grupo descentralizado, desorganizado – como muitas vezes foi admitido pelos militantes – e sem unidade ou limites definidos.

Apesar disso, a imagem que os militantes queriam passar era de unidade, centralização, e especialmente, de continuidade com a história do movimento. Como foi dito anteriormente, a identidade depende fortemente do passado, “eu sou” está inegavelmente ancorado em “eu era”, seja pela reafirmação ou negação. Ser integralista não existe descolado do passado do movimento, especialmente por estar no passado o período de auge e de referência dos militantes. No próximo capítulo será investigada a memória e a história do integralismo contada pelos militantes. Uma história e memória que caminhou de um curto período de auge a uma vertiginosa decadência e desencadeou a formação de um ressentimento que foi expresso tanto

---

<sup>299</sup> Segundo Rafael Madeira e Marcos Paulo Quadros, diversas pesquisas afirmam que os parlamentares nos anos 1980 e 1990 se posicionam mais à esquerda que a reputação de seus partidos, existindo um “desconforto” em se posicionar à direita, por isso a denominação “direita envergonhada”, que perduraria até o fim dos anos 2000. “Não se vincular à direita parece ser um aspecto fundamental para os parlamentares”. (MADEIRA, Rafael Machado; QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Da “direita envergonhada” às bancadas “evangélica” e “da bala”: os caminhos da representação política do conservadorismo no Brasil. Encontro Anual da Anpocs, 41, 2017, Caxambu-MG, Anais..., Caxambu-MG: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2017. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt05-28/10637-da-direita-envergonhada-as-bancadas-evangelica-e-da-bala-os-caminhos-da-representacao-politica-do-conservadorismo-no-brasil/file>>. Acesso em: 17 ago. 2018.)

<sup>300</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. Frente Nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. *Faces de Clio*, Juiz de Fora, v. 2, nº 4, p. 20-36, jul/dez, 2016.

<sup>301</sup> GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. *Patterns of Prejudice*, v. 37, n. 1, p. 27-50, 2003.

<sup>302</sup> “it will form a cellular, centreless and leaderless network with ill-defined boundaries and no formal hierarchy or internal organizational structure to give it a unified intelligence” (Ibidem., p. 34, Minha tradução)

pelo estado do movimento no final do século XX, quanto pelo que foi identificado pelos militantes como uma nociva modernidade.

## 4 HISTÓRIA E RESENTIMENTO

Existem pessoas que afirmam não se importarem com política, que não adianta votar, que nada muda. Há aqueles que no outro extremo se envolvem de tal forma com um projeto político que são tomados de sentimentos intensos sobre os rumos da política. Quando, depois de muita tentativa, altos e baixos, o projeto com o qual se envolvem não alcança espaço para atingir seus objetivos e ainda é repudiado pela sociedade e relegado a um espaço de quase esquecimento, o que pode acabar surgindo um sentimento de rancor, de mágoa frente ao que consideram um mal causado ao movimento.

Foi dito no início do primeiro capítulo o quão pouco conhecido o integralismo é hoje em dia, e seus integrantes não desconhecem esse fato. Aqueles tomados por sentimentos intensos por um movimento que foi tão grande nos anos 1930 e que hoje mal se sabe o que é podem gerar um ressentimento frente a esta situação. Numa rápida definição, o ressentimento se manifesta como um rancor, um ódio sobre um mal que foi causado à pessoa ressentida, que percebe este mal como ainda permanente.

Os textos impressos nos jornais integralistas demonstram que esse sentimento está presente entre seus integrantes, não só pelo passado e presente do movimento, mas sobre o estado da sociedade moderna em certos aspectos. Passados mais de cinquenta anos do lançamento do movimento, não haviam conquistado o espaço que pretendiam na sociedade, lutavam para manter a memória do integralismo. Mas não poderia ser qualquer memória, o passado do movimento deveria ser encarado como uma continuidade e o fracasso precisava ser associado diretamente aos culpados por ele.

O integralismo nos anos 1990, sem uma liderança que unificasse as opiniões dos integrantes, encenava interpretações distintas que, no início do século XXI, culminariam na separação em três grupos distintos. A visão que os integrantes formaram da história do movimento e a interpretação que fizeram da história do Brasil serão discutidas a seguir.

### 4.1 O MOVIMENTO QUE NÃO DEU CERTO

Por mais que os integralistas nos anos 1990 tentassem ver o movimento como uma opção natural do Brasil, ou como algo que se fosse conhecido pela população logo seria aceito por ela, não ignoravam que o integralismo não conseguiu se estabelecer como pretendiam nos anos 1930, nem depois de Vargas, nem na ditadura de 1964, e que tinha pouquíssimo espaço no final do século XX. O integralismo foi um movimento que não deu certo. Paul Connerton



afirma que a “nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado”<sup>303</sup>, e, no caso do integralismo, o passado é um passado de fracasso, quer queiram seus militantes ou não.

Mas mesmo o passado pouco glamouroso, revisitado à luz das necessidades do presente, pode adquirir um caráter mais satisfatório. A memória trabalha para fazer as recordações do passado mais aceitáveis, ela é maleável e flexível.<sup>304</sup> Para Lowenthal, “as memórias não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções seletivas e ecléticas baseadas em ações e percepções subsequentes e em códigos sempre mutáveis pelos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta”<sup>305</sup>. Esse trabalho de revisão da memória nem sempre é realizado de forma consciente, da mesma forma que eventualmente esquecemos ou recordamos de algo sem assim desejar.

Connerton afirma que as sociedades formam imagens de si como continuamente existentes.<sup>306</sup> A ideia é semelhante à visão do passado imemorial da nação de Anderson.<sup>307</sup> A questão se coloca agora na forma como o movimento se coloca numa narrativa contínua, desde o Manifesto de Outubro até então.

Jader Medeiros apresenta a trajetória de Plínio Salgado e o lançamento do integralismo em 1932 como decorrência das revoluções de 1930 e 1932, que causavam “inquietação e descontentamento”<sup>308</sup> à população. O objetivo da empreitada é apresentado como “despertar o Povo Brasileiro para a Reconstrução Nacional, para a construção de um Brasil Novo”<sup>309</sup>. O contexto histórico é trazido com frequência para narrar o surgimento do movimento, ao que sua importância é explicitada:

[...] para se ter uma noção fiel do que representa este movimento é necessário considerar-se o panorama político, social e cultural do nosso País em Outubro de 1932, [...] dois anos após a Revolução da Aliança Liberal, em cujas hostes se arremeteram todos os descontentamentos e todas as aspirações vagas e indefinidas do complexo popular e, quatro dias após subjugada a revolução paulista, apesar da confusão reinante e da ausência de rumo para a Nação, Plínio Salgado lança o documento básico do moderno nacionalismo brasileiro [...].<sup>310</sup>

<sup>303</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993. p. 2.

<sup>304</sup> “memories are not ready-made reflections of the past, but eclectic, selective reconstructions based on subsequent actions and perceptions and on ever-changing codes by which we delineate, symbolize, and classify the world around us” (LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Press, 1985. p. 210. Minha tradução)

<sup>305</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>306</sup> CONNERTON, op. cit., 1993.

<sup>307</sup> Ver capítulo 2. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>308</sup> MEDEIROS, Jader. Vamos construir um Brasil novo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 1, jan./mar., 1990.

<sup>309</sup> MEDEIROS, loc. cit.

<sup>310</sup> LIMA, Cerqueira J. L. O que é Integralismo. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 5, abr./jun., 1990.

A necessidade de ordenamento da memória atrela o surgimento do integralismo à situação do país no período correspondente, insinuando não só uma justificativa para a criação do movimento mas também uma suposta imprescindibilidade do mesmo para o Brasil.

Arcy Lopes Estrela, editor do boletim *Alerta* e fundador do Centro Cultural Plínio Salgado em São Gonçalo, tenta desviar a inspiração fascista do integralismo para um caráter religioso. Afirma que “o fundador do integralismo, se inspirou na ‘Vida de Jesus’, livro que escreveu para o Brasil e o mundo, o qual, ao lado dos evangelhos de Cristo, sua leitura tornou-se obrigatória dos que se orgulham do nome de Cristãos”<sup>311</sup>. A tentativa, se confusa ou intencionalmente anacrônica, era de contrapor os que afirmam que o integralismo é inspirado no fascismo, pois para o militante isso seria “não encher [sic] ou não querer compreender a verdade que o Apóstulo ensinou ao longo dos anos destituído de ambições pessoais”<sup>312</sup>.

O livro ao qual Arcy se refere não poderia ter sido a inspiração para o integralismo, pois quando Plínio embarcou para o exílio em Portugal, carregava parte do manuscrito que continuou escrevendo lá.<sup>313</sup> No livro *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)* Leandro Gonçalves traz as cartas de Plínio para sua filha Maria Amélia, em que ele afirma em 30 de março de 1940 estar finalizando o livro.<sup>314</sup> É, portanto, impossível que Plínio Salgado tenha se inspirado em um livro que não havia escrito ainda para formar o integralismo. Faz pouco sentido também, pensar que ele teria se inspirado no próprio livro para criar o movimento, afinal ambos são criações da mesma pessoa, sendo o movimento bem anterior que o livro *A Vida de Jesus*. O artigo de Arcy Estrela acaba sendo uma tentativa confusa de desviar a imagem do movimento, visto como fascista, para uma esfera religiosa, que encontra muito mais espaço na sociedade.

Arcy continua o artigo ressaltando as ações sociais empreendidas pelo movimento na década 1930, como a assistência médica, educacional e cívica, especialmente voltando-se aos imigrantes. Seguindo a sua narrativa sobre o período de auge da AIB, Arcy compara as ações integralistas do chefe com Jesus e seus seguidores: “em apenas cinco anos de sua existência legal sem dinheiro e sem automóveis, os integralistas caminharam por todo o território brasileiro, como as multidões acompanhavam o Divino Mestre pelas montanhas da Judéia”<sup>315</sup>. De fato, Plínio Salgado passou a ser referido como “apóstolo, profeta e evangelista” após a

<sup>311</sup> ESTRELA, Arcy lopes. O manifesto de outubro. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 1, out., 1999.

<sup>312</sup> ESTRELA, loc. cit.

<sup>313</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

<sup>314</sup> Ibidem.

<sup>315</sup> ESTRELA, op. cit., 1999.

publicação de *A Vida de Jesus*, mas parece que Arcy extrapola as referências com a comparação que fez no artigo. Seguindo essa comparação, relata o período de perseguições:

Lembro-me ainda, numa fria madrugada de 1939, quando a polícia do Estado Novo, invadia a minha casa pela porta da frente, na rua Tavares Bastos no Catete. Para não ser preso, eu escalava o muro dos fundos da residência e me mandava para a Vila Militar onde me assentei praça voluntariamente no Regimento Escola de Cavalaria Andrade Neves.<sup>316</sup>

As comparações seguem assim, do surgimento do movimento em torno de Plínio, as ações positivas e espiritualistas realizadas por ele e por seus seguidores e o período de perseguições, em correlação com as ações de Jesus e o surgimento do cristianismo. O militante reproduz, por fim, uma carta que Plínio teria enviado do exílio: “o que eu quis foi semear uma grande seara que reproduz infinitamente, repartindo a cada colheita, o milagre de ouro e da fartura. Sonhei um Brasil honesto e bom”<sup>317</sup>.

Percebe-se a tentativa de construir uma história do integralismo à semelhança do cristianismo e, conseqüentemente, a comparação de Plínio com Jesus. Não se pode deixar de notar, no trecho escolhido por Arcy, as palavras *repartir*, *colheita*, *milagre* e *fartura*, remetendo fortemente ao imaginário bíblico. Isso se evidencia também quando, no início do artigo, Arcy enfatiza que o livro de Plínio é leitura obrigatória aos cristãos assim como a própria Bíblia.

O fechamento da AIB em 1937 é tratado sempre como em função da grande influência e prestígio que o movimento supostamente tinha na sociedade brasileira. Para Jader Medeiros, o que causou a perseguição de militantes e posteriormente o exílio de Plínio Salgado foi o fato de o mesmo ter condenado o Estado Novo como totalitário.<sup>318</sup> Em um artigo que traçava a trajetória do integralismo, Jader ignorou a intentona integralista de 1938. Mesmo a morte de Plínio não figurou entre os eventos elencados pelo editor de *Renovação Nacional*, enfatizando as ações empreendidas para relançar o movimento em 1987. Parece uma escolha natural para um passado conturbado selecionar as ações menos trágicas para construir uma narrativa que direcione a um possível futuro.

Entretanto, o episódio mais comentado pelos integralistas é com certeza a intentona de 1938 e, da mesma forma que o lançamento do Manifesto de 1932, ela é atrelada a uma contextualização que pretende justificar o ato. A intentona é atualizada por uma perspectiva positiva, realçando as supostas intenções ao invés do resultado, percebido como um momento trágico.

<sup>316</sup> ESTRELA, Arcy Lopes. O manifesto de outubro. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 1, out., 1999.

<sup>317</sup> ESTRELA, loc. cit.

<sup>318</sup> MEDEIROS, Jader. O renascimento do movimento integralista. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 1, out./dez., 1992.

Na série de artigos intitulada “Por Que Houve a Revolução de 11 de Maio?”<sup>319</sup> Sérgio de Vasconcellos inicia o tema comentando o que considera terem sido os motivos para o fechamento da AIB em 1937. O integralista associa as intenções dos opositores de acabar com o movimento à função de esclarecimento da população que, para ele, os livros publicados por Plínio Salgado e Gustavo Barroso teriam exercido, em especial *Brasil – Colônia de Banqueiros*. A principal força para o fim daquele integralismo do auge é identificada no capitalismo internacional, o qual é tratado quase que como sinônimo da burguesia e do governo de Getúlio Vargas.

A Lei de Segurança Nacional implementada em 1935 é interpretada como tendo sido implementada para fechar a AIB, e o “perigo comunista”, ainda que existente na perspectiva dos integralistas, foi usado apenas como desculpa para dar fim ao integralismo. As ações de Plínio Salgado, em seguida, são descritas como uma “manobra genial, [que] transformou a Antiga e Gloriosa Ação Integralista Brasileira, em Partido Político, protegendo-nos daquele dispositivo legal”<sup>320</sup>. Nota-se a atribuição valorativa nas ações de Plínio e a adjetivação da AIB, que a caracteriza com uma temporalidade, validando o integralismo ao indicar uma existência remota. Antevendo as possíveis críticas do artigo, Sérgio de Vasconcellos prepara um argumento para corroborar sua percepção da situação e da ação que empreende no artigo:

Para que a tese aqui exposta não seja considerada fruto de uma interpretação “a posterior” dos fatos, isto é, uma tentativa de concatenar os acontecimentos históricos de forma coerente, mas que não corresponde à realidade daqueles conturbados anos trinta, no próximo artigo transcreveremos trechos publicados naquela época, que demonstram que os Integralistas de antanho tinham a mesma visão do problema.<sup>321</sup>

A organização das recordações na memória acontece de forma consciente e inconsciente, mas em favor das necessidades do presente. Apesar da tentativa de escapar dos meandros do tempo, a perspectiva do militante não foge de uma memória que busca um passado coerente com suas expectativas. Os trechos que cita no artigo seguinte são de Plínio Salgado e Jayme Ferreira da Silva, sem indicação de onde procedem. Afirmam que o capital internacional é o interessado no fechamento da AIB, nas figuras do comunismo e dos políticos profissionais.

<sup>319</sup> VASCONCELLOS, Sérgio de. Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 2, jul./ago., 1991; *Ibidem*. *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 2, set./out., 1991; *Ibidem*. *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 3, nov./dez., 1991; *Ibidem*. *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 4, jan./mar., 1991.

<sup>320</sup> *Idem*. Por que houve a revolução de 11 de maio?, *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 2, set./out., 1991.

<sup>321</sup> VASCONCELLOS, loc. cit.

Novamente a ênfase recai sobre o livro *Brasil – Colônia de banqueiros*, que teria “exacerbado” as ações dos opositores do integralismo.<sup>322</sup>

No artigo seguinte, F. D. Roosevelt é incluído na conspiração contra o integralismo, já que, tendo em vista as supostas grandes chances de Plínio vencer as eleições que se aproximavam, o presidente americano teria ordenado Getúlio Vargas a dar cabo da AIB. Novamente, a ameaça comunista foi tomada como uma desculpa para a implantação do Estado Novo, que teria como objetivo, na perspectiva de Vasconcellos, impedir a ascensão do integralismo a mando do capitalismo internacional.

O que se seguiu, segundo o artigo, foi uma tentativa de fazer o integralismo participar do golpe que acabaria com o próprio movimento. Isso teria se dado na oferta da pasta da Educação a Plínio Salgado, que a teria recusado por princípios e por discordar da implantação do Estado Novo. Os integralistas teriam desde o início se oposto ao novo governo, mas teriam aceitado a situação para manter a posição de agir dentro da lei. Ainda segundo o artigo, Plínio teria sugerido que se mantivessem os partidos políticos como sociedades civis, e tal sugestão teria sido aceita imediatamente. De fato, a AIB se transforma em sociedade civil, a Associação Brasileira de Cultura (ABC), mas a narrativa apresentada pelo militante se reflete numa tentativa de transformar o passado conturbado do movimento em algo um pouco mais controlado pelo líder.

Encaminhando-se para o fim da sequência de artigos, Vasconcellos justifica o levante integralista contra Getúlio como um ato de “legítima defesa”<sup>323</sup>. A oposição ao movimento, o fechamento forçado da AIB e a perseguição e prisão de militantes são vistas como obra do capitalismo internacional e justificativa dos atos de 1938. O 11 de maio é comemorado pelos militantes como marco do heroísmo de brasileiros que lutavam pela democracia.

Por diversas vezes, *A Voz do Oeste* retratou a intentona integralista de 1938 como dotada do “mesmo espírito da Revolução Paulista de 32”<sup>324</sup>, inserindo-a numa continuidade com a Revolução Constitucionalista de 1932 e o desejo de restabelecer a constituição. Com frequência, são evocados os nomes dos jovens que morreram em maio de 1932, Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo (MMDC). O surgimento do integralismo é encadeado no fim dos conflitos de 1932 e logo parte para o fim da AIB e a intentona integralista, em consequência do

<sup>322</sup> VASCONCELLOS, Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 3, nov./dez., 1991.

<sup>323</sup> Idem. Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 4, jan./mar., 1991

<sup>324</sup> O LEVANTE contra a ditadura. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 67, p. 2, maio, 1996; EPISÓDIOS pós-Estado Novo. *A Voz do Oeste*, Lins, n.78, p. 3, out., 1997.

Estado Novo, como seqüências. A ligação que procuram criar tenta estabelecer um contínuo, a ideia de uma sucessão de levantes constitucionalistas contra os governos de Getúlio Vargas.

No ano do centenário de nascimento de Plínio Salgado, 1995, dentre as diversas ações empreendidas pelos militantes, Marcelo Magalhães distribuiu no Rio de Janeiro, em 11 de maio, um texto sobre a intentona integralista, chamada por ele de “tentativa de salvação do Brasil”<sup>325</sup>. No texto, publicado também no jornal *A Voz do Oeste*, em contradição ao que costumeiramente era dito sobre a motivação da intentona de restabelecer a constituição, Marcelo afirma que a intenção era de “colocar em prática o ideal integralista que já se encontrava organizado em termos de governo”<sup>326</sup>. A intentona adquire um novo sentido, não mais apenas para depor a ditadura instituída por Vargas, mas para implantar o ideal integralista.

O jovem militante continua o artigo declarando que a AIB era “forte e perfeita” em contraposição ao país “agonizante, pobre e totalitário”. A da AIB é apresentada como uma impecável organização de estado, pela qual os mártires integralistas de 1938 morreram, e que deveria ser a luta de todo jovem nacionalista e cristão nos anos 1990. Entretanto, Marcelo aparenta ter consciência de que os ideais integralistas não têm o reconhecimento na sociedade que os militantes gostariam, ao rogar ao leitor que “não se envergonhe por possuir estes relevantes sentimentos por causa da sociedade cosmopolita e antinacionalista em que vivemos”<sup>327</sup>. Deixa transparecer um certo ressentimento por esta falta de credibilidade, que na sua perspectiva é resultado de características da sociedade atual.

#### 4.2 SOFREDO PELO MOVIMENTO: O RESSENTIMENTO DA HISTÓRIA

A recordação do nosso passado é um elemento essencial para a ideia que fazemos de nós mesmos, “lembrar o passado é crucial para o nosso senso de identidade [...] saber o que fomos confirma o que somos”<sup>328</sup>. Sendo assim, a noção de um passado de fracasso pode gerar uma revolta no remoer da memória, e a busca de reorganizar as recordações justificando acontecimentos e buscando culpados. Neste processo, um ressentimento pode surgir, congregando ódio, rancor, inveja e outros sentimentos difusos. Para conceituar o ressentimento,

<sup>325</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Relembrando a data 11 de Maio. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 58, p. 2, jul., 1995.

<sup>326</sup> MAGALHÃES, loc. cit.

<sup>327</sup> MAGALHÃES, loc. cit.

<sup>328</sup> “remembering the past is crucial for our sense of identity [...] to know what we were confirms that we are” (LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Press, 1985. p. 197. Minha tradução)

Pierre Ansart começa sua busca na *Genealogia da moral*, de Nietzsche, cuja abordagem histórica, psicológica e sociopolítica apresentaria o ressentimento historicamente como:

[...] o resultado longínquo de um conflito, de uma ação conduzida, no início da nossa era, pela religião judaico-cristã contra os guerreiros aristocratas, que possuíam o privilégio de poder exprimir livremente e realizar sua vontade de poder no exercício de sua dominação.<sup>329</sup>

Nessa configuração histórica, diferentes situações seriam marcadas pela “sublevação dos inferiores”<sup>330</sup> contra os superiores. Robert Merton, por sua vez, apresenta uma definição de ressentimento que se afasta da perspectiva de Nietzsche no que tange à questão histórica e mantém o sistema sócio-afetivo do ressentimento. Sua definição congrega três “elementos”: “o primeiro compõe-se de sentimentos difusos de ódio, de inveja e de hostilidade; o segundo é a sensação de ser impotente para exprimir de forma ativa estes sentimentos; o terceiro é a experiência continuamente renovada de impotente hostilidade”<sup>331</sup>. Mas esta definição, afirma Ansart, precisa ser lapidada. O autor sugere uma série de complementos, a começar pela diversidade de formas de ressentimentos, colocando a necessidade de se falar de ressentimentos no plural. *A genealogia da moral* já apresentava dois tipos de ressentimento, o dos dominados e o dos dominadores, frente à sublevação dos dominados.<sup>332</sup>

Um segundo ponto se dá sobre a intensidade do sentimento, cuja manifestação deve ser analisada considerando a possibilidade de diversos níveis de ressentimento. Outra colocação é a da necessidade de se pensar as outras formas como o ressentimento se apresenta, extrapolando os sentimentos e os afetos. Seriam elas as “representações, as ideologias, os imaginários, as crenças (e, portanto, as religiões), os discursos”<sup>333</sup> que aparecem carregados de ressentimento e que nesta pesquisa nos parecem especialmente relevantes.

Há de se levar em conta também, segundo Ansart, o papel que exercem indivíduos e pequenos grupos como “provocadores” de ressentimentos. Congregando sentimentos dispersos e sensibilidades comuns, líderes carismáticos, escritores, jornalistas, e outros indivíduos ou agrupamentos podem provocar ou estimular o ressentimento. Os jornais integralistas assumem este papel de “provocadores”, trazendo temáticas que recordam as “injustiças” sofridas e apontando os possíveis culpados. Como consequência, o ressentimento pode gerar uma maior

<sup>329</sup> ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia; (Orgs.) *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36. p. 16.

<sup>330</sup> Ibidem.

<sup>331</sup> MERTON, Robert K. *Eléments de théorie et de méthode sociologique [1953]*. Paris: Librairie Plon, 1965 *apud* ANSART, 2001. p. 18.

<sup>332</sup> ANSART, op. cit., 2001. p. 19.

<sup>333</sup> Ibidem, p. 20.

solidariedade dentro de um grupo, pois se fomos vítimas de alguém que nos fez algum mal, então neste conflito somos bons, enquanto os outros são maus.

Este é um dos benefícios do ressentimento que Ansart aponta, atentando para suas consequências e manifestações. É preciso também observar a forma “como o ressentimento se manifesta, a quais comportamentos serve de fonte e quais atitudes e condutas inspira, consciente ou inconscientemente”<sup>334</sup>. O ódio comum acaba por gerar maior união e coesão dentro de um grupo, apaziguando disputas internas. Da mesma forma, é preciso também atentar sobre os sentimentos e emoções que podem gerar ressentimento, como a experiência de humilhação e medo, a inveja, o ciúme e o rancor, etc.

Fazem parte da democracia a liberdade de expressão e a pluralidade de opiniões, tornando possível a discussão de ideias e projetos distintos. Entretanto, para Ansart, os ciúmes e a inveja também têm espaço de manifestação no discurso político, e conseqüentemente a formação e expressão de ressentimentos,<sup>335</sup> ainda que contra a própria democracia, ou aspectos específicos desta. Os integralistas defenderam constantemente que a democracia existente nos anos 1990 não funcionava e ainda era nociva ao Brasil, somente a democracia integral serviria. Para eles, o que passou a existir na redemocratização eram “arremedos de democracia e não uma democracia integral”<sup>336</sup>. Algumas colocações indicavam que os problemas que o Brasil enfrentava eram “fruto da liberal democracia, sem espírito público, sem doutrina sem princípios e sem amor À Causa Pública”<sup>337</sup>. A desqualificação é uma forma de ataque ressentido deste grupo que não pode fazer muito mais do que isso. O projeto integralista não teve sucesso e eles não tinham forças nem para impor seu programa nem para convencer a população democraticamente.

O ressentimento está diretamente ligado à memória, à lembrança repetida, ao remoer da memória e do sentimento, à ruminação. Ansart lista quatro atitudes vinculadas ao mesmo tempo à memória individual e coletiva: o esquecimento, a rememoração, a revisão e a intensificação.<sup>338</sup> O *esquecimento* do ressentimento é mais provável do que o esquecimento da situação de que uma pessoa foi vítima. É, afinal de contas, doloroso recordar os sofrimentos que passamos. Porém, quando as consequências do mal que sofremos se perpetuam, os ódios são mais

<sup>334</sup> ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia; (Orgs.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36. p. 21.

<sup>335</sup> Ibidem.

<sup>336</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Clarinadas de uma nova revolução. *Renovação Nacional*. Rio de Janeiro, n. 86, p. 3, jan./mar., 1992.

<sup>337</sup> ESTRELLA, Arcy. Recomeçar de novo. *Alerta*, São Gonçalo, n. 19, p. 1, jul., 1997.

<sup>338</sup> ANSART, op. cit., 2001.



facilmente *rememorados*. Como passar do tempo, o ressentimento pode ser *revisado*, alterando as posições de alguns indivíduos ou grupos. Disso podem decorrer versões distintas da história e conflitos em torno da memória. O ressentimento pode ainda ser *intensificado*, tornando-se “delirante”.<sup>339</sup>

Uma questão que foi certamente revista por boa parte dos militantes foi o fascismo. Se antes a simpatia ao nazismo havia sido um dos grandes motivos de adesão à AIB, desde o fim da segunda guerra se tornou imperativo mudar essa visão. Entretanto, a imagem do integralismo como um movimento fascista não seria facilmente alterada, pois além dos trabalhos acadêmicos nacionais e internacionais que atestam essa vinculação, a ação de alguns membros do integralismo simpáticos ao nazismo dificultaria essa mudança. O empenho dos militantes não teve sucesso e acarretou no emergir de um ressentimento contra quem apontasse um caráter fascista no integralismo.

Nos anos 1990, integralistas continuavam lutando contra a classificação do movimento como fascista e sua associação com o fascismo italiano e com o nazismo. Oswaldo Tagliavini, no artigo intitulado “Um Pronunciamento da História: – Desfazendo Calúnias” inicia sua defesa do integralismo expondo:

A Ação Integralista Brasileira e seu fundador e companheiros, foram os mais caluniados de toda a História do Brasil. Foram chamados de Fascistas, Nazistas, Totalitários, na maioria das vezes por gente de má fé, que talvez nunca leram os livros de Plínio Salgado e seus companheiros.<sup>340</sup>

Buscavam em eventos passados os elementos que pudessem contradizer as acusações. Para isso, Oswaldo remete ao pedido de cancelamento do Partido de Representação Popular (PRP) realizado ao Supremo tribunal Eleitoral em 1946 pelo Senador Vilas Bôas. O resultado foi positivo para o integralismo, pois na época os juízes julgaram improcedente o pedido, mantendo o registro do partido. O militante afirma que no julgamento foi dito que o integralismo não se podia comparar com o fascismo e o nazismo, e encerra o artigo afirmando em caixa alta que essas “verdades” não são encontradas em nenhum livro de história.

Percebe-se a manifestação de um ressentimento a respeito das acusações, que são consideradas uma injustiça contra o movimento, e da ausência de informações que contradigam nos livros de história. A experiência de impotência dos militantes frente ao que é publicado como história sobre o integralismo é constante e alimenta esse sentimento.

---

<sup>339</sup> ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia; (Orgs.) *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.

<sup>340</sup> TAGLIAVINI, Oswaldo. Um pronunciamento da História... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 2, out./dez., 1993.

Quando das homenagens de 63 anos do Manifesto de Outubro, Marcelo Magalhães escreve um artigo para *A Voz do Oeste* em defesa da doutrina integralista e contra a qualificação do movimento como fascista. Ele utiliza como argumento que o integralismo seria uma doutrina “genuinamente” nacional em contraposição às “soluções estrangeiras que não se adaptam às nossas realidades”<sup>341</sup> e que estariam sendo buscadas em vão para solucionar os problemas do Brasil, que só estariam aumentando em função disso. Exacerbando seu descontentamento com a imagem do movimento, Marcelo afirma que:

Estes que maldizem contra nós não possuem sequer o mínimo de dignidade e amor para com a Pátria, pois quem não se sensibiliza ou respeita o ideal que Plínio Salgado semeou, perdoe-me em dizer que: —“Você não é brasileiro, não ama o seu País ou a sua inteligência está inapta para travar qualquer conhecimento político”.<sup>342</sup>

O ressentimento expresso pelo militante atinge o ponto de desqualificar qualquer pessoa que contrarie a validade do integralismo. Marcelo exagera o ataque a quem não é integralista, ao contrário dos outros militantes que tendem a tratar a não adesão ao movimento como uma falta de conhecimento sobre ele, que se fosse compreendido seria aceito. Em geral os militantes são mais “cuidadosos”, velando ataques e ofensas, sempre creditando uma desconfiança em relação ao integralismo ao raso conhecimento da doutrina.

Em pequena nota sobre o centenário do nascimento de Plínio Salgado publicada em *A Voz do Oeste* encontra-se um comentário sobre a imagem atual do movimento: “infelizmente, até muitos que estiveram em suas fileiras, talvez por engano, hoje se penitenciam covardemente, por não haver entendido o objetivo primordial do Integralismo: a Revolução Interior”<sup>343</sup>. O jornal credita a covarde punição que se infligem antigos militantes à falta de conhecimento profundo da doutrina e “concede” a dúvida de um possível engano. Pode se considerar que, de uma certa forma, se trata de uma perspectiva mais branda que a de Marcelo Magalhães.

São trazidos com recorrência ao discurso os pronunciamentos Plínio sobre a temática da associação do integralismo com o fascismo, chamada de “obra vil da calúnia”<sup>344</sup>. Ao retornar do exílio, Plínio Salgado teria rebatido acusações de que os integralistas seriam “traidores da pátria”, pois durante a segunda guerra teriam indicado navios mercantes brasileiros ao inimigo. O argumento de Plínio é de que grande parte da Marinha de Guerra fazia parte do movimento e que os integralistas jamais entregariam informações ao “estrangeiro inimigo” sobre barcos com tripulação integralista.

---

<sup>341</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Homenagem aos sessenta e três anos do lançamento do Manifesto de Outubro de 1932. *A Voz do Oeste, Lins*, n. 63, p. 2, dez., 1995.

<sup>342</sup> MAGALHÃES, loc. cit.

<sup>343</sup> DOIS centenários que marcam a vida cristã. *A Voz do Oeste, Lins*, n. 52, p. 7, dez., 1994.

<sup>344</sup> NOGUEIRA, Rubem. O homem e o muro. *Alerta, São Gonçalo*, n. 21, p. 1, set., 1997.

O artigo tinha como subtítulo a frase “surge a verdade”<sup>345</sup>, sugerindo fortemente uma ideia de que a verdade sobre integralismo está escondida e que esses trechos sobre a história do movimento “revelam-na”. A ideia de uma verdade revelada sobre o movimento é recorrente, em especial no que tange à perspectiva de informar ao público. No editorial da edição 60 de *A Voz do Oeste*, Rufino explicita essa ideia ao afirmar que “para que a juventude seja realmente guiada na senda da verdade e, para isso é preciso revisar a História, trazendo à tona movimentos expressivos de despertar da nacionalidade”<sup>346</sup>. Para o editor, é necessário rever a história oficial, abrindo espaço para uma nova versão sobre o integralismo, que por sua vez se tornaria responsável por um despertar de nacionalismo e civismo.

O ressentimento integralista se volta também aos historiadores, julgados como pouco profissionais e ideologicamente comprometidos. Argumentam que o integralismo é um tema profundo que é analisado superficialmente, uma vez que a bibliografia produzida pelos integralistas é ignorada, resultando na reprodução de “calúnias” pelos historiadores.<sup>347</sup> Os militantes experimentam uma situação em que o que se produz cientificamente não condiz com suas expectativas. Se colocam numa posição de vítimas de uma injustiça perpetrada por aqueles que estão no papel institucional de produção do conhecimento histórico que, conseqüentemente, tem parte importante na visão que a sociedade constrói sobre o movimento.

Os militantes apresentam sua versão da história sempre como uma verdade finalmente revelada, que por motivos escusos estaria sendo ocultada da população. Atribuem ao movimento o papel de contínuo esclarecimento, detentores das respostas para os problemas do Brasil e da “verdadeira” história.

#### **4.2.1 Sofrendo pela sociedade: o ressentimento do mundo moderno**

Os militantes integralistas identificavam na sociedade aspectos que consideravam nocivos, características que a tornavam deplorável e que impediam ou dificultavam a ascensão do movimento, bem como o próprio desenvolvimento da sociedade. Muitos desses aspectos foram associados à modernidade, numa visão pessimista, negativa e ressentida. A modernidade, seguindo a perspectiva dos jornais integralistas, pode ser entendida como “a civilização moderna engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado”<sup>348</sup>.

<sup>345</sup> NOGUEIRA, Rubem. O homem e o muro. *Alerta*, São Gonçalo, n. 21, p. 1, set., 1997.

<sup>346</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Nossa Pátria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 60, p. 2, set., 1995.

<sup>347</sup> LIMA, Cerqueira J. L. O que é Integralismo. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 5, abr./jun., 1990.

<sup>348</sup> LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 39.

É, portanto, contra a sociedade que se se forma com o capitalismo, seu avanço e impactos negativos na vida das pessoas.

A definição é dada por Michael Löwy e Robert Sayre buscando conceituar o Romantismo, e acaba por se mostrar relevante para o estudo do integralismo nos anos 1990. O romantismo é “uma crítica *moderna* da modernidade”<sup>349</sup>, uma resposta às transformações lentas e profundas da sociedade, engendradas pelo capitalismo. Para os autores, é possível identificar características do romantismo em manifestações posteriores a 1900, pois ainda que modificada, a civilização moderna ainda persiste, bem como grupos que a criticam em nome de ideias do passado. Os autores trazem dentre diversos exemplos, o movimento ecológico, em cujo cerne está uma crítica do progresso econômico e tecnológico, bem como uma utopia de restauração da harmonia entre homem e natureza que foi perdida na sociedade atual.<sup>350</sup> Neste sentido podemos pensar o integralismo também como imbuído de um caráter romântico. São manifestações múltiplas, que não exigem um purismo de autores ou textos, aparecendo aqui e ali, nem sempre de forma consciente. Para Löwy e Sayre, a crítica romântica se direciona para:

[...] as *características do capitalismo cujos efeitos negativos permeiam as classes sociais*, e que são vividas como miséria em toda essa sociedade. Em muitos casos, o que se denuncia de uma maneira ou de outra é esse fenômeno crucial do conjunto que é a “reificação” ou “coisificação”, isto é, a desumanização do humano, a transformação das relações humanas em relações entre coisas, entre inertes.<sup>351</sup>

O mesmo se passa nas críticas efetuadas nos jornais integralistas, como será discutido a seguir. A perspectiva romântica do integralismo já foi apontada por Eliana Dutra<sup>352</sup> ao analisar as obras de Plínio Salgado e a forma como ele desenvolveu seus conceitos de nação e povo e também por José Chasin<sup>353</sup> ao analisar a doutrina idealizada por Plínio Salgado. O enfoque aqui se dá nas críticas ressentidas ao mundo moderno realizadas pelos integralistas nos anos 1990. Entretanto, esse elemento não aparece de forma homogênea entre militantes, ele é consideravelmente mais visível em *A Voz do Oeste*, aparecendo menos no boletim *Alerta* e quase ausente em *Renovação nacional*.

Neste último destaca-se o artigo publicado por Sérgio de Vasconcellos, originalmente uma palestra proferida para um grupo da Juventude Integralista no alto da Pedra Bonita, no Rio de Janeiro, em 23 de abril de 1992. O integralista discorre sobre a circunstância do homem na

<sup>349</sup> LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 43.

<sup>350</sup> Ibidem.

<sup>351</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>352</sup> DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 217-244, Set. 1999.

<sup>353</sup> CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

sociedade moderna e afirma “a Humanidade encontra-se no Caos”<sup>354</sup>. Para ele, o ser-humano vive em profunda angústia, pois perdeu a noção exata do mundo e de si próprio. Estaria ocorrendo uma “completa inversão de valores”<sup>355</sup> onde os bens materiais deixaram de ser um “meio” para se tornar um “fim”.

A noção de perda ou inversão de valores que o integralista expressa é característica do romantismo, o qual segundo Löwy e Sayre se caracteriza “pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais, que foram alienados”<sup>356</sup>. Esta crítica está ligada a uma experiência de perda, de que “no real moderno uma coisa preciosa foi perdida, tanto no nível do indivíduo quanto no da humanidade”<sup>357</sup>.

Seguindo essa perspectiva, Rufino discorre sobre a transformação que as relações humanas sofreram com o advento do capitalismo, acusando o individualismo e o ceticismo de terem posto em dúvida o pensamento e o sentimento.<sup>358</sup> Neste artigo, intitulado “A verdadeira revolução”, expressa que somente a revolução interior e a regeneração dos costumes, engendrada pelo integralismo, seria capaz de reverter os males que o capitalismo causa na sociedade e no ser humano.

A perda de valores considerados essenciais, vitais, é acompanhada de um sentimento de impotência. Ainda que os integralistas se mantenham perseguindo seu ideal, a perspectiva melancólica e pessimista que têm da sociedade não se resolve:

De um modo geral, sentimos o desagregar de todos os valores morais e espirituais da Nação, que são a sua alma, o seu sopro de vida. Sem isso, corremos o risco de naufragar no mar tempestuoso do século que, prestes a findar, deixa-nos a marca de “tenebroso”, porque repleto de negativismo e degradação de todos os valores.<sup>359</sup>

Essa perda de valores é frequentemente associada à falta de religiosidade na vida moderna. Arcy Estrella cita um trecho de Plínio Salgado que direciona a perda de valores ao afastamento de Deus “no Século XIX, de que somos herdeiros diretos, se voltou às costas a Deus”<sup>360</sup>. A perda de valores religiosos, que provoca a decadência da sociedade, estaria conectada diretamente ao capitalismo, pois a “razão para essa decadência [...] está na onda de

<sup>354</sup> VASCONCELLOS, Sérgio de. O Homem Integral. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 4, out./dez., 1992.

<sup>355</sup> VASCONCELLOS, loc. cit.

<sup>356</sup> LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 43.

<sup>357</sup> LÖWY; SAYRE, loc. cit.

<sup>358</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. A verdadeira revolução. *Alerta*, São Gonçalo, n. 14, p. 3, fev., 1996.

<sup>359</sup> Idem. Dois anos de lutas... *A Voz do Oeste*, Lins, n. 24, p. 2, jun., 1992.

<sup>360</sup> ESTRELLA, Arcy. Somos pela vida. *Alerta*, São Gonçalo, n. 10, p. 1, out., 1996.

materialismo que nos assalta. O materialismo, a negação do Espírito, a negação de Deus, permeia tudo e a tudo avassala”<sup>361</sup>.

A vida na sociedade atual apresenta características que aparentam ser insuportáveis aos militantes, que criticam o individualismo, o materialismo e até mesmo a tecnologia. O desenvolvimento tecnológico é visto de forma danosa aos homens, que “não são mais úteis”<sup>362</sup> e acabam por ser substituídos por suas próprias “criações”. Vanessa Figueiredo expõe que, como consequência disso “a máquina invadiu o mercado e o homem adquiriu o desemprego, a competitividade demasiada e a sensação de que pode ter criado a sua própria destruição”<sup>363</sup>. Esta última colocação parece ter um grande peso no texto, o fato de o próprio homem ter criado as condições de sua destruição.

Pelo mesmo ponto de vista, coloca-se que o “homem constrói a anti-humanidade”<sup>364</sup>, seguindo a perspectiva de que “o mundo não é moral nem espiritual, construído como está sendo sobre anti-valores”<sup>365</sup>. Elabora-se uma narrativa de que a humanidade se destrói pela falta de valores, resultando em uma decadência generalizada em todos os aspectos da vida humana. O ressentimento por este estado obscuro só se abranda pela esperança que os militantes mantêm na doutrina integralista: “Não sendo o homem determinado, condicionado e escravo, mas dotado do livre arbítrio, ainda tem condições de através da revolução interior, mudar seus próprios rumos. Antes que seja tarde”<sup>366</sup>.

#### 4.3 EMBATES SOBRE A MEMÓRIA INTEGRALISTA

Não parece estranho que cada geração encare o passado e re-selecione o que considera válido dele ou não. Com o passar do tempo reagimos de formas diferentes conforme as nossas experiências e as novas informações de que tomamos conhecimento.

[...] cada geração organiza seu próprio legado, escolhendo o que descartar, ignorar, tolerar, ou valorizar, e como tratar o que se guarda. Tais escolhas não são irrestritas: decisões de se lembrar ou esquecer, de preservar ou destruir, dependem amplamente de forças para além do nosso controle, frequentemente para além da própria consciência. Mas sentimentos atuais sobre o passado determinam amplamente o que seus resíduos se tornam.<sup>367</sup>

<sup>361</sup> PINTO, Abel Rafael. A decadência nacional. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 25, p. 1, jul., 1992.

<sup>362</sup> FIGUEIREDO, Vanessa Violato. O homem e a sua criação. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 78, p. 2, maio, 1997.

<sup>363</sup> FIGUEIREDO, loc. cit.

<sup>364</sup> PEREIRA, Genésio Filho. A anti-história da anti-humanidade. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 90, p. 2, jun., 1998.

<sup>365</sup> PEREIRA, loc. cit.

<sup>366</sup> PEREIRA, loc. cit.

<sup>367</sup> “every generation disposes its own legacy, choosing what to discard, ignore, tolerate, or treasure, and how to treat what is kept. Such choices are not unconstrained: decisions to remember or forget, to preserve or destroy, largely depend on forces beyond our control, often beyond conscious awareness. But current feelings

O passado integralista oferecia aos militantes memórias a serem descartadas, mantidas e modificadas. Ainda que gerações diferentes convivessem dentro do integralismo nos anos 1990, a memória que se formou do passado era necessariamente diferente da de outros períodos do movimento.

De geração em geração, conjuntos diversos de memórias, frequentemente sob a forma de narrativas de fundo implícitas, opor-se-ão uns aos outros, de tal modo que, embora as diferentes gerações estejam fisicamente presentes, umas perante as outras, num determinado cenário, podem permanecer mental e emocionalmente isoladas, como se as memórias de uma geração estivessem, por assim dizer, irremediavelmente encerradas nos cérebros e nos corpos dos indivíduos dessa geração.<sup>368</sup>

Se havia consenso quanto à necessidade de atuação da juventude para o futuro do movimento, o mesmo não se dava em diversos outros aspectos da militância, sobre os quais é possível observar uma série de divergências nos jornais. Na ausência de uma liderança detentora da palavra, como fazia Plínio Salgado, chefe inquestionável, os integralistas dos anos 90 muitas vezes não chegam em um consenso. Em parte, isso agravou a deterioração do movimento e impediu a tomada de ações mais efetivas. Ainda que houvesse um líder nacional enquanto a sigla AIB permaneceu ativa, ele não tinha a inquestionabilidade de Plínio. Os integralistas mais antigos, remanescentes da primeira AIB, do PRP e dos CCJ, e as herdeiras de Plínio, Dona Carmela e Maria Amélia, representavam um capital de influência sobre os militantes mais recentes. Mas mesmo assim não impediam que fossem publicadas opiniões divergentes e até excludentes sobre diversos assuntos.

Houve situações em que os militantes publicaram ataques a textos de um companheiro do movimento ou se defendendo de um ataque proferido anteriormente. Um exemplo disso ocorreu no debate sobre a figura de Enéas Carneiro<sup>369</sup>. Em 1998, José de Freitas Neules, representante do jornal *A Voz do Oeste* em Monte Santo de Minas - MG, defende Enéas e seu projeto político no jornal referido, afirmando que Plínio Salgado, se estivesse vivo, apoiaria sua candidatura à presidência da república. O militante é categórico: “para os brasileiros bem intencionados em geral – e para os integralistas em particular – este é um dever sagrado: o dr. Enéas é o imperativo da hora presente! Anauê, Brasil!”<sup>370</sup>. Na edição seguinte do jornal já havia

---

about the past largely determine what becomes of it residues. (LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Press, 1985. p. 363. Minha tradução)

<sup>368</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993. p. 3-4.

<sup>369</sup> Enéas Carneiro foi candidato à presidência da República nos anos 1989, 1994 e 1998 e eleito Deputado Federal em 2003 pelo Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA). Defendia propostas de extrema-direita e ficou conhecido pelo slogan “Meu nome é Enéas”. (ENÉAS FERREIRA CARNEIRO. *Verbetes*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/eneas-ferreira-carneiro>. Acesso em: 28 jul, 2018.)

<sup>370</sup> NEULES, José de Freitas. Enéas, o imperativo da hora presente! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 93, p. 2, jun., 1998.

a resposta de outro militante criticando a posição que ele havia tomado defendendo Enéas. Emanuel Pedro Tauyr, de São José do Rio Preto - SP, informa que pertenceu ao Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) e foi afastado justamente por ser integralista. Afirma que Enéas “jamais chegará aos pés de Plínio Salgado”, que é “uma farsa”, “agressivo, revoltado, antidemocrático e despreparado para ocupar qualquer cargo político”. E termina enfatizando que, “depois de conhecê-lo você vai escrever um artigo intitulado ‘Enéas, o embusteiro da hora presente’”<sup>371</sup>. Esta não havia sido a primeira referência a Enéas nos jornais integralistas. Vários anos antes, em 1990, Olavo Nery Corsatto, na época vice-presidente da AIB, referiu-se a ele como “monstrengo”, “caricatura” e “bicho”.<sup>372</sup>

A memória é elemento essencial na construção do sentimento de identidade do grupo, assim como do sentimento de continuidade e coerência. Mas a identidade é também um processo de mudança, de negociação, entre os membros do grupo e entre o grupo e os outros.<sup>373</sup> O esforço de separação da imagem do integralismo em relação aos fascismos europeus permanecia ainda nos anos 1990. Em diversos artigos foi enfatizado o caráter nacional do integralismo em contraposição com o fascismo ou o nazismo.

A nossa Doutrina é essencialmente Cristã, democrática e genuinamente Nacional: célebres vultos do passado que engrandeceram a nossa Pátria como Farias Brito, Alberto Torres, Euclides da Cunha e outros de notável inteligência ajudaram a tecer as idéias do Integralismo, e não foi Mussolini da Itália e Hitler da Alemanha como nos acusam nossos inimigos de ontem e de hoje!<sup>374</sup>

A necessidade que muitos militantes viam de defender o integralismo da caracterização como fascista foi um embate que se deu contra pessoas de fora do movimento, mas também entre os próprios integralistas. Marcelo Mendez relata que em 1989 dona Carmella se empenhou na defesa da memória de Plínio e da “pureza da Doutrina Integralista”, quando da divulgação de notícias de simpatizantes do integralismo comemorando o centenário de Hitler. Marcelo supõe que o desgosto tenha causado consequências graves à viúva de Plínio, “talvez pela emoção tida neste desagravo, d. Carmella veio a falecer apenas quatro meses depois”<sup>375</sup>.

Jader Medeiros acusa militantes “notórios” de fundar organizações “mascaradas”, sem nenhuma justificativa ou necessidade, visto que o movimento se estruturava sob a sigla AIB

<sup>371</sup> TAUYR, Emanuel Pedro. Carta Recebida. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 94, p. 2, dez., 1998.

<sup>372</sup> CORSATTO, Olavo Nery. O Caos Nacional e os Partidos. *Renovação Nacional em Brasília. Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 4, jan./mar., 1990.

<sup>373</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992, p. 204.

<sup>374</sup> MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Homenagem aos sessenta e três anos de lançamento do Manifesto de Outubro de 1932. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 63, p. 2, dez., 1995.

<sup>375</sup> MENDEZ, Marcelo Santos. Homenagem a d. Carmella P. Salgado (1914-1989). *A Voz do Oeste*, Lins, n. 104, p. 4, set., 1999.



desde 1987. Ele não menciona a quem se dirigia essa crítica, mas podemos considerar uma possível relação com os transtornos envolvendo Anésio de Lara Campos Jr., que no início de 1990 havia sido expulso do movimento, pouco mais de um ano e meio antes da publicação do artigo de Jader. Até o momento da publicação, os impasses com Anésio foram os conflitos que aparentemente geraram mais repercussão.

Também o boletim *Alerta* promoveu um esforço contra o nazismo. O boletim divulgou ao lado da seção de cartas, a frase enviada por Florêncio de Abreu, intitulado-se “Comandante Zapata”: “...Viva o partido nacional-socialista alemão!”<sup>376</sup>, ao que o boletim responde que o articulista estaria “fazendo confusão”, pois o integralismo não se vincularia a nenhum partido, ainda mais estrangeiro. Parece ter sido apenas um trecho selecionado para o editor do boletim discorrer em defesa do integralismo. Na edição seguinte, foi publicado outro trecho do mesmo militante, desta vez sem referência ao nazismo, mas pedindo atitude revolucionária do integralismo pelo Brasil. Contrariando os textos em que comumente os integralistas pedem ação pela pátria, pelo integralismo, desta vez o editor pede “Comandante, vamos devagar!”<sup>377</sup>, mostrando um cuidado em lidar com uma situação que poderia levar a vincular o integralismo e o nazismo novamente.

Mas esse cuidado não foi uma constante, pois o Centro Cultural Plínio Salgado (CCPS) foi frequentado por jovens inclinados ao neonazismo. Em texto de um frequente colaborador do boletim *Alerta*, Murilo Cezar Luiz Alves afirma que “metaforicamente, o comunismo é um operário atado aos grilhões de aço, sem liberdade; o nazismo é uma loira linda, sedutora que guarda presa em suas meias, um punhal pronto a ser enterrado nas costas dos desavisados”<sup>378</sup>. A metáfora da loira linda demonstra que o nazismo exercia no mínimo certa carga de tentação sobre os frequentadores do CCPS.

Posteriormente, o quadro se agrava com a declaração do editor do boletim de que “se amar a Deus, viver pela pátria e defender a tradição da família brasileira, é ser nazista, que continuem falando assim. Viva a imprensa!”<sup>379</sup>, em resposta à carta recebida sobre reportagens sobre a AIB/PRP que não foram cem por cento positivas, possivelmente relacionando-os ao nazismo. A resposta do boletim pode ser interpretada como puramente sarcástica, mas não traz nenhum esforço explícito de negar a rotulação nazista, nem de defender a memória ou a “pureza doutrinária” como fez dona Carmella. Parece que a presença de jovens neonazistas, como os

<sup>376</sup> ABREU, Florêncio de. [Viva o partido...] *Alerta*, São Gonçalo, n. 38, p. 3, ago., 1999.

<sup>377</sup> Idem. [O máximo (vermelho)...] *Alerta*, São Gonçalo, n. 37, p. 2, jul., 1999.

<sup>378</sup> ALVES, Murilo Cezar Luiz. [Pretendo organizar um...] *Alerta*, São Gonçalo, n. 27, p. 4, mar., 1998.

<sup>379</sup> THOMAZ, Breno Alberto. [Muitos telefonemas chegaram...] *Alerta*, São Gonçalo n. 39, p. 3, set., 1999.

Carecas do ABC,<sup>380</sup> flexibilizou esse discurso sobre a identidade integralista, que passou a se abrir um pouco, possivelmente para reter esses jovens.

Ocorreram muitas vezes, também, confrontos entre os militantes e pessoas de fora do movimento, como no caso do artigo publicado por Hélio Fernandes em novembro de 1992 na *Tribuna da Imprensa* sobre o Estado Novo. Jader Medeiros dedica quase uma página inteira para defender que o integralismo não havia apoiado o Estado Novo. No centro da página havia uma foto de Plínio com a legenda “PLÍNIO SALGADO O Grande Injustiçado”<sup>381</sup>. A questão girava em torno de que, no artigo de Hélio Fernandes “10 de novembro de 1937: há 55 anos uma ditadura cruel”, o jornalista teria afirmado que Plínio Salgado e os integralistas apoiaram o Estado Novo.

Jader rebate mencionando os depoimentos de Miguel Reale e do General Castro Júnior, que teria se declarado chefe da intentona de 1938. O levante aparece para defender a posição de rejeição dos integralistas frente ao governo que Vargas estabelece em 1937. Neste momento, o fato anteriormente rejeitado por Jader na narração da história do movimento toma posição importante para validar a posição do movimento sobre o Estado Novo. Falas de Plínio Salgado também foram trazidas pelo militante para corroborar o posicionamento do integralismo. Na fala em questão, Plínio discorre sobre a oferta da pasta da Educação, que ele teria rejeitado por discordar do Estado Novo, e sobre sua subsequente prisão e exílio.

Na mesma página, com espaço reduzido em comparação com o artigo analisado acima, é direcionada ao jornalista Ferreira Netto uma carta-protesto de Genésio Pereira, identificado como Coordenador de Reestruturação.<sup>382</sup> O artigo tratava de um episódio do Programa Ferreira Netto, em que o jornalista entrevistava Anésio de Lara Campos Jr. e dois jovens integrantes do Carecas do ABC.<sup>383</sup> Ferreira Netto questiona o posicionamento antisemita de Anésio e a situação do integralismo no período.

Os jovens presentes, um rapaz vestindo a farda integralista, emblema do sigma do braço e um capuz que deixava a vista somente os olhos, e uma jovem usando uma braçadeira do sigma, foram questionados sobre como conheceram o integralismo, suas perspectivas sobre os problemas do Brasil e a relação entre o integralismo e os Carecas. Sobre isto, o rapaz se

<sup>380</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Participar pela direita: o novo integralismo e o direito de defender a negação de direitos numa outra “democracia”. *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011.

<sup>381</sup> MEDEIROS, Jader. Repelindo aleivosias de... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 3, jan./mar., 1993.

<sup>382</sup> PEREIRA, Genésio Filho. O pensamento cristão de Plínio Salgado não pode ser deturpado. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 3, jan./mar., 1993.

<sup>383</sup> INTEGRALISMO - Programa Ferreira Netto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qg82nNvofR0>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

preocupa em diferenciar o grupo dos Carecas dos Skinheads e afirma que já deixavam de designar-se Carecas para adotar a denominação integralista apenas.

O artigo de Genésio, depois de apresentar um panorama da atuação política e literária de Plínio Salgado, critica o programa de Ferreira Netto a respeito da aparição de pessoas que “dizendo-se integralistas, são defensoras do nazismo, do fascismo, do racismo, simplesmente não são... integralistas! Estão com a mente confusa ou obnubilada”<sup>384</sup>. Genésio cobra a presença de “pessoas realmente conhecedoras da doutrina integralista e do pensamento de Plínio Salgado”<sup>385</sup> no programa, para que “possam manifestar-se, colocando o assunto em seu devido lugar”<sup>386</sup>. Mesmo após sua expulsão do movimento, Anésio continuava em disputa pela memória do integralismo.

As cartas e declarações dos militantes integralistas continuaram sendo enviadas ao longo da década de 1990, na tentativa de desfazer a ligação do integralismo com o fascismo. Durante as homenagens de 11 de maio de 1999, a carta enviada ao redator do jornal *O Dia* foi lida em frente ao mausoléu integralista no cemitério do Caju - RJ. As acusações de envolvimento com o nazismo são creditadas ao DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) que, segundo os integralistas, “mal dosamente [...] no período de 8 anos de propaganda autoritária, sem o Poder Legislativo e sem Liberdades, fez girar as suas metralhadoras, espipocando contra o integralismo e seu Chefe toda a sorte de calúnias e intrigas”<sup>387</sup>. Novamente os militantes se colocam na posição de trazer a “verdade” em maiúscula dos fatos, afirmando julgar “necessário colocar a Verdade”<sup>388</sup> sobre o tema.

No artigo que relatou o ocorrido, discorrem também sobre aqueles que “se dizem integralistas” e apoiam o nazismo. As ações desses integralistas “rejeitados” repercutiram ao longo dos anos 1990, pois representavam um obstáculo para uma possível aceitação pública do integralismo. Se nos anos 1930 a simpatia com o fascismo europeu correspondia a uma questão que motivava as pessoas a aderir ao movimento, depois da segunda guerra mundial, e ainda no final do século XX, havia se convertido em um motivo de afastamento e desprezo. Aos integralistas que afirmavam abertamente seu apreço pelo fascismo e nazismo, foi dito que não conheciam de fato a doutrina integralista e se tornavam inimigos e traidores da mesma.

---

<sup>384</sup> PEREIRA, Genésio Filho. O pensamento cristão de Plínio Salgado não pode ser deturpado. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 3, jan./mar., 1993.

<sup>385</sup> PEREIRA, loc cit.

<sup>386</sup> PEREIRA, loc cit.

<sup>387</sup> O 11 DE MAIO no Cemitério do Caju. *Alerta*, São Gonçalo, n. 36, p. 2, jun., 1999.

<sup>388</sup> O 11 DE MAIO no Cemitério do Caju. loc. cit.

Na prática, o salientado repúdio ao fascismo não torna o integralismo menos pertencente a esta designação, nem a rejeição de integralistas que não escondem seu apreço pelo fascismo e pelo nazismo. O integralismo esteve em disputa em planos diversos e abarcava os militantes que se enquadravam em ambas situações.

No próximo capítulo serão analisadas os rituais e símbolos manifestados pelos militantes nos anos 1990 e sua atualização em relação ao passado. Também se discutirá o papel do patriotismo e do civismo no discurso integralista do período e como foram instrumentalizados pelos militantes.

## 5 ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA E PATRIOTISMO

Dos anos 1930 para cá muita coisa mudou para os integralistas, ainda que tentem manter uma aparência de continuidade e imutabilidade. A marcante característica estética e doutrinária do movimento, o uso de uniformes e símbolos, foi obrigatória nos anos de duração da primeira AIB, mas após a implantação do Estado Novo houve perseguição e apreensão de material integralista. Findado o estado ditatorial, os integralistas esbarravam na péssima visão que a opinião pública tinha sobre o tema, visto sua imediata associação com o regime nazista.

Esse é provavelmente o maior motivo de inibição no uso de exterioridades pelos militantes, ainda que elas sejam exaltadas nos jornais, especialmente como uma contraposição às exterioridades nazistas. Mesmo assim, o uso dos uniformes e símbolos se fez presente nos anos 1990, mesmo que de forma pontual. Os rituais, de forma diminuta, acompanhando o próprio movimento já reduzido, se mantiveram vivos.

Em diálogo com os rituais e símbolos integralistas está o patriotismo e o civismo do movimento. Claramente nacionalista, os militantes mobilizam esses elementos de forma constante desde o surgimento do integralismo, como identidade, em confronto à crise sempre presente, como definição memorialística do movimento e expressos também em ressentimento pela desvalorização dessas características nacionalistas.

### 5.1 ENTRE VELHOS E NOVOS: RITUAIS E SÍMBOLOS

Nos anos 1990, a convivência entre os antigos militantes e os novos adeptos se investia de um caráter de formação e transmissão doutrinária. Mas os integralistas viviam uma conjuntura muito diferente do período da AIB e do PRP, e era preciso uma nova vivência do movimento, bem como lidar com a herança dos períodos anteriores. Para Márcia Carneiro, ainda que existam “aparentes rupturas ao longo das gerações que defenderam e defendem a idéias integralistas”, elas “servem de parâmetro temporal, mas permanecem unindo elos, signos discursivos, que são mantidos, como tradição, de forma conflituosa, em meio às mudanças contextuais no processo histórico”<sup>389</sup>. Entre velhas e novas formas de lidar com os símbolos e as práticas rituais integralistas, elas funcionam como ligação entre o passado e presente do movimento.

---

<sup>389</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo-a construção de memórias integralistas*. Tese (Doutorado em História). 415 f. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2007. p. 41.

Os próprios núcleos integralistas e sua formação se tornaram um lugar de memória para os integralistas, restos do que foram no passado. Como mostra Pierre Nora<sup>390</sup>, lugares de memória se constituem de três aspectos coexistentes em diferentes graus: material, simbólico e funcional. Para Nora os “lugares de memória são, antes de tudo, restos”<sup>391</sup>, são o esforço de resgate de algo que não foi vivido ou que não existe mais.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.<sup>392</sup>

A vontade de memória é o elemento determinante para a constituição dos lugares de memória.<sup>393</sup> O integralismo nos anos 1990 age nesse sentido de preservar a memória do movimento, mantendo datas comemorativas, arquivos e bibliotecas.

A formação de um novo núcleo se investe de uma forma ritualística, das longas conversações e negociações às convocações e o envio do “Kit Integralista”.<sup>394</sup> Marcelo Mendez relata que após o contato inicial e um período de doutrinação que levava “de semanas a meses”, fazia o convite para adesão ao movimento, que estava vinculado à fundação de um núcleo na cidade do novo militante. Segundo ele, em seguida

[...] a convido/convoco para fazer parte das nossas fileiras no movimento, fundando um núcleo propagador das idéias integralistas na sua cidade, caso ainda não tenhamos nenhum núcleo pré-estabelecido na mesma. Aceita a convocação, que sempre me é respondida por escrito, para que eu tenha uma comprovação do compromisso, eu mando o que costumo chamar de “Kit Integralista” [...].<sup>395</sup>

No final dos anos 1990, é o desejo de manter a memória do movimento e de fazê-lo ser conhecido por mais pessoas que constitui a base da formação dos núcleos. Os núcleos integralistas nos anos 1930 eram regulamentados pelos *Protocollos e Rituaes*, no que diz respeito ao seu funcionamento, mobiliário e símbolos integralistas. Entretanto, nada foi dito sobre a formação dos núcleos, além da quantidade de integralistas necessários para sua formação, dos representantes que deveriam estar presentes e da comunicação de inauguração:

Art. 95 - Logo que o numero de Integralistas atinja no Municipio, no Districto ou na zona rural, respectivamente, a cincoenta, trinta e vinte, o coordenador ou coordenadores, providenciarão para a installação do Nucleo Municipal, Districtal ou Rural.

<sup>390</sup> NORA, Pierre. Entre memória e História: A problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez., 1993.

<sup>391</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>392</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>393</sup> *Ibidem*.

<sup>394</sup> MENDEZ, Marcelo Santos. Como se funda um núcleo integralista? *Alerta*, São Gonçalo, n. 42, p. 1, dez., 1999.

<sup>395</sup> MENDEZ, loc. cit.

§ 1.º - A instalação de uma nova séde será feita solenemente, com a presença obrigatória dos representantes do Chefe Provincial e do Governador da Região, se o Nucleo fôr Municipal, e dos representantes do Governador da Região e do Chefe Municipal, se se tratar de Nucleo Districtal.

§ 2.º - Inaugurado o Nucleo, o seu Chefe fará immediatamente, por telegramma, a devida comunicação ás autoridades superiores nacionaes e provinciaes.<sup>396</sup>

Ainda que se exigisse uma rigidez nos elementos que compunham os núcleos e que fossem especificados os representantes que deveriam estar presentes na cerimônia de instalação, a formação dos núcleos nos anos 1930 não parecia estar investida de um caráter ritualístico. A simples comunicação aos superiores por telegrama demonstra que esse foco não estava presente na instituição de um núcleo. Os *Protocollos e Rituaes* apresentam essa ênfase na adesão pessoal do militante, que passava por burocracias, juramentos e esperas para concretizar sua inscrição no integralismo.<sup>397</sup>

Nos anos 1990, o caráter reduzido do movimento, especialmente em comparação com os anos 1930, conferia ao período de auge uma aura nostálgica. Os núcleos eram vistos como um símbolo do crescimento da AIB que precisava ser retomado. Nisso, a própria adesão de um novo militante tinha seu caráter limitado frente ao núcleo “propagador das idéias dos integralistas”<sup>398</sup>, ao qual era vinculada.

Os símbolos integralistas e as normas presentes nos *Protocollos e Rituaes* parecem ter sido pouco executadas, senão por poucas ocasiões. No período de atuação da segunda AIB, no início dos anos 1990, foram realizadas convenções nacionais registradas pelo jornal *Renovação Nacional*. Em 27 de janeiro de 1990 ocorria a terceira convenção nacional da AIB no Rio de Janeiro, na qual foi debatida e decidida por unanimidade a expulsão de Anésio de Lara Campos Jr, então vice-presidente da AIB.<sup>399</sup> Sebastião Cavalcante de Almeida foi reconduzido à presidência e seu mandato como chefe nacional foi prorrogado. Sobre as formalidades dessa convenção, foi registrada somente a execução do hino nacional, sem informação sobre a usual supressão do segundo verso pelos integralistas.

Em 30 de janeiro de 1993, foi realizada a quinta convenção nacional da AIB, registrada em *Renovação Nacional* com um artigo intitulado “O Integralismo Retorna à Sua Autenticidade

<sup>396</sup> AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937.

<sup>397</sup> Ibidem.

<sup>398</sup> MENDEZ, Marcelo Santos. Como se funda um núcleo integralista? *Alerta*, São Gonçalo, n. 42, p. 1, dez., 1999.

<sup>399</sup> CONVENÇÃO prorroga mandato da chefia nacional da AIB. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 8, jan./mar., 1990.

Histórica”<sup>400</sup>. Esta convenção recebeu extensa atenção por parte do jornal, que dedicou três páginas ao assunto, com diversas fotos que registraram o acontecimento. A preocupação com a normativa integralista foi explicitada pelo jornal:

A Convenção, atendendo a determinados dispositivos dos “Protocolos e Rituais”, elaborados em 1937, teve caráter Solene, em virtude de ter sido presidida pelo Chefe Nacional, a quem foram prestadas todas as honras, como Supremo Dirigente da Ação Integralista Brasileira.<sup>401</sup>

Nota-se que foi dada ênfase no respeito às “honras” prestadas ao chefe nacional, fato que parece tentar afirmar a posição de Sebastião Almeida como tal. O evento foi registrado no jornal em tópicos para cada parte, incluindo a entrada “triumfal” do chefe nacional, assinalando que também esta foi realizada conforme em “conformidade com os ‘Protocolos e Rituais’”<sup>402</sup>. Ainda que a figura do chefe fosse presente durante a vigência da AIB nos anos 1990, não constituía o apelo carismático, aglutinador e místico que Plínio Salgado conseguiu evocar como chefe do integralismo.

Mesmo que tenham afirmado seguir os *Protocollos*, a convenção não cumpriu tudo o que determinava, a começar pelo uso da camisa verde, que seria obrigatória a todas as autoridades que compunham a mesa, entre outros detalhes. Não interessa aqui examinar se os *Protocollos* foram seguidos à risca ou não, mas sim ressaltar que mesmo não o tendo sido, houve um esforço em registrar constantemente que o encontro foi executado cumprindo-os. Há o desejo de demonstrar uma continuidade com o passado através desses ritos. Em geral, por ser um ato repetitivo, um rito já indica esse vínculo com o passado, mas Paul Connerton atenta para rituais que não só apontam, mas também reivindicam de forma explícita essa continuidade com o passado.<sup>403</sup>

Apenas alguns militantes presentes na convenção aparentavam vestir a camisa verde com gravata preta. Pelo que se pode identificar nas fotos preto e branco publicadas naquela edição, a maior parte dos militantes vestia camiseta branca ou de cor clara. No auditório que foi sede da convenção, estava disposta uma mesa com a bandeira do sigma e arranjos de flores em frente a várias fileiras de cadeiras.

Após o encontro, realizaram uma pequena passeata da sede da Associação Brasileira de Imprensa, onde ocorreu o congresso, até a Cinelândia, carregando uma faixa com o lema integralista “Deus, Pátria e Família” e as bandeiras integralista e nacional. O sentido de

<sup>400</sup> O INTEGRALISMO Retorna à Sua Autenticidade Histórica. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 1, jan./mar., 1993.

<sup>401</sup> O INTEGRALISMO Retorna à Sua Autenticidade Histórica, loc cit

<sup>402</sup> O INTEGRALISMO Retorna à Sua Autenticidade Histórica, loc. cit.

<sup>403</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993.



retomada do movimento é ressaltado pelo título geral da página “Os Integralistas Retornam às Praças Públicas do Brasil”<sup>404</sup>. Ao longo desta edição de *Renovação Nacional*, constantemente foi exaltado um retorno à autenticidade do movimento, demarcado pelo cumprimento de uma ritualística que remetia aos anos 1930, na execução dos *Protocollos e Rituaes*, de hinos e juramentos. Para Paul Connerton, os ritos estabelecem uma continuidade com o passado pela sua repetição,<sup>405</sup> é exatamente esse desejo de passado, ou melhor, de reviver o passado no presente, que se expressa nos registros feitos pelos integralistas.

Todo ano os integralistas se reúnem no Cemitério do Caju, no mausoléu integralista, para homenagear seus mártires de 11 de maio de 1938, data da intentona integralista contra o Estado Novo. Os militantes se encontraram na Igreja do Nosso Senhor Jesus do Bonfim e Nossa Senhora do Paraíso no Rio de Janeiro/RJ para a missa, logo em seguida se dirigiram para o Cemitério do Caju. Diante do mausoléu era realizada a chamada do nome dos integralistas que morreram durante a intentona, a qual os militantes que ali estão respondem “Presente!”<sup>406</sup>. A seguir abre-se espaço para discursos dos presentes, onde os militantes falam sobre a intentona, a doutrina e são lidos trechos de textos de Plínio Salgado. Em 1990, esteve presente um dos participantes do ataque, o Almirante Arnoldo Hasselmann. Em 1992 ele foi apenas lembrado, pois já havia sido “recentemente transferido por Deus para a milícia do além”<sup>407</sup>.

A leitura dos nomes dos integralistas que morreram na intentona poderia ser interpretada com um sentido de “presentificá-los”, especialmente com a resposta dos que atendem à homenagem com o dito “presente!”. A morte no integralismo parece ter seu lugar específico de honra: a morte dos seus integrantes é definida como uma transferência para a milícia do além, onde o militante continuaria lutando pelo seu ideal. Ou, ainda, afirmam que “no integralismo ninguém morre! Quem entrou neste Movimento imortalizou-se no coração dos Camisas-Verdes!”<sup>408</sup>. Aqui reaparece a questão do tempo religioso e o tempo da nação, discutido no capítulo 2, em que o tempo da nação é inserido numa temporalidade religiosa.<sup>409</sup> Dedicar túmulos e cenotáfios a soldados e indivíduos que morreram em confrontos pela causa nacional

<sup>404</sup> OS INTEGRALISTAS retornam às praças públicas do Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 4, jan./mar., 1993.

<sup>405</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993. p. 51.

<sup>406</sup> HOMENAGEADOS os Mártires Integralistas. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 8, abr./jun., 1990.

<sup>407</sup> VASCONCELLOS, Sérgio de. Homenageados os Heróis do 11 de Maio. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 4, abr./jun., 1992.

<sup>408</sup> VASCONCELLOS, loc. cit.

<sup>409</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

é um elemento recorrente no nacionalismo.<sup>410</sup> A morte dos militantes que pereceram “pela nação” é imbuída de uma continuidade, eles se imortalizam, plasmados na temporalidade nacional.

Para Connerton, ritos são atos formalizados, “deliberadamente celebrados para simbolizar sentimentos”<sup>411</sup>. Os ritos tendem a ser estilizados, estereotipados e repetitivos, com limitada variação. Quem pratica os ritos sente uma certa obrigação em executá-los, pois estão de acordo com a “verdade” que ele simboliza. O significado de um rito possui um valor importante para o praticante, por isso Connerton atenta que “obrigar patriotas a insultarem sua bandeira, ou forçar pagãos a receber o batismo, é violentá-los”<sup>412</sup>. Ritos são também, porosos, relacionam-se entre si, e possuem assim, um papel importante na configuração da memória coletiva, pois fazem sentido com um conjunto de outros ritos de determinada comunidade.<sup>413</sup>

Neste sentido, parece mais razoável pensar que essas homenagens possuem um sentido de conservação e transmissão de memória, especialmente tendo em vista as práticas realizadas em outros encontros integralistas em que há um esforço em demonstrar a continuidade histórica e manutenção da memória do movimento. Ainda que os integralistas tenham outros mártires, que faleceram em situações de combate anteriores ao 11 de maio de 1938,<sup>414</sup> são estes últimos que recebem homenagens especiais anuais, pois o evento se investe da recordação de um confronto fracassado mas que foi ressignificado como luta democrática, como “epopéia”<sup>415</sup> e “Heróico Levante”<sup>416</sup>.

A carga simbólica que a intentona de 1938 assume com o tempo para os integralistas, como uma atitude de revolta contra um governo ditatorial e, portanto, como uma investida democrática, que teve como consequência a perseguição, o exílio do líder e grandes perdas entre a militância, é lembrada na performance da leitura dos nomes. Eles não são ditos para representar aqueles que não estão lá, mas servem como um gatilho para lembrar os que causaram mal ao movimento, o “tirano Vargas” e o “totalitarismo nazi-fascista implantado a 10

<sup>410</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>411</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993. p. 50.

<sup>412</sup> CONNERTON, loc. cit.

<sup>413</sup> *Ibidem*.

<sup>414</sup> Os *Protocollos e Rituaes* indicam os 14 mártires integralistas, suas datas e locais de falecimento, “mortos ou assassinados na defesa do Sigma”. São citados no capítulo VIII que versa sobre as sedes integralistas, nas quais os chefes deveriam se esforçar para manter uma galeria com fotos dos mártires. (AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937. p. 26.)

<sup>415</sup> HOMENAGEADOS os Mártires Integralistas. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 8, abr./jun., 1990.

<sup>416</sup> HOMENAGEM aos Mártires Integralistas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 34, p. 6, maio, 1993.

de novembro de 1937”<sup>417</sup>. O rito de homenagem serve também para incentivar e impulsionar os que estão vivos a continuar a militância, pois para os integralistas “a maior homenagem, entretanto, que prestamos a nossos mortos é a de prosseguirmos na difusão de nossa Doutrina”<sup>418</sup>.

Outra data fortemente recordada pelos integralistas nos anos 1990 é o 7 de outubro de 1932, data de lançamento do chamado Manifesto de Outubro e também o Dia do integralista. Os militantes realizaram homenagens ao documento em eventos e através de artigos nos jornais integralistas. As comemorações do Manifesto não parecem obedecer a um roteiro específico, sendo reportadas de forma diferente conforme o grupo que registrava os encontros nos jornais.

*Renovação Nacional* noticiou o encontro de 1993 em que os militantes se reuniram em homenagem ao Manifesto, tendo os presentes cantado o hino *Avante*, discursado, orado e lido alguns capítulos do Manifesto. Os trechos escolhidos, capítulos 1, 7 e 10, tratam respectivamente da concepção de universo e do homem, a questão social e o estado integral. No final da reunião, uma antiga militante dos anos 1930 foi homenageada e os presentes cantaram o hino nacional.<sup>419</sup>

O Centro Cultural Plínio Salgado (CCPS) organizou as homenagens de 1998, que curiosamente parecem ter servido mais como um encontro de socialização entre os militantes do que um evento centrado no Manifesto. Pela manhã ocorreu a recepção dos participantes que chegaram de outras cidades, uma reunião que foi finalizada com o hino nacional e em seguida um almoço oferecido pelo CCPS.<sup>420</sup> A tarde ocorreu a solenidade com diversos palestrantes que falaram sobre Plínio Salgado e por fim, estava programada uma missa, não em homenagem ao Manifesto, mas ao cinquentenário de casamento do diretor do CCPS e sua esposa.<sup>421</sup>

O registro das homenagens mantém em comum a simbolização que o Manifesto assume como documento primordial do integralismo, “famoso e histórico”<sup>422</sup>, adquirindo também uma aura religiosa, sendo referido como “Evangelho” não apenas dos integralistas, mas de:

[...] todos nós brasileiros, se não podemos praticá-lo por decorrência da evolução dos tempos e dos costumes dos Homens, mas por afinidades objetivas de um povo que

<sup>417</sup> HOMENAGEADOS os Mártires Integralistas. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 8, abr./jun., 1990.

<sup>418</sup> HOMENAGEADOS os Mártires Integralistas, loc. cit.

<sup>419</sup> INTEGRALISTAS comemoraram o manifesto de outubro. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 4, out./dez., 1993.

<sup>420</sup> INTEGRALISTAS comemoram 66 anos do manifesto de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 34, p. 2, nov. 1998.

<sup>421</sup> AS HOMENAGENS do manifesto de 7 de outubro de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 31-32, p. 9, jul./ago. 1998.

<sup>422</sup> INTEGRALISTAS comemoraram o manifesto de outubro, loc. cit.

continua lutando pela Grandeza de sua Pátria, teremos sempre presente em nossos corações, como o prenúncio de uma vida mais feliz dos que trabalham e produzem.<sup>423</sup>

Já no final dos anos 1990, o boletim *Alerta* registra sua homenagem em texto escrito pelo diretor do CCPS, Arcy Estrela que afirma que o Manifesto é incontestável, “não há o que obstar a esse memorável documento feito com os próprios exemplos, com o coração e a alma”<sup>424</sup>. O Manifesto parece transcender o caráter de documento fundador e adquire a essência do próprio criador, apresentado como as ideias e ações de Plínio Salgado, como a encarnação do chefe.

Os militantes integralistas nos anos 1990 apresentavam uma interpretação sobre a camisa-verde e o motivo que levou Plínio Salgado a instituí-la, colocando-a como um contraponto às congêneres caqui nazista e preta fascista. O jornal *A Voz do Oeste* apresenta essa perspectiva diversas vezes,<sup>425</sup> sendo a mais elaborada a de um artigo de Oswaldo Tagliavini, em que o militante afirma que:

Quando Plínio Salgado e outros integralistas, em viagem de propaganda pelo Rio Grande do Sul, viram jovens desfilando com a camisa caqui nazista e bandeira da cruz gamada hitlerista, assim como jovens descendentes de italianos de camisa preta fascista e a bandeira do Fascio, ele então disse aos seus companheiros: Precisamos criar um antídoto a infiltração nazista e fascista em nossa Pátria, dando também à milícia integralista uma Camisa.<sup>426</sup>

O próprio Plínio Salgado, em entrevista a Héglio Trindade, apresenta essa perspectiva, afirmando que “era necessário porque os nazistas estavam desfilando em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e também usavam camisa cáqui e com suástica”<sup>427</sup>. Essa posição foi tomada a partir do pós-guerra pela necessidade de afastamento do integralismo dos fascismos europeus. Em uma das entrevistas realizadas com altos dirigentes integralistas da década de 1930, Trindade questiona sobre as razões de criação da camisa verde, em que o entrevistado responde ser “a necessidade de marcar os elementos que ingressavam no integralismo, a fim de se separarem das tolerâncias ideológicas”<sup>428</sup>.

Para Rosa Maria Cavalari, a camisa verde foi instituída com a função de uniformizar, homogeneizar os integrantes e classificar diferentes segmentações,<sup>429</sup> visto que a camisa era acompanhada, como definiam os *Protocollos e Rituaes*, pelas insígnias respectivas de cada

<sup>423</sup> OLIVEIRA, Argemiro. O manifesto de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 8, p. 4, jul., 1996.

<sup>424</sup> ESTRELA, Arcy Lopes. O manifesto de outubro. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 1, out., 1999.

<sup>425</sup> TAGLIAVINI, Oswaldo. Querem dividir o Brasil... *A Voz do Oeste*, Lins, n. 75, p. 4, jan./fev., 1997; Idem. Antecedentes do “Estado Novo”. *A Voz do Oeste*, Lins, n.84, p. 3, nov., 1997.

<sup>426</sup> Idem. Por que Camisa Verde? *A Voz do Oeste*, Lins, n.69, p. 2, jul., 1996.

<sup>427</sup> TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: Imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 212.

<sup>428</sup> Ibidem, p. 237.

<sup>429</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

cargo.<sup>430</sup> Alexandre Ramos aponta a perspectiva adotada por Miguel Reale na sua biografia, que justifica a camisa verde como tendo o objetivo de “‘escandalizar’ a sociedade brasileira, arrancando-a do letargo de partidos [...] e o propósito de afirmar o valor de hierarquia, estendida como ordenação da liberdade”<sup>431</sup>.

Há de se lembrar que um dos grandes motivos de adesão ao integralismo foi justamente a simpatia pelos fascismos europeus. O argumento anti-fascista utilizado por Plínio a fim de justificar a camisa verde, e mantido pelos militantes nos anos 1990, parece entrar na gama de argumentos que tentam afastar o integralismo do fascismo desenvolvido desde o pós-guerra. Mas nesse sentido, Oswaldo Tagliavini extrapola sua narrativa, afirmando que:

O próprio Hitler, vendo o grande avanço dos Camisas Verdes no Paraná e Santa Catarina, onde na primeira eleição Municipal que disputaram em 1936, venceram em 11 cidades catarinenses, inclusive em cidades importantes, e como o Integralismo estava ensinando aos descendentes de alemães a língua portuguesa e a cantarem o Hino Nacional, isso despertou grande preocupação aos líderes alemães do Nazismo, afirmando que Plínio Salgado e seus companheiros estavam corrompendo a pureza da raça alemã.<sup>432</sup>

Parece muito pouco provável que Hitler estivesse ansioso pelos resultados das eleições municipais do Paraná e de Santa Catarina ou que a eleição de 11 prefeitos integralistas fosse representar qualquer perigo ao nazismo do outro lado do Atlântico. A necessidade da camisa verde, sua ressignificação positiva para os militantes transformava-a em um elemento de luta contra o mal, o fascismo.

## 5.2 PELO BEM DA NAÇÃO: PATRIOTISMO E CIVISMO

O patriotismo e o civismo, que frequentemente aparecem como sinônimos nos jornais integralistas, aparecem vinculados a diversos símbolos nacionais, na tentativa de resgatar e fomentar um sentimento nacionalista nos leitores. Eles evocaram um conjunto de referências que tomam como comuns aos seus conterrâneos, e que desejam ser mais cultuadas em nome da pátria. Para Fernando Catroga, a pátria vista como “terra dos pais”, evocando uma ancestralidade comum, forma também afeições sobre o território, como um pertencimento ao

<sup>430</sup> AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937.

<sup>431</sup> REALE, Miguel, 1987 *apud* RAMOS, Alexandre, Pinheiro. *Intelectuais, carisma e ação integralista brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

<sup>432</sup> TAGLIAVINI, Oswaldo. Por que Camisa Verde? *A Voz do Oeste*, Lins, n.69, p. 2, jul., 1996.

local da pátria.<sup>433</sup> Este sentimento de pertença a uma terra de ancestralidade carrega consigo uma herança, um dever de transmiti-la às novas gerações. Seguindo esses elementos, portanto:

[...] poder-se-á concluir que, ao privilegiar a *origem* e a *herança*, a pátria é, sobretudo, *memória*, instância que enlaça, retrospectivamente, os vivos e os mortos, numa cadeia de solidariedade através da qual os indivíduos se reconhecem como *com-patriotas* de uma mesma *Vaterland*.<sup>434</sup>

Os integralistas nos anos 1990 conjugam o pertencimento à pátria e o dever de transmissão da herança no desejo de patriotismo e civismo.

A “chama patriótica de um povo, não pode fraquejar”<sup>435</sup> clamava Rufino de Ávila, lamentando que os desfiles de sete de setembro não tinham mais a “imponência” do passado. Para ele, era necessário cultivar determinados elementos, “predicados morais, o espírito cívico e religioso de nosso povo”<sup>436</sup> para promover o civismo. A relação entre civismo e religiosidade é enfatizada também na defesa das disciplinas de Religião e Educação Moral e Cívica, entendidas como necessárias para a formação da juventude e a compreensão da civilidade.<sup>437</sup> Em contrapartida, o grande inimigo do civismo é, para os integralistas, o materialismo, pois ele:

[...] dentre muitas sequelas, desencadeia a imoralidade que, por sua vez, abre as fronteiras do País para perniciosas influências externas, fazendo com que o povo perca sua identidade como nação e os maiores ônus dessa desordem recaem sobre a família, que é a cédula principal da própria nação.<sup>438</sup>

O materialismo é tido então como um desintegrador da civilidade e, conseqüentemente, da independência do país:

E é na família que deve ter início a educação cívica, elemento desencadeador de defesa da Pátria. Por tanto, através dos preceitos patrióticos, associados à crença em Deus, podemos criar condições para a preservação de nossa idoneidade como povo, o que se consubstancia em maior capacidade de auto-governarmos e de buscar, com êxito, a tão almejada justiça social.<sup>439</sup>

Os elementos do lema integralista “Deus, pátria e família” estão aí interligados, pois da família alicerçada pela crença católica partiria a defesa da pátria. Percebe-se que fomentar o civismo se investe de uma necessidade para a própria sobrevivência do Brasil como país independente para os integralistas. Disso decorreu um grande investimento dos jornais na propaganda de figuras históricas e elementos patrióticos em artigos e seções especiais.

<sup>433</sup> CATROGA, Fernando. Pátria, nação, nacionalismo. In.: TORGAL, Luís; PIMENTA, Fernando; SOUSA, Julião (coord.). *Comunidades Imaginadas: nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 9-39.

<sup>434</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>435</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. *Nossa Pátria*. A *Voz do Oeste*, Lins, n. 60, p. 2, set., 1995.

<sup>436</sup> ÁVILA, loc. cit.

<sup>437</sup> Idem. *Educação é Vida*. A *Voz do Oeste*, Lins, n. 65, p. 2, mar., 1996.

<sup>438</sup> MEIRELLES, Antônio Carlos de Souza. *Civismo e patriotismo, no combate ao materialismo*. A *Voz do Oeste*, Lins, n. 65, p. 3, mar., 1996.

<sup>439</sup> MEIRELLES, loc. cit.

Próximo ao final do século XX, *A Voz do Oeste* publicou alguns artigos da série que chamou “Vozes da Nossa Terra”. Nota-se no próprio título a ligação entre o local da nação e a ancestralidade que Catroga elabora. Os dois primeiros textos são dedicados aos voluntários de Lins da Revolução de 1932, “embriagados pelo civismo e pela Pátria [...] partiram para a luta, para o sacrifício em prol de um Brasil Livre, Democrata e Justo”<sup>440</sup>, e aos praças da Força Expedicionária Brasileira “soldados paulistas que se sacrificaram pela Liberdade e Democracia em nível nacional”<sup>441</sup>. Ambas traziam foto do monumento ou túmulo de Lins-SP dedicados aos que faleceram nas respectivas situações.

Na edição de setembro, a semana da pátria, “época propícia para manifestações de amor ao nosso país”<sup>442</sup>, foi homenageada, com o hino da Independência e textos sobre Dom Pedro I e Evaristo Ferreira da Silva, autor da letra. Logo abaixo do hino havia uma pequena biografia de cada um, ressaltando sua participação na independência e feitos considerados relevantes. Antônio Gonçalves Dias foi o homenageado seguinte, por ser “um dos mais notáveis representantes da Literatura Brasileira”<sup>443</sup>. A edição de “Vozes da Nossa Terra” mantém o mesmo formato, com uma biografia e um texto da pessoa homenageada, desta vez a *Canção do Exílio*.

Os elementos apresentados nessa seção do jornal *A Voz do Oeste*, vão ao encontro da ideia de incentivar o culto a grandes nomes do passado em prol do civismo e patriotismo. Esta não é uma perspectiva original por parte dos integralistas. Ao longo da ditadura militar de 1964, o civismo foi associado à noção de cultura, destacando elementos que constituem a nação em uma perspectiva otimista sobre a sociedade.<sup>444</sup> O civismo era um elemento essencial para a formação de uma consciência nacional voltada para a proteção do passado. Para Maia, “este passado, compreendido como memória, era considerado o elemento-síntese da tradição nacional – esta, a principal responsável por fornecer os registros da nacionalidade”<sup>445</sup>. A noção de civismo e da necessidade de um culto do passado através do ensino e da cultura durante a ditadura militar se mostra conservada e incorporada pelos militantes integralistas nos seus jornais.

<sup>440</sup> CALÇAS, João Pereira. Aos heróis de 1932. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 102, p. 1, jul., 1999.

<sup>441</sup> Idem. Aos heróis da Força Expedicionária Brasileira. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 103, p. 1, ago., 1999.

<sup>442</sup> Idem. Semana da Pátria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 104, p. 1, set., 1999.

<sup>443</sup> Idem. Antônio Gonçalves Dias. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 105, p. 1, out., 1999.

<sup>444</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. Civismo e cidadania num regime de exceção: as políticas de formação do cidadão na ditadura civil-militar (1964-1985). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n.10, p. 182 -206, jul./dez. 2013.

<sup>445</sup> Ibidem, p. 198-199.

Essa concepção é percebida no periódico durante toda a década de 1990, especialmente em torno da figura de Tiradentes, à qual o jornal dedicou espaço frequentemente. Em 1992, o editor Rufino Levi de Ávila publica uma poesia própria dedicada à Inconfidência Mineira, na qual ele evidencia a associação direta que estabelece entre o culto a “grandes nomes da pátria” e o civismo, título do poema:

Um movimento ardente, apaixonado, nascera em Vila Rica,  
que desejava a Pátria libertar do jugo português...  
Eram os impostos, era a derrama... e o ardor se intensifica  
De um patriotismo lúcido e prenhe d’altivez.

Tiradentes, impávido, altaneiro, consegue a união;  
Concita os companheiros para a luta intrépida e pura:  
Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antonio Gonzaga e, então,  
Também um padre se congrega, com vontade, na aventura.

Mas, havia um traidor Joaquim Silvério dos Reis,  
Que delatou os companheiros, a troco da ambição,  
Assim os entregando às agruras da prisão...

E o chefe, Tiradentes, assume toda a responsabilidade,  
É condenado ao patíbulo horrendo, enforcado a 21 de Abril.  
Seu sangue fez brotar a Independência do Brasil!<sup>446</sup>

A Inconfidência é retratada como uma luta pura, justa, pela libertação do Brasil, capaz de incitar paixão pela pátria. O poema enfatiza a figura de Tiradentes como chefe e congregador, martirizado. Nota-se a narrativa mítica que o autor estabelece, de um líder libertador que é traído e sofre a punição pelo povo. Raoul Girardet atenta para o caráter estrutural dos mitos, que se apresentam repetidas vezes com características semelhantes<sup>447</sup>.

Neste poema há uma confluência religiosa, em que a trajetória de Tiradentes na Inconfidência é apresentada com elementos facilmente associáveis a Jesus, o líder libertador, traído por um companheiro, entregue às autoridades injustas para morrer. Essa perspectiva é, na verdade, bem anterior ao integralismo. Desde o livro *Brasil Pitoresco* (1859) de Charles Ribeyrolles, a figura de Tiradentes já é representada como um herói cívico,<sup>448</sup> mas fez parte de uma série de controvérsias. Logo em 1873, Joaquim Norberto de Souza Silva publica a *História da Conjuração Mineira*, apresentando um Tiradentes que se haveria inclinado ao lado religioso durante o cárcere, transformando o herói cívico numa figura beatífica em contraposição com a imagem de rebelde republicano.<sup>449</sup> As associações com Cristo que se seguiram, especialmente

<sup>446</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. *Civismo. A Voz do Oeste*, Lins, n. 22, p. 2, abr., 1992.

<sup>447</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>448</sup> CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>449</sup> *Ibidem*.



nas artes, transformaram a imagem de Tiradentes em um “Cristo cívico”.<sup>450</sup> Em outro texto Arcy Estrella elabora relação semelhante, imbuindo Tiradentes de uma mística religiosa, ao descrever que “na hora do seu sacrifício, o Mártir da Independência, ajoelha-se, beija as mãos e os pés do carrasco em sinal de humildade cristã”<sup>451</sup>.

Arcy considera que a falta de conhecimento do povo sobre a Inconfidência “é lamentável. Um dos mais belos capítulos da História do Brasil, ignorado por seu povo. Nota 0”<sup>452</sup>. Demonstra a mesma preocupação de *A Voz do Oeste* em promover o culto a figuras históricas, ainda que esse movimento seja nitidamente mais incisivo no segundo. Rufino de Ávila lista diversas figuras, de Manoel de Nóbrega a Farias Brito, que considera “monumentos espirituais do civismo de que tanto precisamos sobretudo nas horas amargas por que tanto passamos. Que Deus nos inspire e nos torne seus continuadores”<sup>453</sup>.

O editor dedicou espaço para biografias por diversas vezes, como as do Marechal Rondon ‘maior explorador em terras tropicais’<sup>454</sup>, Alberto Torres que escreveu “obras de alto valor nacional e internacional”<sup>455</sup>, Teófilo Benedito Ottoni “conhecido como Senador do Povo”<sup>456</sup>, Jackson de Figueiredo “temível polemista, um talento de escritor, um êmulo brasileiro de Luiz Veuliot”<sup>457</sup>, Guilherme de Almeida ‘Príncipe dos Poetas Brasileiros’<sup>458</sup> e Rui Barbosa “legítimo representante da cultura nacional”<sup>459</sup>.

O jornal *Renovação Nacional* também dedicou espaço a figuras históricas, mas estas restringiam-se a personagens vinculados ao exército. No artigo “Querem Destruir as Forças Armadas do Brasil”<sup>460</sup>, Jader Medeiros discorre sobre as intenções estrangeiras de enfraquecer as forças armadas brasileiras, mas estas seriam fortalecidas no integralismo. Abaixo do artigo estavam os bustos de Duque de Caxias, General Osório e do Marquês de Tamandaré, mas em momento algum do artigo eles foram mencionados. Aparecem apenas ilustrando o artigo como culto a figuras históricas militares.

<sup>450</sup> CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 67.

<sup>451</sup> ESTRELLA, Arcy. Tiradentes o símbolo da pátria. *Alerta*, São Gonçalo, n. 18, p. 3, jun., 1997.

<sup>452</sup> ESTRELLA, loc. cit.

<sup>453</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. Brasilidade com ação. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 30, p. 2, dez., 1992.

<sup>454</sup> MARECHAL Rondon. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 67, p. 4, maio, 1996.

<sup>455</sup> ALBERTO Torres. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 62, p. 1, nov., 1995.

<sup>456</sup> BIOGRAFIA. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 62, p. 1, nov., 1995.

<sup>457</sup> JACKSON de Figueiredo. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 51, p. 2, nov., 1994.

<sup>458</sup> FERREIRA, Zoroastro de Paiva. O Poeta de Campinas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 91, p. 3, jul., 1998.

<sup>459</sup> DIA da cultura: 5 de novembro. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 29, p. 3, nov., 1992.

<sup>460</sup> MEDEIROS, Jader. Querem Destruir as Forças Armadas do Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 3, jan./mar., 1990.

Em virtude das homenagens às forças armadas realizada pelos integralistas em 25 de agosto de 1993, *Renovação Nacional* publica o artigo “Brasil, Pátria de Heróis”<sup>461</sup>, dedicado especialmente a Duque de Caxias e Dom Pedro I. O autor do artigo rogava para que não esquecessem, para “seguir com entusiasmo o exemplo de nossos antepassados e estimular a união de todos pelo bem do Brasil, para que possamos deixar para os que nos sucederem, uma Pátria digna e respeitada por todos”<sup>462</sup>.

Eddy Montes exaltou as qualidades da personalidade de Duque de Caxias “entusiasmo, seriedade, honestidade e patriotismo”<sup>463</sup> e sua habilidade em liderança. Mas sobre Dom Pedro I ressaltou apenas a proclamação da Independência. As qualidades e eventos escolhidos demonstram a intenção de formação de um modelo a ser seguido, um ideal patriótico do passado para inspirar a juventude.

Os sentimentos patrióticos foram utilizados como forma de mobilização e comoção, clamando aos companheiros “se ainda sentem arder no íntimo de seus corações a chama de amor pela pátria”<sup>464</sup>. Apelando ao amor patriótico e ao orgulho pelos símbolos nacionais; o afeto é, entretanto, maximizado e atribuído de valor. O amor do patriota tem que ser o “verdadeiro”, que apela a uma entrega pessoal pelo coletivo:

BRASILEIRO, tu que amas verdadeiramente a Pátria; tu que valorizas nossa bandeira e canta com orgulho o Hino Nacional; tu que acreditas em uma nação forte e soberana, à altura de nosso passado histórico e nossas tradições; [...] JUNTE-SE A NÓS E PROVE QUE UM BRASILEIRO NÃO FOGE À LUTA!!!<sup>465</sup>

Ao mesmo tempo, o integralismo é apresentado como o congregador desses sentimentos, ser integralista é automaticamente ser patriótico e, da mesma forma, ser verdadeiramente patriótico é ser integralista. Para os militantes, o movimento é a expressão do patriotismo, ao ponto de personificá-lo, “somos a Consciência da Nacionalidade”<sup>466</sup>, afirmam. O patriotismo e a própria noção de pátria são compreendidos de forma difusa entre os militantes, ainda que mantenham uma convergência, especialmente na ideia de uma pátria vinculada ao local e a uma herança ancestral.

Essas disparidades e confluências podem ser observadas no artigo de Cotrin Neto, que afirma que “concebemos a Pátria como um sentimento, todavia demonstrada da coletividade,

---

<sup>461</sup> MONTES, Eddy. Brasil, Pátria de Heróis. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 2, jul./set., 1993.

<sup>462</sup> MONTES, loc. cit.

<sup>463</sup> MONTES, loc. cit.

<sup>464</sup> ASSUMPÇÃO, Adyr Correa. Alvorada da Pátria. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 2, nov./dez., 1991.

<sup>465</sup> CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS. Aos civis e militares do Brasil. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 3, out., 1999.

<sup>466</sup> COTRIN NETO, A. B. A consciência da nacionalidade. *Alerta*, São Gonçalo, n. 25, p. 1, jan., 1998.

expressas nas aspirações de uma grande família histórica”<sup>467</sup>, e cita o Manifesto de Outubro de 1932 para endossar sua perspectiva: “O nacionalismo, –para nós, os integralistas, não é apenas o culto da Bandeira e o hino Nacional, é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das aspirações da pátria e do valor da raça”.

O mesmo trecho é adaptado pela Juventude Nacionalista Brasileira “o nacionalismo para nós não é só apenas o culto da Bandeira e do hino nacional em época de Copa do Mundo, é a profunda consciência das necessidades da Pátria e de valor de um povo”<sup>468</sup>. Os dois artigos foram publicados no boletim *Alerta*, o primeiro em janeiro e o segundo em setembro de 1998, poucos meses após a derrota do Brasil na final da Copa do Mundo para a França. A JNB suprimiu as palavras “caráter” e “aspirações”, mantendo somente “necessidades da pátria” sugerindo uma visão mais prática e menos “espiritual” do patriotismo. Nota-se também a substituição do termo “raça” por “povo”.

O Manifesto de Outubro não faz uma distinção muito clara entre raça e povo, mas há um esforço de pregar pela harmonização e homogeneização em consonância com o mito das “três raças”, a formação de uma “raça brasileira” e uma diferenciação desta raça ou do povo brasileiro com os povos ou raças estrangeiras.<sup>469</sup> Em *A Quarta Humanidade*, Plínio Salgado elabora sua concepção sobre a “raça brasileira” da mesma forma: “nós somos um povo que começou a existir desde a morte de todos os preconceitos, quando as três raças se fundiram, irmanadas, no exército selvagem de negros, de índios e de brancos”<sup>470</sup>.

Essa perspectiva se evidencia em alguns artigos nos anos 1990 dos quais destaca-se o de Zoroastro Ferreira<sup>471</sup>, onde afirma que não existe racismo no Brasil pois o povo estaria em um estágio avançado de miscigenação, sugerindo inclusive a dispensabilidade da Lei Afonso Arinos<sup>472</sup>. Todavia, permanece a dúvida sobre a troca de termos feita pela Juventude Nacionalista Brasileira, se por um uso como sinônimos ou substituição intencional em rejeição ao conceito.

Da mesma forma que Márcia Carneiro atenta ao fato que a década de 1930 é o referencial primordial aos militantes recentes, mas que é suscetível de interpretações em função

<sup>467</sup> COTRIN NETO, A. B. A consciência da nacionalidade. *Alerta*, São Gonçalo, n. 25, p. 1, jan., 1998.

<sup>468</sup> JUVENTUDE NACIONALISTA BRASILEIRA. Marcha Nacional. *Alerta*, São Gonçalo, n. 33, p. 3, set., 1998.

<sup>469</sup> MANIFESTO de Outubro de 1932. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 3-5, jan./mar., 1995.

<sup>470</sup> SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 138.

<sup>471</sup> FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Preconceitos de raça e de cor. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 52, p. 3, dez., 1994.

<sup>472</sup> A Lei Nº 1.390, de 3 de julho de 1951 estipula como crime a prática de preconceitos de raça ou de cor.

do contexto temporal dos novos militantes,<sup>473</sup> parece ser este o caso da Juventude Nacionalista Brasileira. A alusão à Copa do Mundo já demonstra essa relação com os acontecimentos contemporâneos para interpretar a doutrina integralista. Isso funciona também de forma a criar um vínculo com o leitor que venha a se identificar com o protesto do grupo, relacionando a doutrina com elementos atuais.

O patriotismo também foi tratado com frequência contra o “estrangeiro” ou o “internacional”. Rufino de Ávila critica o que chama de “partidos com ligações internacionais”<sup>474</sup>, evocando a constituição para cobrar a extinção desses partidos. Afirma que é necessário uma “Ação Patriótica”, que se realizaria com a Ação Integralista Brasileira pois “os inimigos estão aqui dentro e daqui a pouco poderão abafar nossa voz, impedindo a construção de um Brasil Novo”<sup>475</sup>.

Por diversas vezes, o estrangeiro ou o internacional foram representados como inimigos da pátria, especialmente quando se tratou de uma possível ocupação estrangeira da Amazônia. O jornal *Renovação Nacional* publicou uma série de artigos sobre o tema<sup>476</sup> em que afirmavam: “Não nos iludamos. Essas chamadas grandes potências estão preparando o golpe sorrateiramente para desfecha-lo na Rio-92. Entretanto temos a mais absoluta certeza de que eles encontrarão a maior resistência da parte dos verdadeiros patriotas”<sup>477</sup>. A exaltação às forças armadas, recorrente em *Renovação Nacional*, se mostra também neste tema:

[...] o Exército Nacional, cujos oficiais e praças são preparados dentro de um espírito de elevado grau de patriotismo e têm visão bem realística de nossos problemas, implantou o projeto “Calha Norte”, que visa consolidar nossa ocupação ao longo de fronteiras até então praticamente desabitadas.<sup>478</sup>

Aos integralistas recaía o papel de advertir sobre esse perigo, ao que afirmavam, “nós, integralistas, devemos voltar a alertar a Nação para esta torpe manobra do imperialismo internacional”<sup>479</sup>.

<sup>473</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo-a construção de memórias integralistas*. Tese (Doutorado em História). 415 f. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2007.

<sup>474</sup> ÁVILA, Rufino Levi de. A Liberdade Ameaçada... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 7, jan./mar., 1990.

<sup>475</sup> ÁVILA, loc. cit.

<sup>476</sup> MEDEIROS, Jader. Os Militares Defendem a Amazônia: Ocupar Para Não Entregar. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 1, jul./ago. 1991; Idem. Amazônia: Forças Armadas Intransigentes na Defesa da Soberania Nacional. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 1, set./out. 1991; AMAZÔNIA: Domínio Insidioso. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 1, nov./dez. 1991; MEDEIROS, Jader. Internacionalizar a Amazônia? Nunca! *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, jan./mar. 1992.

<sup>477</sup> Idem. Internacionalizar a Amazônia?... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 3, jan./mar., 1992.

<sup>478</sup> Idem. Os Militares Defendem a Amazônia: Ocupar Para Não Entregar. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 1, jul./ago. 1991.

<sup>479</sup> MEDEIROS, loc. cit.

Connerton afirma que para que um grupo ou uma sociedade constitua uma memória que ultrapasse a vida de um indivíduo é preciso que os membros mais antigos passem as informações e a história desse grupo aos mais novos.<sup>480</sup> É essencialmente o que constitui a transferência de memória no integralismo, vê-se antigos militantes encabeçando ações em prol de um resguardo da memória. Não apenas do integralismo, mas de uma história nacional em consonância com o projeto do movimento, valorizando figuras históricas e datas cívicas.

O patriotismo e o culto do civismo aparecem como respostas possíveis à crise denunciada pelos militantes. Incentivar o amor à pátria, o conhecimento da história e de personagens nacionais, aparece como uma forma de luta e tentativa de aproximação da sociedade ao integralismo. O patriotismo na perspectiva dos militantes poderia salvar o Brasil dos nocivos estrangeirismos, da influência de nações estrangeiras, fortalecendo a própria essência da nação. A associação de um “verdadeiro” patriotismo com o integralismo atribui um valor positivo ao movimento e mais facilmente relacionável com os leitores que ainda não fazem parte da militância.

A religiosidade aparece, também, como elemento identitário do integralismo reivindicado pelos militantes, é aclamada como característica essencial da nação. Novamente a identificação direta de elementos do integralismo como o Manifesto de Outubro com elementos católicos como a Bíblia, aproxima o movimento do catolicismo, buscando uma associação que facilite a identificação por parte dos leitores. Associada ao civismo, a religiosidade aparece como um componente da essência nacional que deve ser também cultivado.

Márcia Carneiro, ao analisar os grupos mais recentes do integralismo, formados a partir dos anos 2000, afirma que as pequenas reuniões que eles realizam seguem as normas e práticas da década de 1930.<sup>481</sup> Entretanto, apesar do esforço dos militantes nos anos 1990 em demonstrar seguir essa prática, observa-se que ela não foi seguida à risca. Pelo menos nas reuniões descritas e registradas em fotografias publicadas nos jornais, não há a execução completa dos *Protocollos*. A autora atenta que somente alguns grupos mantêm a prática de cantar apenas a primeira parte do hino nacional, questão que se observa também nos anos 1990 e que corrobora com o uso parcial dos *Protocollos*.

A manutenção de rituais e datas comemorativas aproxima os novos militantes da história e da trajetória do movimento e responde ao ressentimento que os integralistas carregam sobre

---

<sup>480</sup> CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993.

<sup>481</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo-a construção de memórias integralistas*. Tese (Doutorado em História). 415 f. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2007.

a situação em que o movimento se encontrava, com reduzido espaço de atuação e contingente, com poucas chances de concretizar o sonho do Estado Integral. A realização desses rituais é uma forma de atestar uma continuidade e sobrevivência, ainda que existam diferenças na execução conforme o grupo que performatiza e desgastes na aplicação dos *Protocollos* como eram na década de 1930.

## 6 CONCLUSÃO

Os anos 1990 começaram com a posse do primeiro presidente eleito por voto direto desde Jânio Quadros em 1961. Quase trinta anos separavam as duas eleições e a nova etapa da política brasileira entusiasmava inclusive os militantes integralistas, que teciam comparações positivas entre Fernando Collor de Mello e Plínio Salgado. Ainda que o espaço de atuação do integralismo fosse muito mais reduzido se comparado com os anos 1930, ou mesmo com o período do PRP, a redemocratização abria oportunidades para ideias variadas, inclusive para a busca por um formato diferente de democracia.

Apesar dessa animação inicial, ao longo de todo o período foi desenvolvido um discurso sobre a crise que estaria abatendo a nação. Seja moral, política ou econômica, a situação era sempre apresentada como um contínuo estado de crise que nunca se resolvia, como uma decadência constante que nunca atingia um ponto de ruptura. A crise assumiu uma forma abstrata e generalizada, mas endossava a ideia de uma sociedade harmoniosa que só não se concretizava em virtude da crise que ela vivia. A solução apresentada por eles, entretanto, é específica: o integralismo. O movimento aparece como resposta pois seria o único que genuinamente estaria imbuído das características nacionais e seria capaz de mobilizá-las. Os militantes conceberam uma nação idealizada, elaborando uma pretensa essência nacional com a qual o integralismo estaria em perfeita sintonia.

Existiram aqueles que, para os militantes, não estavam integrados com a essência nacional, conseqüentemente com o integralismo. Havia um discurso antagonista que colocava em conflito duas identidades: a dos bons brasileiros, verdadeiros patriotas interessados pelos rumos da nação, que reconheciam o integralismo como modelo ideal; e os maus brasileiros, os que não se importavam com a política ou com o Brasil e os que não concordavam com as ideias integralistas. Estes últimos eram depreciados em sua capacidade de pensar politicamente e tinham sua nacionalidade rejeitada pelos militantes.

O problema da crise moral na sociedade é apresentado como causa e consequência da crise geral, onde a dissolução dos bons costumes causaria todo o tipo de mal. Os programas de televisão foram frequentemente culpados pela degradação moral que precisava ser combatida com uma regeneração da sociedade. A definição do que é moral ou imoral estaria nas mãos dos bons brasileiros, os integralistas, que seriam novamente a solução para esta crise. A questão da moralidade apresentada pelos integralistas nos anos 1990 é, entretanto, uma reclamação atrasada, a sociedade caminhava para mais liberdades enquanto eles pregavam mais controle sobre os costumes. Justificavam ser necessário defender a família brasileira da imoralidade que

estaria tomando conta do país, mas nem o Brasil estava virando Sodoma e Gomorra nos anos 1990, nem esteve depois, mesmo sem a “solução” integralista. Entretanto, a exacerbação dos problemas pedia abordagens transformadoras e que tivessem respaldo na sociedade.

Neste sentido a elevação moral estava também fortemente vinculada ao catolicismo, tido como elemento essencial da nação pelos militantes. A pregação de uma maior espiritualização da sociedade caminhava ao lado da invocação pelos integralistas de serem o movimento realmente católico capaz de falar à sociedade. A nação é incluída numa temporalidade religiosa que explicaria a crise e os problemas nacionais através da luta imemorial do bem contra o mal.

A identidade integralista nos anos 1990 está voltada para o passado do movimento, especificamente para o período de auge da AIB nos anos 1930, elaborando uma perspectiva mais positiva da história do movimento, vinculada a um cerne brasileiro fundado no catolicismo e à defesa da nação frente a uma crise que nunca desvanece. A imagem de Plínio como chefe salvador e líder idealizador do integralismo se mistura com a própria imagem do movimento. Criador e criatura são apontados como a solução de todos os problemas do país.

O olhar para o passado estava presente também entre os novos militantes que tentavam se afirmar dentro do movimento entre os integralistas mais velhos. Ainda que estes tenham buscado apresentar a juventude como um elemento constituinte da identidade do integralismo, a relação entre os novos militantes e os mais velhos não foi ausente de conflitos. Embora os antigos clamassem que somente a juventude poderia tocar o integralismo adiante, os novos precisavam lutar para estabelecer sua posição dentro do movimento em igualdade aos integrantes mais antigos.

Mesmo que os militantes se esforçaram para apresentar o integralismo como uma opção natural para o Brasil, o movimento não teve sucesso na sua trajetória, assim essa história precisava ser revisitada a partir de uma perspectiva mais positiva pelos integralistas. Ela é apresentada de forma ordenada na história política brasileira como consequência das revoluções de 1930 e 1932, contra a primeira e como continuação da segunda. Tal contexto político servia aos militantes nesse trabalho de ordenamento da memória, ancorando as datas relevantes do movimento em episódios da história nacional.

O fechamento da AIB é narrado como resultado da sua grande influência na sociedade, o que seria um problema para o poder instituído na época. O mesmo se dá sobre a intentona de 1938, da qual é rememorado mais fortemente o “ato heroico” dos integralistas que teriam tentado derrubar um governo antidemocrático, diminuindo o fato de que o ataque ao Palácio Guanabara foi um fracasso. Ou ainda enfatizando o papel do pernicioso inimigo na derrota, eximindo o movimento de qualquer culpa pelo seu insucesso.



Toma destaque o ressentimento dos integralistas sobre os que lhe causaram danos no passado e sobre o conhecimento formal produzido sobre o movimento, afirmando o caráter fascista deste. Os militantes se esforçavam em contradizer essas afirmações, mas estavam em posição de impotência sobre isso, o que exacerbava suas manifestações de ressentimento. Apelaram com frequência ao que consideram a “verdadeira” história do integralismo, que eles estariam “revelando” frente às “mentiras” contadas sobre eles.

O ressentimento integralista é expresso também sobre uma série de características do mundo moderno que parecem insuportáveis aos militantes. Aproximam-se assim de uma visão romântica, identificando na sociedade capitalista um mal a ser combatido em nome de valores do passado. A perspectiva se liga à denúncia da crise moral, pois a sociedade viveria uma crise de valores engendrada pela modernidade. Novamente, o integralismo aparece como resposta a esses males, numa perspectiva de regeneração desta sociedade doente.

A falta de um líder que contornasse as disputas entre os militantes é sentida pelos integralistas, que depositam na memória do movimento os elementos de integração, continuidade e coerência, ainda que essa memória seja objeto de disputa entre eles em diversos momentos. Houve desentendimentos entre os militantes, desde questões como o apoio a Enéas Carneiro, mas é a problemática da relação entre o movimento e o fascismo que aparece em destaque. Talvez pela ainda recente polêmica envolvendo as ações de Anésio de Lara Campos Jr, manifestações sobre o antissemitismo por parte dos integralistas foram muito pouco aparentes nos jornais durante os anos 1990. Mesmo quando tratam sobre Gustavo Barroso e sua crítica ao capitalismo internacional, o fazem sem referência aos judeus ou ao sionismo, mas de forma geral sobre “a burguesia” ou outros agentes.

A associação com o fascismo é provavelmente o maior inibidor da manutenção da simbologia e ritualística integralista. Não há defesa escrita da saudação Anauê enquanto ritualística corporal, embora ainda se apegassem à palavra. Ela aparece em cartas e artigos publicados nos jornais e em poucas ocasiões como gesto físico em cerimônias. Todavia, os ritos ainda estão presentes e funcionaram como elo entre o passado e o presente do movimento. Ainda que muitas práticas rituais estejam presentes nos anos 1990, elas funcionavam como uma reivindicação ao passado. Por isso a frequente e insistente atribuição de cumprimento aos *Protocollos e Rituais* da antiga AIB.

A formação de um núcleo integralista aparece como um elemento mais central que a adesão de um indivíduo no movimento. O enfoque está na constituição do local como propagador das ideias integralistas e resgate do passado do movimento, simbolizado pelo crescimento dos núcleos da década de 1930.

As datas marcantes do período da AIB, o lançamento do Manifesto em 1932 e a intentona em 1938 são particularmente comemoradas, esta última inclusive se sobrepondo a qualquer comemoração ou manifestação a favor de outros mártires. Ter manifestado oposição ao governo Vargas parece ter um papel mais preponderante nesse sentido. As práticas rituais realizadas pelos integralistas nos anos 1990 tomaram um caráter de transmissão de informação, seja simbolicamente clamando por uma continuidade com as determinações dos *Protocollos*, ou por uma ênfase na reprovação ao Estado Novo. Quanto aos símbolos integralistas como a camisa verde e o sigma, parecem ter ficado mais no discurso do que no uso dos militantes. O Manifesto de Outubro, a intentona de 1938 e mesmo a fundação de um núcleo, parecem ter tomado mais este espaço como símbolos a serem cultuados nos anos 1990.

O patriotismo aparece fortemente vinculado a uma herança imemorial dos antepassados e ao território da nação. A insistência no culto a figuras históricas faz sentido nessa perspectiva. Os militantes acreditavam que uma valorização da história e personagens importantes na política brasileira, dentre os quais a figura de Tiradentes foi muito explorada, traria uma evolução na sociedade que levaria ao integralismo. Era preciso, para eles, elevar a sociedade político e culturalmente, para que ela naturalmente aceitasse o integralismo. O culto ao civismo e ao patriotismo é apresentado também como uma necessidade para defender o Brasil dos interesses estrangeiros.

A grande quantidade de colaboradores envolvidos com os jornais insinuava que o integralismo era maior nos anos 1990 do que se imaginava. Mesmo que essas pessoas tivessem alguma relação com o jornal mas não comungassem os ideais integralistas, é difícil acreditar que não soubessem do que se tratava. Eram, pois, jornais sem recursos financeiros, que se mantiveram com contribuições de ações e divulgações espontâneas, além das doações em dinheiro. A exceção é *A Voz do Oeste*, que realizava a venda dos exemplares, de assinaturas e anúncios, mas ainda assim contava com doações e ações de colaboradores como os outros jornais.

Para os integralistas, os anos 1990 foram um período de transição entre a morte do chefe e os novos grupos que se formam no século XXI. O final desta década marca o declínio e o fim do protagonismo da mídia impressa gerida pelos velhos militantes e a ascensão dos sites e da internet como forma de divulgação e doutrinação de novos integralistas.

Os anos 2000 ainda iriam assistir outras tentativas integralistas, como o Movimento Integralista Brasileiro. A sigla foi decidida no 1º Congresso Integralista para o século XXI, entretanto, ela já pertencia a Anésio de Lara Campos Jr, que havia registrado o MIB por volta

de 1983.<sup>482</sup> Em decorrência das disputas dos integralistas do fim do século XX, expostas pelo fracasso do MIB, a entrada no novo milênio foi marcada pela ruptura dos integralistas em três grupos distintos: a Frente Integralista Brasileira (FIB); o Movimento Integralista Linearista do Brasil (MIL-B); e a Ação Integralista Revolucionária (AIR).

Esta pesquisa começou com intenções de investigar a permanência das ideias integralistas, que causam tanto espanto pela longevidade que adquiriram, em um período ainda pouco explorado, os anos 1990. Gostaria poder dizer que os anseios integralistas continuam sendo apenas sonhos dos militantes. Entretanto, a ascensão de ideias e propostas conservadoras nos últimos anos, incluindo a recente pauta nacionalista e de moralização dos costumes indica que, em algum aspecto, não necessariamente de forma intencional, houve uma convergência com os interesses integralistas. O trio “Deus, pátria e família” aparenta ecoar com mais força atualmente, ainda que não associado diretamente ao integralismo. De qualquer forma, essa aproximação não parece colocar o integralismo mais próximo do sonhado Estado Integral ou de algum outro alimento doutrinário do que esteve nos anos 1990.

Pelo menos assim esperamos.

---

<sup>482</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo-a construção de memórias integralistas*. Tese (Doutorado em História). 415 f. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2007.

## FONTES

- ABREU, Florêncio de. [O máximo (vermelho)...] *Alerta*, São Gonçalo, n. 37, p. 2, jul., 1999.
- ABREU, Florêncio de. [Viva o partido...] *Alerta*, São Gonçalo, n. 38, p. 3, ago., 1999.
- AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituaes*. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937.
- A CONCENTRAÇÃO Evangélica na Cinelândia. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 1, abr./jun. 1992.
- ALBERTO Torres. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 62, p. 1, nov., 1995.
- AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Carta de Rufino Levi Ávila para Osmar Pedrollo, 30 set. 1997.
- AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Estatutos da Ação da Juventude Integralista, 03 jan. 1990.
- AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Manifesto da Juventude Integralista, 1991.
- AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Diversos. Neo-Integralismo. Correspondências. Nota de Esclarecimento, 3 mar. 1992.
- ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 17, p. 2, maio, 1997.
- ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 19, p. 2, jul, 1997.
- ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 21, p. 2, set., 1997.
- ALERTA. São Gonçalo: Centro Cultural Plínio Salgado, n. 37, p. 3, jul. 1999.
- ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. Por Que Não o Integralismo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 3, out./dez. 1992.
- ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. Por Que Não o Integralismo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 3, jan/mar. 1993.
- ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. A Grande Oportunidade Para a Criação da Câmara Orgânica. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, RJ, n. 90 (especial), p. 4, jan./mar., 1993.
- ALMEIDA, Sebastião Cavalcante de. Por Que Não o Integralismo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 3, abr./jun. 1993.
- ALVES, Murilo Cezar luiz. [Pretendo organizar um...] *Alerta*, São Gonçalo, n. 27, p. 4, mar., 1998.

AMAZÔNIA: Domínio Insidioso. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 1, nov./dez. 1991

AMORIM, Vantuil M. Os Males de Uma Nação Resultam da Sua Apostasia de Deus. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 2, jul./ago. 1991.

AMORIM, Vantuil. A Rio-92 pode ter êxito desfavorável. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 2, jan./mar. 1992.

AS HOMENAGENS do manifesto de 7 de outubro de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 31-32, p. 9, jul./ago. 1998.

ASSOC. Cívico-Cultural Minuano. *A Voz do Oeste*. Lins, n. 79, p. 4, jun. 1997.

ASSUMPCÃO, Adyr Correa. Alvorada da Pátria. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 2, nov./dez., 1991.

ÁVILA, Rufino Levi de. A Liberdade Ameaçada... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 7, jan./mar., 1990.

ÁVILA, Rufino Levi de. Um Grande Ideal. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 2, set./out. 1991.

ÁVILA, Rufino. Pelo Bem do Brasil! *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 4, nov./dez. 1991.

ÁVILA, Rufino Levi de. Clarinadas de uma nova revolução. *Renovação Nacional*. Rio de Janeiro, n. 86, p. 3, jan./mar., 1992.

ÁVILA, Rufino Levi de. Civismo. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 22, p. 2, abr., 1992.

ÁVILA, Rufino Levi de. Dois anos de lutas... *A Voz do Oeste*, Lins, n. 24, p. 2, jun., 1992.

ÁVILA, Rufino Levi de. Brasilidade com ação. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 30, p. 2, dez., 1992.

ÁVILA, Rufino Levi de. Páscoa, a Maior Festa Cristã dos Tempos! Cristo Ressuscitou, Aleluia! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 33, p. 7, abr. 1993.

ÁVILA, Rufino Levi de. Em vez de reformar, transformar. *A voz do Oeste*, Lins, n. 44, p. 2, abr. 1994.

ÁVILA, Rufino Levi de. Nossa Pátria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 60, p. 2, set., 1995.

ÁVILA, Rufino Levi de. A verdadeira revolução. *Alerta*, São Gonçalo, n. 14, p. 3, fev., 1996.

ÁVILA, Rufino Levi de. Educação é Vida. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 65, p. 2, mar., 1996.

ÁVILA, Rufino Levi de. Mobilização da Juventude. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 68, p. 2, jun. 1996.

ÁVILA, Rufino Levi de. A fumaça de Satanás. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 71, p. 2, set. 1996.

ÁVILA, Rufino Levi de. Renovar para viver. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 76, p. 2, mar. 1997.

ÁVILA, Rufino Levi de. “Sei em que coloquei a minha fé”. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 94, p. 2, out. 1998.

ÁVILA, Rufino Levi. Editorial: Não podemos deixar de falar. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 103, p. 2, ago., 1999.

ÁVILA, Rufino Levi. Uma carta de “A VOZ DO OESTE”. *Alerta*, São Gonçalo, n. 42, p. 2, dez, 1999.

ÁVILA, Rufino Levi de. *Memórias de um ex-seminarista*. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2011.

A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda. n. 33, p. 1, abr., 1993.

A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda., n. 50, p. 1, out., 1994.

A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda, n. 53, p. 4, jan./fev., 1995.

A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda., n. 81, p. 1, ago., 1997.

A VOZ do Oeste, Lins: Empresa Jornalística Correio de Lins Ltda., n. 94, p. 1, out., 1998.

BARRETO, Nilo Jr., [É fundamental que...]. *Alerta*, São Gonçalo, n. 34, p. 2, nov. 1998.

BARROS, Fernando. Erundina proíbe emblema nazista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 maio 1992, terceiro caderno, p. 1. Disponível em:  
<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11701&anchor=4835364&origem=busca>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BIOGRAFIA. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 62, p. 1, nov., 1995.

BRASILISMO: E a Palavra Nova dos Tempos Novos. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 4, abr./jun., 1992.

CALÇAS, João Pereira. Aos heróis de 1932. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 102, p. 1, jul., 1999.

CALÇAS, João Pereira. Aos heróis da Força Expedicionária Brasileira. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 103, p. 1, ago., 1999.

CALÇAS, João Pereira. Semana da Pátria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 104, p. 1, set., 1999.

CALÇAS, João Pereira. Antônio Gonçalves Dias. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 105, p. 1, out., 1999.

CÂMARAS Setoriais? Por Que Não a Câmara Orgânica? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 2, nov./dez. 1991.

CAVALCANTE, Juraci J. Imoralidade e violência a domicilio. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 34, p. 5, maio 1993.

CAVALCANTE, Sérgio de Vasconcellos. Convergência Nacional, *A Voz do Oeste*, Lins, n. 29, p. 3, nov. 1992.

CELEBRANDO Deus Com o Planeta Terra. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, jan./mar. 1992.

CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS. Aos civis e militares do Brasil. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 3, out., 1999.

CEZAR, Murilo. Sociedade doente. *Alerta*, São Gonçalo, n. 33, p. 1, set. 1998.

CHAVES, Paulo Henrique. TV, uma escola de “analfabetismo funcional”. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 102, p. 3, jul. 1999.

CONVENÇÃO Prorroga Mandato da Chefia Nacional da AIB. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 8, jan./mar., 1990.

CORSATTO, Olavo Nery. O Caos Nacional e os Partidos. *Renovação Nacional em Brasília. Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 4, jan./mar., 1990.

COTRIN NETO, A. B. A consciência da nacionalidade. *Alerta*, São Gonçalo, n. 25, p. 1, jan., 1998.

CULTURA da transgressão: fruto do neopaganismo atual. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 104, p. 3, set. 1999.

DANIEL. Ídolos diabólicos crescem assustadoramente na Bahia. *A Voz do Oeste*, Lins, n.26, p. 6, ago. 1992.

DIA da cultura: 5 de novembro. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 29, p. 3, nov., 1992.

DOIS centenários que marcam a vida cristã. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 52, p. 7, dez., 1994.

EMENDA popular pede limites para TV. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 42, p. 1, jan. 1994.

ENTREVISTA com o presidente do C.E.D.I. *Alerta*, São Gonçalo, n. 40, p. 4, out, 1999.

EPISÓDIOS pós-Estado Novo. *A Voz do Oeste*, Lins, n.78, p. 3, out., 1997.

ERRADICAR a miséria. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 72, p. 1, out. 1996.

ESPERANTO. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 98, p. 4, mar., 1999.

ESPERANTO, língua do futuro?. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 67, p. 2, maio, 1996.

ESTRELLA, Arcy. Somos pela vida. *Alerta*, São Gonçalo, n. 10, p. 1, out., 1996.

ESTRELLA, Arcy. Tiradentes o símbolo da pátria. *Alerta*, São Gonçalo, n. 18, p. 3, jun., 1997.

ESTRELLA, Arcy. Recomeçar de novo. *Alerta*, São Gonçalo, n. 19, p. 1, jul. 1997.

ESTRELLA, Arcy. Juventude integralista. *Alerta*, São Gonçalo, n. 22, p. 1, out. 1997.

ESTRELLA, Arcy. A democracia verdadeira. *Alerta*, São Gonçalo, n. 27, p. 1, mar. 1998.

ESTRELLA, Arcy lopes. O manifesto de outubro. *Alerta*, São Gonçalo, n. 41, p. 1, out., 1999.

FALECIMENTO de líder integralista. *A Voz do Oeste*. Lins, n. 43, p. 3, mar. 1994.

FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Preconceitos de raça e de cor. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 52, p. 3, dez, 1994.

FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Perplexidades da vida moderna. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 82, p. 3, set. 1997.

FERREIRA, Zoroastro de Paiva. Reminiscências folclóricas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 90, p. 3, jun. 1998.

FERREIRA, Zoroastro de Paiva. O Poeta de Campinas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 91, p. 3, jul., 1998.

FIGUEIREDO, Cezarino D. Separação de casal, um mal necessário. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 31, p. 2, jan./fev. 1992.

FIGUEIREDO, Vanessa Violato. O homem e a sua criação. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 78, p. 2, maio, 1997.

FOCO POPULAR. [S.l: S.n], Ano XI, n. 185, maio 2015.

HOMENAGEADOS os Mártires Integralistas. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 8, abr./jun., 1990.

HOMENAGEM aos Mártires Integralistas. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 34, p. 6, maio, 1993.

IDENTIDADE do Alerta. *Alerta*, São Gonçalo, n. 26, p. 3, fev. 1998.

INTEGRALISMO - Programa Ferreira Netto. Disponível em:  
&lt;<https://www.youtube.com/watch?v=qg82nNvofR0>&gt;. Acesso em: 13 dez. 2018.

INTEGRALISTAS comemoram 66 anos do manifesto de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 34, p. 2, nov. 1998.

INTEGRALISTAS comemoraram o manifesto de outubro. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 4, out./dez., 1993.



INTEGRALISTAS! Vamos Fundar Núcleos da AIB em todo o Brasil? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 3, abr./jun., 1990.

JACKSON de Figueiredo. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 51, p. 2, nov., 1994.

JORNAL FOCO POPULAR. *Rio+20 pode repetir a Rio 92*. [post] 19 fev. 2012. Disponível em: <<http://focopopular.blogspot.com/2012/06/rio20-pode-repetir-rio-92.html>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

JUVENTUDE NACIONALISTA BRASILEIRA. Marcha Nacional. *Alerta*, São Gonçalo, n. 33, p. 3, set., 1998.

LIMA, J. L. Cerqueira. O Nome do Remédio. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 2, jan./mar. 1990.

LIMA, Cerqueira J. L. O que é Integralismo. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 5, abr./jun., 1990.

LIMA, J. L. Cerqueira. Carta Aberta aos Integralistas. *Renovação Nacional*. Rio de Janeiro, n. 85, p. 3, nov./dez. 1991.

LIVRETO alerta pais sobre TV. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 72, p. 2, out. 1996.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Somos da direita. *Alerta*, São Gonçalo, n. 7, p. 2, jun. 1996.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Confissão religiosa. *Alerta*, São Gonçalo, n.42, p. 3, dez. 1999.

MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Relembrando a data 11 de Maio. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 58, p. 2, jul., 1995.

MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Juventude, aonde vais? *A Voz do Oeste*, Lins, n. 61, p. 2, out. 1995.

MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. A opulência televisiva contrastada na realidade pobre do País. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 61, p. 2, out. 1995.

MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Homenagem aos sessenta e três anos do lançamento do Manifesto de Outubro de 1932. *A Voz do Oeste, Lins*, n. 63, p. 2, dez., 1995.

MAGALHÃES, Marcelo Albuquerque. Caríssimos companheiros, Anauê! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 65, p. 2, mar. 1996.

MAIS UM centro cultural o C.E.D.I. na internet. *Alerta*, São Gonçalo, n. 39, p. 4, set, 1999.

MANIFESTO de Outubro de 1932. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 3-5, jan./mar., 1995.

MARECHAL Rondon. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 67, p. 4, maio, 1996.

MEDEIROS, Jader. Vamos construir um Brasil novo? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 1, jan./mar., 1990

MEDEIROS, Jader. Missão Histórica de Renovação Nacional na Vida Brasileira. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 5, abr./jun. 1990.

MEDEIROS, Jader. Insistimos na Consulta aos Integralistas de todo o Brasil: - Renovação Nacional Deve Continuar Circulando? *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 8, abr./jun., 1990.

MEDEIROS, Jader. Os Militares Defendem a Amazônia: Ocupar Para Não Entregar. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 1, jul./ago. 1991

MEDEIROS, Jader. Amazônia: Forças Armadas Intransigentes na Defesa da Soberania Nacional. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 1, set./out. 1991

MEDEIROS, Jader. Internacionalizar a Amazônia? Nunca! *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, jan./mar. 1992.

MEDEIROS, Jader. Razões Evangélicas da Ação Política de Vantuil Amorim. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 2, abr./jun. 1992.

MEDEIROS, Jader. Companheiro: Renovação Nacional Precisa de Você. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 4, abr./jun. 1992.

MEDEIROS, Jader. O renascimento do movimento integralista. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 1, out./dez., 1992.

MEDEIROS, Jader. Querem Destruir as Forças Armadas do Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 3, jan./mar., 1990.

MEDEIROS, Jader. Repelindo aleivosias de... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 3, jan./mar., 1993.

MEDEIROS, Jader. O Integralismo na Vida Brasileira. *Renovação Nacional*. Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 4, jan./mar. 1993.

MEDEIROS, Jader. Democracia Orgânica para o Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 1, abr./jun. 1993.

MEIRELLES, Antônio Carlos de Souza. Civismo e patriotismo, no combate ao materialismo. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 65, p. 3, mar., 1996.

MENDEZ, Marcelo Santos. Brasil. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 97, p. 4, jan./fev. 1999.

MENDEZ, Marcelo. Brasil. *Alerta*, São Gonçalo, n. 37, p. 3, jul. 1999.

MENDEZ, Marcelo Santos. O integralismo é a favor da censura? *Alerta*, São Gonçalo, n. 36, p. 4, jun. 1999.

MENDEZ, Marcelo Santos. Homenagem a d. Carmella P. Salgado (1914-1989). *A Voz do Oeste*, Lins, n. 104, p. 4, set., 1999.

MENDEZ, Marcelo Santos. Como se funda um núcleo integralista? *Alerta*, São Gonçalo, n. 42, p. 1, dez, 1999.

MONDIM, Guido. O Inadiável. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 25, p. 2, jul. 1992.

MONTES, Eddy. Brasil, Pátria de Heróis. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 2, jul./set., 1993.

NETTO, Arthur Monteiro de Carvalho. Libertinagem. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 98, p. 3, mar. 1999.

NEULES, José de Freitas. Vontade política x caos econômico. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 36, p. 2, jul. 1993.

NEULES, José de Freitas. Enéas, o imperativo da hora presente! *A Voz do Oeste*, Lins, n. 93, p. 2, jun., 1998.

NOGUEIRA, Rubem. O homem e o muro. *Alerta*, São Gonçalo, n. 21, p. 1, set., 1997.

O 11 DE MAIO no Cemitério do Caju. *Alerta*, São Gonçalo, n. 36, p. 2, jun., 1999.

O INTEGRALISMO Retorna à Sua Autenticidade Histórica. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 1, jan./mar., 1993.

O LEVANTE contra a ditadura. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 67, p. 2, maio, 1996.

OS INTEGRALISTAS retornam às praças públicas do Brasil. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90, p. 4, jan./mar., 1993.

OLIVEIRA, Argemiro. O manifesto de 1932. *Alerta*, São Gonçalo, n. 8, p. 4, jul. 1996.

PELA reforma do homem rural. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 61, p. 1, out. 1995.

PEREIRA, Genésio Filho. O pensamento cristão de Plínio Salgado não pode ser deturpado. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 90 especial, p. 3, jan./mar., 1993.

PEREIRA, Genésio Filho. A anti-história da anti-humanidade. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 90, p. 2, jun., 1998.

PINTO, Abel Rafael. A decadência nacional. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 25, p. 1, jul., 1992.

POR UM mundo melhor: Fale Esperanto!. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 57, p. 2, jun., 1995.

R.C.C. Lins. *A Voz do Oeste*, Lins, n.53, p. 4, jan./fev. 1995.

R.C.C. - O que é ? *A Voz do Oeste*, Lins, n. 42, p. 4, jan. 1994.

- RELEMBRANDO 1932... *A Voz do Oeste*, Lins, n. 69, p. 1, jul. 1996.
- RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 77, jan./mar., 1990.
- RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 85, p. 1, nov./dez., 1991.
- RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 87, p. 2, abr./jun., 1992.
- RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 89, p. 1, out./dez., 1992.
- RENOVAÇÃO Nacional, Rio de Janeiro: [S.n.], n. 90, jan./mar., 1993.
- RESPONDA companheiro!. *Alerta*. São Gonçalo, n. 17, p. 3, maio, 1997.
- [ARTIGO SOBRE RIO/95]. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 25, p. 4, jul. 1992.
- ROCHA, Hélio, O nacionalismo. *Alerta*, São Gonçalo, n. 38, p. 4, ago. 1999.
- SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- SANTOS, Jackson. Caiu do Céu. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 38, p. 3, set. 1993.
- SEM TELEVISÃO o mundo seria muito menos violento. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 37, p. 1, ago. 1993.
- SILVA, José Alves e. Sou Estudante. Curso.... *Alerta*. São Gonçalo, n. 38, p. 2, ago., 1999.
- SIQUEIRA, Wilson. Crise. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 86, p. 3, jan./fev. 1998.
- TAGLIAVINI, Oswaldo. Um pronunciamento da História... *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 2, out./dez., 1993.
- TAGLIAVINI, Oswaldo. Por que Camisa Verde? *A Voz do Oeste*, Lins, n.69, p. 2, jul., 1996.
- TAGLIAVINI, Oswaldo. Querem dividir o Brasil... *A Voz do Oeste*, Lins, n. 75, p. 4, jan./fev., 1997.
- TAGLIAVINI, Oswaldo. Antecedentes do “Estado Novo”. *A Voz do Oeste*, lins, n.84, p. 3, nov., 1997.
- TAUYR, Emanuel Pedro. Carta Recebida. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 94, p. 2, dez., 1998.
- THOMAZ, Breno Alberto. [Muitos telefonemas chegaram...] *Alerta*, São Gonçalo n. 39, p. 3, set., 1999.
- TOGNOLLI, Claudio Julio. Irmão de Suplicy quer fim do PT. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 maio 1992, terceiro caderno, p. 1. Disponível em:  
<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=11701&anchor=4835364&origem=busca>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

QUEM somos. ABIM. Disponível em: <<http://www.abim.inf.br/pagina-exemplo/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

VASCONCELLOS, Sérgio de. Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 83, p. 2, jul./ago., 1991.

VASCONCELLOS, Sérgio de. Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 84, p. 2, set./out., 1991.

VASCONCELLOS, Sérgio de. Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 85, p. 3, nov./dez., 1991.

VASCONCELLOS, Sérgio de. Por que houve a revolução de 11 de maio? *Renovação nacional*, Rio de Janeiro, n. 86, p. 4, jan./mar., 1991.

VASCONCELLOS, Sérgio de. Homenageados os Heróis do 11 de Maio. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 87, p. 4, abr./jun., 1992.

VASCONCELLOS, Sérgio de. O Homem Integral. *Renovação Nacional*, Rio de Janeiro, n. 89, p. 4, out./dez., 1992

VASCONCELLOS, Sérgio de. Convergência nacional. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 29, p. 3, nov. 1992.

VIANNA, Hugo. Organizemos a Nação. *A Voz do Oeste*, Lins, n. 57, p. 2, jun., 1995.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1983.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia; (Orgs.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.
- ARAÚJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica os herdeiros do sigma*. 2012. 717f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.
- CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a revitalização e o esquecimento*. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.
- CALDEIRA NETO, Odilon. Integralismo contemporâneo ou Neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. In.: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga (eds.). *Las derechas en el cono sur, siglo XX*. Actas del quinto taller de discusión, Los Polvorines, 2014, pp. 82-112.
- CALDEIRA NETO, Odilon. Frente Nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. *Faces de Clío, Juiz de Fora*, v. 2, nº 4, p. 20-36, jul/dez, 2016.
- CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no processo político brasileiro - o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) - Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF/UNIOESTE, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.
- CALIL, Gilberto Grassi. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, v. 30, n.1, p. 65-86, 2010.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Participar pela direita: o novo integralismo e o direito de defender a negação de direitos numa outra “democracia”. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATROGA, Fernando. Pátria, nação, nacionalismo. In.: TORGAL, Luís; PIMENTA, Fernando; SOUSA, Julião (coord.). *Comunidades Imaginadas: nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 9-39.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 2.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta, 1993.

DELFO Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Guia de Fontes Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular* – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul de 2015. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=aibprp-guia-de-fontes>>. Acesso em: 2015.

DETIENNE, Marcel. *A identidade nacional, um enigma*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DOTTA, Renato de Alencar. Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo (1932-1938). in.: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Mauricio (Orgs.). *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismos, nazismos e fascismos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 347-364.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 217-244, Set. 1999.

ENÉAS FERREIRA CARNEIRO. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneas-ferreira-carneiro>. Acesso em: 28 jul, 2018. Verbetes.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In.: VICTOR,

Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 47-64.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico-cultural minuíano a acervo AIB/PRP (DELFO/PUCRS). In.: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (Org.). *Centros de Documentação e Arquivos: Acervos, Experiências e Formação*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 95-112.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. *Patterns of Prejudice*, v. 37, n. 1, p. 27-50, 2003.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London; New York: Routledge, 2006. [sem paginação]

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Press, 1985.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.

LUCA, Tânia Regina de. Revolução de 1930. In.: BITTENCOURT, Circe (Org.). *Dicionário de datas da história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 229-233.

MADEIRA, Rafael Machado; QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Da "direita envergonhada" às bancadas "evangélica" e "da bala": os caminhos da representação política do conservadorismo no Brasil. Encontro Anual da Anpocs, 41, 2017, Caxambu-MG, Anais..., Caxambu-MG: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2017. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt05-28/10637-da-direita-envergonhada-as-bancadas-evangelica-e-da-bala-os-caminhos-da-representacao-politica-do-conservadorismo-no-brasil/file>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

MAGNOLI, Demétrio. Política Externa. In.: PINSKY, Jaime (Org.). *O Brasil no contexto: 1987 - 2007*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 47-62.



MAIA, Tatyana de Amaral. Civismo e cidadania num regime de exceção: as políticas de formação do cidadão na ditadura civil-militar (1964-1985). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n.10,jul./dez. 2013.

MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja? *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 3, nº 1, p. 169-186, jun. 2003.

MEMÓRIA GLOBO. Roque Santeiro. *Censura*. c2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/roque-santeiro/censura.htm>> Acesso em: 21 ago. 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. 372 f. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

NABUCO, Joaquim, *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e História: A problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez., 1993.

PASQUINO, Gianfranco. Crise. In. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1. p. 303-306.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RAMOS, Alexandre, Pinheiro. *Intelectuais, carisma e ação integralista brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

RÜSEN, Jörn; JAEGER, Friedrich. A cultura da memorização na história da República Federal da Alemanha. In.: RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 89-146.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, v. 15, n. 3, p. 11-28, 1 jan. 2004.

SCALZO, Marília. Comportamento. In.: PINSKY, Jaime. *O Brasil no contexto: 1987 - 2007*. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2007. p. 183-196.

SCHUDSON, Michael. *Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEMANA de Arte Moderna (1922: São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

SIMÕES, Renata Duarte. *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)*. 2009. 185 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SMET, Walter. *Eu faço um mundo novo*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

STERN, Ilka. Revolução Constitucionalista de 1932. In.: BITTENCOURT, Circe (Org.). *Dicionário de datas da história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 163-167.

TENENTISMO. In: DICIONÁRIO da Elite Política Republicana (1889-1930). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TENENTISMO.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo II*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRINDADE, Héliqio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

TRINDADE, Héliqio. *A tentação fascista no Brasil: Imaginário de dirigente e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VERDE-AMARELOS. In.: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/ArteECultura/VerdeAmarelos>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

VIANA, Giovanni Noceti. *Orientar e disciplinar a liberdade: Um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas - 1934/1937*. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VIANA, Giovanni Noceti. “Um Cadinho de Caracteres”: aproximações sobre a juventude integralista (1934-1937). In.: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 65-82.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O Integralismo nas Águas do Lete: História, Memória e Esquecimento*. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

VICTOR, Rogério Lustosa. O Tempo como labirinto: o Integralismo no pós-guerra. In.: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 203-218.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. A década de 20 e a gênese das ideias autoritárias no Brasil: o jovem Francisco Campos. In.: PAREDES, Marçal de Menezes. et al. (Org.). *Dimensões do Poder: história, política e relações internacionais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 115-134.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)